



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ESCOLA, LÍNGUA E IDENTIDADE CULTURAL:
COMUNIDADE MAKUXI RAPOSA I

CELINO ALEXANDRE RAPOSO

MANAUS
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CELINO ALEXANDRE RAPOSO

**ESCOLA, LÍNGUA E IDENTIDADE CULTURAL: COMUNIDADE
MAKUXI RAPOSA I**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, Linha de Pesquisa 1 – Processos Educativos e Identidades Amazônicas.

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Augusta C. de Medeiros Weigel.

R219e

Raposo, Celino Alexandre.

Escola, língua e identidade cultural : comunidade Makuxi Raposa I. –
Manaus, 2009.

120 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Augusta C. de Medeiros Weigel.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do
Amazonas, Programa de Pós-Graduação em Educação.

1- Escola - Identidade. 2 - Transformação cultural. 3 – Comunidade
da Raposa I. 4 – Makuxi. I - Título. II - Weigel, Valéria Augusta C. de
Medeiros (orientadora).

CDU 397(=1-82)(811.4)

Maria de Fátima Andrade Costa - CRB-11/453-AM
Bibliotecária/Documentalista (UFRR)

CELINO ALEXANDRE RAPOSO

**ESCOLA, LÍNGUA E IDENTIDADE CULTURAL: COMUNIDADE
MAKUXI RAPOSA I**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas, como parte do requisito para a obtenção do título Mestre em Educação, Linha de Pesquisa 1 – Processos Educativos e Identidades Amazônicas.

Aprovado em 23 de outubro de 2009.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Valéria Augusta C. de Medeiros Weigel - Presidente
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. Elder José Lanes - Membro
Universidade Federal de Roraima

Profa. Dra. Nilza Pereira de Araújo - Membro
Universidade Federal de Roraima

DEDICATÓRIA

À Vitalina da Silva, minha mãe, mulher forte e dedicada na educação de seus filhos e luta pela sobrevivência; A meu pai Dalicio Viriato Raposo, ao lado de minha mãe que soube construir uma família unida na fé.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela chance dada para que este trabalho fosse realizado.

À Nossa Senhora Aparecida que me cobriu de benção maternal e me fez confiante nos meus estudos.

Aos professores, pela dedicação, esforço, disponibilidade e tolerância para repassar conhecimentos para a minha formação.

Aos meus pais pela primeira educação que serviram para a base da minha vida no dia a dia.

A minha orientadora Profa. Dra. Valéria Augusta C. de Medeiros Weigel, pela paciência e carinho na condução das propostas deste trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas pela acolhida na realização de Estudo e Pesquisa.

Ao Prof. Dr. José S. B. Horta e sua esposa Dra. Rosa Helena Silva Dias, amigos do peito pela força dada neste curso.

Ao tuxaua Gabriel da Comunidade Raposa I e o seu povo pela ajuda para a construção deste trabalho.

Ao tuxaua Aluim e sua esposa Idalece e ao seu povo pela acolhida e ajuda nos trabalhos desta Dissertação.

Ao Prof. Dr. Elder José Lanes pela força e ajuda recebida nos momentos de aflições e por ser um grande companheiro.

Ao Prof. Marcos e demais professores do Instituto Insikiran pela força e contribuição.

A Profa. Mestre Leogete pela grandiosa ajuda nos trabalhos desta Dissertação.

À Profa. Áurea pela sua amizade e dedicação aos povos indígenas.

Ao motorista Sr. Domingo pelas caronas nas horas mais precisas.

Aos colegas do Curso de Mestrado pela ajuda e força nas horas difíceis.

A minha esposa Arissádina e aos meus filhos e parentes por acreditarem no meu desafio.

*Educar não significa ensinar as técnicas necessárias, mas ensinar os valores.
Não podemos crescer sem aprender os valores das nossas tradições que são:
RESPEITO – Todos devem respeitar uns aos outros e a natureza.
UNIÃO – sem a união não há força para melhorar a vida de todos.
PARTILHA – dividir o que temos com os parentes é um gesto de amor.
PAZ – todos os homens devem promover a paz.
Assim falava o meu Tio Viriato Raposo.*

Dalicio Viriato Raposo

RESUMO

Este trabalho é uma reflexão sobre as transformações culturais ocorridas na comunidade Raposa I, no período dos anos 50 do século XX, até os dias atuais (século XXI). A importância deste se dá pela relevância de um estudo específico sobre esta localidade no âmbito do tema *Escola, Língua e Identidade Cultural na comunidade makuxi Raposa I*. A preocupação em desenvolver esta pesquisa na maloca da Raposa I começou desde a minha juventude enquanto morador. Nesse período comecei a perceber que a cultura tradicional daquela localidade estava em contínua transformação. A comunidade Raposa guarda segredos da vida dos Makuxi dos antepassados os quais ainda não são estudados e que precisam ser escritos e documentados não se alcançaria a maior parte desse processo. Nesse estudo, atentamos, primeiramente, para cinco moradores (os mais velhos) sobre a vida antes da implantação da escola. Em seguida também foram entrevistados seis professores nascidos na comunidade, os quais foram alunos nas três primeiras décadas após a inserção da escola, de 1950 a 1970 e, por fim, com os cinco alunos do Ensino Fundamental e cinco do Ensino Médio com intuito de entender suas expectativas como aluno. Para tanto, utilizamos as vozes dos sujeitos como expressão representativa das transformações e identidades e como recurso metodológico, as entrevistas e acrescido a estas, os princípios da pesquisa bibliográfica. Os resultados apontam que a escola tem contribuído para que a cultura dos não índios fosse aceita resultando na transformação ou renovação cultural da população da comunidade Raposa I.

Palavras-chave: Escola. Identidade. Transformação cultural. Comunidade da Raposa I. Makuxi.

ABSTRACT

This work is a reflection on the cultural transformations in the community Raposa I, during the 50's of the twentieth century to the present. The importance of this work is given by the relevance of a specific study on this location under the theme School, Language and Cultural Identity in the Makuxi Indigenous Community Raposa I. The concern in developing this research in the village of Raposa I got from my youth as a resident. During this period I began to realize that the traditional culture of that locality was in continuous transformation. The Community Raposa guard the secrets of Makuxi ancestors' life, whose even if they studied did not reach most of this process. In this study, we look first for five residents (most old people) about life before the establishment of the school. Then we consulted six teachers born in the community who were students in the first three decades after entering the school, from 1950 to 1970, and finally, with five elementary school students and five high school in order to understand their expectations as a student. We used their voices as an expression representative of the transformations and identities and as a methodological approach, the interview and added to these, the principles of literature. The results indicate that the school has contributed to the culture of non-Indians were accepted resulting in the transformation or renewal of the cultural population of the Raposa I.

Keywords: School. Identity. Cultural transformation. Community Raposa I. Makuxi.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Mapa da àrea Raposa Serra do Sol.....	32
Figura 2 -	Casa de Makui.Tepui Kukenán.....	34
Figura 3 -	Monte Roraima.....	94

LISTA DE SIGLAS

CIDR	Centro de Informação Diocese de Roraima
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IBASE	Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas
LDBEN	Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação Cultura e Desportos
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
NEI	Núcleo de Educação Indígena
OIT	Organização Internacional do Trabalho
PNE	Plano Nacional da Educação
RCNEI	Referencial Curricular Nacional de Educação (1988)
R.S.S	Raposa Serra do Sol
SECD	Secretaria de Educação Cultura e Desportos
SPI	Serviço de Proteção ao Índio

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	A EXPERIÊNCIA VIVIDA NA COMUNIDADE INDÍGENA RAPOSA I	16
3	OS MAKUXI	22
3.1	Os Makuxi no estado de Roraima	22
3.2	Os Makuxi: a primeira ocupação da área da Raposa	27
3.3	O contato com os não índios	29
3.4	Localização geográfica e a população da comunidade Raposa I	32
3.5	Estrutura da comunidade e sobrevivência	34
3.6	Organização Política e Social	38
4	PROCESSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO TRADICIONAL NA COMUNIDADE RAPOSA I	40
4.1	Educação indígena: homem e sociedade	40
4.2	A Educação Escolar Indígena: a escolarização dos Makuxi da Raposa I	44
4.3	Uso das plantas no processo de educação indígena	56
4.4	As orações de benzer na formação da educação Makuxi	59
5	A LÍNGUA MAKUXI: A MARCA TRANSCENDENTE DA IDENTIDADE DO POVO MAKUXI	66
5.1	O panorama das dificuldades sobre o uso da Língua Makuxi no dia a dia	66
5.2	Os subgrupos do povo Makuxi e o dialeto	68
5.3	A importância da língua tradicional para a cultura do povo Makuxi	69
5.4	Por que aprender a Língua Nacional?	73
6	COMUNIDADE E CULTURA	76
6.1	Comunidade Raposa I: concepção de cultura Makuxi e a educação	76
6.2	Povo Makuxi: uma apreensão sobre a cultura, comunidade e escola	81
6.3	Mito de origem da Raposa	90
6.4	“Areruya”: a religião dos Makuxi do campo (ramonoko’)	91
6.5	A diferenciação do areruya da região das serras e da região do lavrado	95
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
	REFERÊNCIAS	100
	APÊNDICE(S)	103

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é o resultado da análise sobre a comunidade Raposa I partindo das transformações culturais de sua população a partir de meados do Século XX até a primeira década do século XXI.

O tema escolhido para esta abordagem foi **“Escola, Língua e Identidade Cultural: Comunidade Makuxi Raposa I – Área Indígena Raposa Serra do Sol”**, razão pela qual foi o meu interesse em abordar a comunidade indígena, berço onde nasci e vivi até aos 24 anos.

Assim sendo, a área também pertence a uma região historicamente conhecida como das mais antigas que guarda muitos segredos da vida do povo Makuxi, desde os tempos mais remotos. Ali, ainda podemos encontrar pessoas que conhecem as histórias, as lendas, a religião, os mitos e as crenças antigas das quais a população mais jovem desconhece.

Muitos acontecimentos surgiram ao longo da vida dessa população, boa parte deles ainda estão guardados na memória dos mais velhos, embora não sejam transformados em materiais de leitura e pesquisa. Contudo, com as informações dos idosos que moram nesta localidade e de outros informantes, deixei que elas me levassem pelas trilhas traçadas em suas memórias, indo de encontro a fatos e acontecimentos que ocorreram neste espaço da comunidade. Memórias que marcaram a vida dessa população sejam nos tempos bons ou difíceis, em que este povo lutou pela sobrevivência física e cultural, tanto antes com povos rivais da região e depois os colonos brancos.

Conforme as pesquisas feitas em depoimentos, estão notados destaques em torno do título “Escola, Língua Identidade Cultural: Comunidade Makuxi Raposa I”. Neste sentido, procurou-se na medida do possível fazer um apanhado da vida histórica da Raposa I e registrar os acontecimentos ocorridos no local antes¹ e no pós-contato² com os não índios para finalmente obter a conclusão sobre as transformações ocorridas. A intenção sobre a compreensão paradoxal entre as diversidades culturais da população da Raposa I, atenta para uma das tarefas da descrição da transformação do passado e o mundo vigente.

¹ Trata-se período em que ainda não havia brancos na região.

² Refere-se período em que os brancos começaram a adentrar na região da Raposa I.

A pesquisa envolve diferentes sujeitos, discentes, docentes e idosos (ver Apêndice).

A área de abrangência foi a Escola Estadual Indígena “João José Viriato Raposo” e algumas residências da localidade. As entrevistas ocorreram em vários lugares de forma mais discreta, na tentativa de deixar os entrevistados bem tranquilos sem receio, haja vista, muitos pesquisadores têm passado na localidade coletando dados para suas pesquisas e alguns dos entrevistados acreditam que esse procedimento é apenas para lucrar, enquanto o entrevistado continua sem retorno.

Enquanto pesquisador, a minha preocupação seria fazer entende-los, que um trabalho dessa natureza tem a sua importância para estudantes do curso superior e alunos do ensino médio e fundamental, uma vez, sendo aluno devem fundamentar seus conhecimentos através de pesquisas, é um método antigo para estimular os estudantes a entender o seu próprio mundo.

Na comunidade, poucos jovens falam a língua Makuxi, por esta razão a entrevista ocorreu em língua nacional e com os discentes e idosos a entrevista ocorreu em língua Makuxi. O interesse pela pesquisa não ocorreu apenas na fase deste curso, a princípio, ela ocorreu também durante a minha infância, principalmente nos anos 70 e 80.

Nessa época, enquanto morador, procurava ouvir história sobre a formação da Raposa 1 com os idosos. Os principais sujeitos foram Viriato Raposo, Damiana Raposo, Hermínio Henrique, Abel Raposo, Trajano Raposo, Melania Henrique, Dalício Viriato Raposo, Jaime Felipe, Caetano Raposo, Leonardo Fidelis, Armando Fidélis, Aluim Henrique, Idalece Fidélis, Domingos Batista, Laíza Batista e Vitalina da Silva e outros.

Ainda aluno, na época em que cursava a 1ª à 4ª series do Ensino Fundamental, iniciei o meu interesse em questionar sobre o passado da comunidade e gostava de ouvir as histórias com os mais velhos com muita atenção. Alguns dos contadores de histórias foram os verdadeiros professores, pois, além de saber falar bem a língua eles sabiam contar bem histórias. Cada adulto e idoso tinha uma ideologia sobre a visão do mundo, enquanto os mais jovens estavam muito enganados com os conhecimentos dos brancos e esquecendo os conhecimentos de seus ancestrais.

Os mais importantes dos acontecimentos que marcaram o início das transformações foram a construção de estradas ligando a comunidade, implementação do projeto agrícolas mecanizadas, implantação de escola até o ensino médio e superior, energia e as eleições.

A inserção das escolas de Ensino Fundamental e Médio, a regularização de documentação (registro de nascimento, identidade, CPF, título de eleitor) e a criação de urnas e sistema de votação eletrônica, são acontecimentos que marcaram profundamente uma nova tendência da política na comunidade.

Foi possível constatar que a partir de tais acontecimentos, na comunidade Raposa I, nos anos 70 e 80, o aceleração dos meios tecnológicos e o crescimento de oportunidades de emprego gerando uma característica de reelaboração³ cultural da população local.

Conforme Laraia (1996, p. 61): “O homem é um animal e, como todos animais deve manter uma relação adaptativa com o meio circundante para sobreviver”.

Dentro do ponto de vista de Laraia, o homem se adaptou e continua se adaptando as novas realidades, conforme suas necessidades e com as novas descobertas. A população da Raposa I manteve a sua cultura originária até o início do contato com os não índios. Daí os costumes, as crenças, as histórias, mitos e principalmente, a língua Makuxi foram sendo substituídos pelos os dos brancos.

As tendências de novos hábitos, culturais e sociais passaram a preocupar os mais velhos (ver entrevista em anexo com o senhor Lourival Fidelis 60 anos nos últimos parágrafos), que segundo qual, em suas percepções, os jovens contemporâneos, a cada momento do dia a dia estão perdendo os conhecimentos tradicionais. Ainda anos 80, os pais se comunicavam com seus filhos em sua própria língua, após esse período nota-se que a língua nacional passou a ser substituída pela língua nacional.

Muitos dos pais incentivavam seus filhos a estudar para não continuar como agricultor, mas para conseguir um emprego que seja mais confortável⁴. Todo isso significa que os jovens e crianças já estavam vivendo o mundo diferente de seus

³ Termo usado a apropriação da cultura não indígena na comunidade Raposa I, ou seja, o índio não deixou de caçar, mas se apropriou da arma de fogo em vez de arco e flecha para realizar as caçadas. O índio hoje pesca com malhadeiras, tarrafa de seda em vez do uso de jiquí, tarrafa de pau, timbó.

⁴ Nos anos 60 e 80 os pais incentivavam a seus filhos para concluírem seus estudos com a finalidade de o mesmo ter um bom emprego.

antepassados, pois já se falava de emprego, de trabalhos remunerados, onde, somente através dos estudos a vida teria chance de ser melhor no futuro.

Embora, houvesse dualidade de ideias sobre a visão de mundo entre os idosos (60 anos em diante), e os jovens e adultos, o que se chamou de “princípios de conflitos”. Este conflito está inserido no processo muito amplo e difícil de haver explicação. Os jovens e adultos parecem ter uma aproximação de ideias mais próxima da realidade de hoje, enquanto os idosos se preocupam em manter a cultura propriamente dita, principalmente a língua Makuxi.

Dentro dos objetivos da proposta deste trabalho procurei analisar o processo histórico da educação escolar na comunidade Raposa I visando à compreensão das diversas transformações do mundo cultural e da identidade por ela mediadas; Identificar os projetos de homem e de sociedade que tem sido trabalhado pela escola (currículo, conteúdos, objetivos, fins); Verificar práticas pedagógicas que contribuíram e contribuem para as transformações culturais, bem como as práticas escolares na construção da identidade Makuxi; apreender como a comunidade Raposa I e suas associações compreendem a cultura Makuxi.

Ao realizar esta pesquisa pretendi seguir abordagem qualitativa e etnográfica que dará segurança na compreensão e explicitação da realidade da área estudada. Além disso, será feito o aprofundamento de questões socioculturais vivida na comunidade Makuxi.

Como o processo investigativo baseou-se na interpretação e compreensão dos significados das falas em depoimentos tomando como resultado de um processo sociocultural a partir do contexto histórico e uma visão da realidade. Para tanto se fez necessário à utilização do método hermenêutico-dialético da qual o conhecimento baseia-se na interpretação e compreensão dos fenômenos investigados considerando a localização, e o histórico sociocultural da comunidade Raposa I. O método escolhido tem uma estreita fundamentação metodológica com os objetivos deste projeto, pois ele enfatiza a diferença, o contraste, destaca a mediação, o acordo e unidade de sentido, Minayo (1994).

Os conteúdos deste trabalho estão divididos em seis capítulos, no primeiro é a parte introdutória, com um breve resumo sobre o trabalho. No segundo capítulo trata sobre a experiência vivida na comunidade indígena Raposa. No terceiro capítulo sobre o perfil dos Makuxi partindo dos assuntos gerais e finalmente para os Makuxi da localidade estudada; o quarto capítulo, diz respeito à história da educação

tradicional e da educação sistematizada e as implicações; no quinto capítulo apresento a língua como o instrumento principal da identidade do povo Makuxi e que por força das tradições da cultura majoritária ocidental pode provocar o desuso total da língua e finalmente ocorrer o desaparecimento; e no sexto capítulo tive a intenção de analisar do que seja a cultura para a comunidade Raposa I e como pensam a respeito da escola na comunidade.

A minha intenção foi a de analisar diversos fatos vivenciados pela população desta comunidade e de que forma remodelaram suas concepções, suas visões do mundo e das apropriações da cultura dos povos lusos brasileiros.

Espera-se que, por este meio os futuros pesquisadores, acadêmicos, professores e alunos das comunidades indígenas e da população em geral reconheça uma parte do passado da comunidade da Raposa I.

2 A EXPERIÊNCIA VIVIDA NA COMUNIDADE INDÍGENA RAPOSA I

Neste capítulo do trabalho, abordo sobre o perfil da minha vivência na comunidade Raposa I. Viver numa comunidade indígena, é viver uma outra realidade diferente. Cada vivência num dado espaço tem suas especificidades baseadas nas experimentações do dia-dia. Desta forma, quem mora na zona urbana, segundo as adaptações, terá uma lista de vantagens. Muitas pessoas migram para centros urbanos em busca de uma vida melhor, sejam na área de saúde, meios trabalhos, tecnologia e outros.

Enquanto morar numa comunidade indígena, segundo muitos comentários, tem suas regalias, como ter mais descanso, alimento natural, ter mais autonomia, enfim ter mais liberdade. Por outro lado, as desvantagens são: a falta de transporte, falta agente de saúde, médico e medicamentos.

A intenção de falar sobre a minha vida na comunidade Raposa I, se dá também por questão ufana e por ter nascido e vivido nela e tido muitas experiências. Além de tudo, pouco se sabe a respeito da sua formação, das conquistas e das raízes culturais. Em algumas vezes tenho tido um desagradável momento quando as pessoas da cidade questionavam sobre a vida na comunidade. Inicialmente, achava que conhecia toda realidade da minha própria comunidade, infelizmente não conhecia melhor que hoje, graças a esta pesquisa que abriu o caminho para a melhor compreensão sobre a sua origem e o espaço de tempo tido até aos anos 90.

Considero período da minha infância na Raposa I, um período de transição e transformações na comunidade no que tange o mundo cultural dessa população. Alguns fatores podem ser considerados como fio condutor para os possíveis acontecimentos.

Primeiro fator está associado à invasão das terras onde estão localizadas as comunidades indígenas, inserção de tecnologia, educação sistemática e o contato permanente⁵ de indígenas com os brancos. Muitos fazendeiros e posseiros usaram várias estratégias para demarcar área na terra indígena para a criação de gado. Dentre outros alguns são bem conhecidas, a aproximação do branco através do

⁵ Diz-se da entrada das primeiras campanhas eleitorais nas comunidades, muito movimento, além dos missionários que já viviam trabalhando em todas as localidades. Havia também muitos eventos comemorativos na Raposa I e a abertura de estrada que dá acesso a Boa Vista, Pacaraima e Normandia. A expansão das fazendas de criação de gado.

casamento com mulheres indígenas, o apadrinhamento de crianças indígenas que tornariam os brancos os legítimos membros da comunidade.

Essa aproximação dos brancos provocou várias situações. As terras onde os parentes produziam estavam sendo invadidas. O gado invadia as plantações nas roças tirando sossego dos parentes.

A segunda parte envolve a implantação da educação escolar sistemática embasada na ideologia do Estado. Os direitos e interesses indígenas eram negados e não havia como defendê-los e isso foi acarretando problemas no processo de auto discriminação da identidade culminado com a negação da identidade própria.

A Raposa I historicamente, era autônoma, mesmo sem ter uma escola sistematizada, sem igreja, sem patrão, sem emprego, conforme no que diz o senhor Lourival Fidélis (60), em seu depoimento (ver em anexo, primeiro parágrafo). A população se dedicava na produção de milho, mandioca, feijão, arroz, cará, mamão, melancia, abóbora, cana, banana, pimenta, etc. Não havia preocupação com a educação escolar na época da minha juventude, segundo ele. Eu e os outros jovens trabalhávamos nas atividades comunitárias, juntos com os adultos.

As famílias tinham alimentos suficientes para o ano todo. Nesse período os Makuxi da Raposa I não dependiam do auxílio do governo, como se percebe em nossos dias. Os idosos acima de 60 anos não eram aposentados na época, mas tinham como manter suas famílias. Vale ressaltar que a população era bem menor que a de hoje. Com o funcionamento do ensino de 1ª a 4ª série primária a maioria dos jovens permaneciam na comunidade e outros migravam para os centros urbanos em busca de um futuro promissor.

Os jovens que permaneciam na comunidade, após a conclusão da 4ª série continuavam às atividades normais da comunidade, da qual alguns deles formavam famílias. Esse processo durou até o meado dos anos de 1980, quando foi implantado o ginásio na Raposa I. A partir daí os alunos passaram a conviver o maior de seu tempo na escola, no centro da comunidade.

Esse novo modelo de ocupação dos jovens provocou desequilíbrio na produção de alimento anual na comunidade. Além disso, as crianças e jovens ficaram sem o acompanhamento pela parte dos pais durante o período de aulas em casa, pois eles (os pais) estavam na roça. Apenas nos finais de semana é que os pais voltavam para o centro junto de seus filhos.

Para a melhor compreensão dos fatos, a Raposa I tinha uma área de produção situada na região das serras, sentido norte, a uma distância de 30 km. Antes da implantação da escola pelo governo, as famílias se dedicavam na agricultura de segunda a sexta-feira como foi mencionado antes. Havia uma programação permanente onde os finais de semana eram realizados cultos tradicionais e cultos dominicais, incentivados pelos missionários católicos.

Em cada domingo, na hora do culto a igreja sempre estava lotada. Para esta realização dos cultos e rituais religiosos a maioria da população vinha das áreas agrícolas nos finais de semana para Raposa I. Este costume não era diferente quando a comunidade promovia festas comemorativas, todos se concentravam para a realização das festas e eventos importantes.

Após a implantação da escola de 1^a a 4^a séries, nos anos 60, inicia-se a perda paulatina do ritmo dos costumes, principalmente no que se refere a efetiva participação dos jovens e crianças nas atividades da comunidade. Os alunos passaram a participar das atividades comunitárias somente nas férias ou nos finais de semanas.

Neste caso, observou-se que, quando os alunos não tinham como prosseguir seus estudos mais avançados, uns saíam fora da comunidade em busca de emprego, outros formavam famílias na própria localidade e continuavam juntos com os mais velhos nas na execução das diversas atividades local. Com a diminuição da mão-de-obra por motivo das atividades da escola a comunidade produziu pouco, não havia possibilidade de enfrentar trabalhos manuais com os adultos e velhos em função da redução de números dos trabalhadores, no caso os jovens.

Com a promessa do governo de implementação de projetos de roça mecanizada para a melhoria de vida, a comunidade acreditou na possibilidade de dias melhores de suas famílias. Após a implementação da agricultura mecanizada os resultados foram alcançados, porém não houve excedente suficiente para cada pai de família.

Cada pai recebeu vinte sacos de arroz com casca, mas não atendeu todas as necessidades. A situação ficou pior que antes, pois faltou a farinha, o beiju, o caxiri. Aliás, o povo indígena nunca sobreviveu da monocultura, ou um sistema plantation e sim da pluricultura. Embora um trabalho manual mas havia diversidades de culturas como a pimenta, abóbora, milho, batata-doce, mamão, cana de açúcar, cará, etc.

Este novo sistema de produção não continuou nos anos seguintes, a comunidade preferiu prosseguir a continuidade de produção manual. A ideia do Governo Ottomar, na época, era iniciar uma agricultura mecanizada continua e gerar renda para as famílias.

Em análise, quando um projeto não tem discussão prévia a tendência é a não alcançar os objetivos previsto no plano.

A partir daquela época, houve uma nova mudança, com a redução de trabalhadores na roça, para sobreviver, muitos pais de família passaram a comprar mantimentos na cidade, em vez de produzir como nos velhos tempos na própria comunidade. E também, surge a concepção de emprego. Alguns pais procuravam ganhar dinheiro através de diárias, e ou, fazendo biscates com funcionários públicos locais, e nas vilas e fazendas mais próximas. Observa-se que alguns pais de famílias não queriam voltar a trabalhar nos moldes antigos para sustentar a família, mas preferia vender a força de trabalho para atender suas necessidades.

Diante desses e de outros problemas locais a comunidade passou a participar das discussões em assembleias gerais desde os anos 70, na Missão São José no Surumu. O resultado só foi consolidar-se nos anos 90, com o magistério indígena e culmina com aprovação do Curso de Licenciatura para a formação de professores em 2003.

Com tantas discussões em reuniões, em torno das necessidades das comunidades a educação formal foi se materializando como um do importante fator para mudar a direção do destino da comunidade. A ideia na época, era de formar a todos afim de que, as pessoas pudessem aprender novos valores, direitos e deveres através da leitura e se defender na base da Constituição buscando a própria autonomia.

Este discurso era sempre lembrado nas reuniões e a luta pelo ensino do magistério e superior. Como já foi mencionado anteriormente, após o magistério foi criado o Curso de Formação Superior para professores e já se pensa sobre o curso de bacharelado em gestão territorial para alunos indígenas da capital e do interior a partir do ano 2010, em Boa Vista.

O processo do avanço da educação escolar indígena que inicia praticamente desde os anos de 1970 vem legitimar o seu papel o de transformar o ensino dos conhecimentos indígenas que outrora negado pelo sistema da educação Nacional.

A reforma da educação ocorrida nas últimas décadas é resultante da luta dos povos indígenas em parceria com os aliados da causa, os brancos (karaiwa) em nível nacional e local. Até nos dias de hoje se observa que, dentre outras pautas de reuniões e seminários indígenas se discute a educação escolar indígena e sempre ali estão os parceiros que apoiam a política educacional indígena.

Hoje, as populações indígenas em particular a comunidade Raposa I, acreditam que a educação é fundamental para preparar os jovens e crianças para o futuro. Antes se pensava que a educação escolar só servia para o sistema de mercado de trabalho, ou seja, conseguir emprego, e, no entanto, nos dias atuais se pensa que ela é importante em todas as circunstâncias da vida.

A escola Missão São José de Surumu, aonde conclui o ensino fundamental, tinha como objetivo principal a formação de lideranças para as comunidades indígenas. Como forma de educar os jovens para servirem suas comunidades os alunos tinham que se submeter às regras da Missão. As regras eram muito simples, como por exemplo, fazer as orações diárias, fazer limpeza no prédio pelas manhãs, tirar leite, cuidar dos porcos e frangos e fazer tarefas, pesquisas e leituras à noite, até as vinte e duas horas, todos os dias, exceto nos finais de semana.

Uma única regra a ser cumprida com rigor era a de não fazer visita a vila de Surumu. Muitos deixaram de estudar na Missão em função desta proibição e por não haver diálogo com o padre ou assistente responsável. A Vila de Surumu dista 600 metros da Missão cujos em dias de festas tradicionais ela se tornava muito atrativa e sedutora.

Relativizando no meu ponto de vista quanto as proibições não vejo como algo absurdo, mas uma maneira de fazer os jovens a manterem equilíbrio de suas emoções e de desejos e focar para o seu compromisso promissor. Obedecendo as referidas regras podia tornar os jovens compromissados com a sua comunidade e com a sua sociedade.

Graças ao professor Marcelino Raposo, da Comunidade Raposa I por me encaminhar para a Missão Surumu em 1977. Muitos dos estudantes indígenas se formaram na Missão e são professores nas comunidades indígenas.

No meu caso, ao voltar para a comunidade origem, Raposa I, trabalhei com a 2ª série no ano de 1982. Em 1984 foi destinado para comunidade Bananal, próximo ao Monte Roraima. Ali conheci muitos parentes Makuxi, Arekuna e Inkariko. As aulas aconteciam apenas pela manhã, à tarde os alunos estavam livres para ajudar seus

pais na roça ou no garimpo. Bananal é um lugar com lindas paisagens, cheias de caças, frutos silvestres e as pessoas ali viviam felizes, distante da cidade.

A cada período que trabalhei nas comunidades como professor foi ganhando experiências e percebi que a alimentação é um fator principal para que uma comunidade viva tranquila, sem conflitos.

A comunidade Bananal localizada a quase 300 km da capital, é uma comunidade tranquila. Os moradores viviam produzindo alimentos o ano todo através de mutirões⁶. Nos finais de semana, depois do culto, todos reuniam comidas e bebidas e partilhavam entre os presentes.

Em 1985 fui lotado na escola Marechal Deodoro da Fonseca, comunidade Canavial. No ano seguinte (1986) fui lotado na escola da Raposa I. Após quatro anos (1990) fui convidado para assumir a direção da escola da comunidade Vista Alegre. No ano seguinte (1991), fui convidado para trabalhar no Núcleo de Educação Indígena, em Boa Vista criado pela Secretaria de Educação do Estado no início da década de 1990.

Em 1992 fui convidado para ensinar a língua Makuxi no Curso de Extensão da Universidade Federal de Roraima. Logo surgiu a ideia de pedir a minha redistribuição para esta instituição por ser servidor do Ex-Território Federal de Roraima. Após seis meses com a documentação em tramitação, através do diário oficial, em 1994, passei a fazer a composição dos servidores da Universidade Federal de Roraima.

Esta minha história foi posta neste trabalho com finalidade de entender como os professores indígenas vêm encarando a vida profissional, tanto na comunidade como fora delas. A minha trajetória de vida e profissional se assemelha a de vários professores indígenas no Estado de Roraima, em pleno final do Século XX e início do Século XXI. Esse período temporal difere dos períodos dos anos 30 a 60, e após esse período quando se inicia o sistema da educação escolar na comunidade Raposa I.

⁶ Mutirão ou trabalho coletivo é uma maneira fácil de produzir ou trabalhar que os Makuxi usam como ferramenta para realizar os trabalhos pesados.

3 OS MAKUXI

Neste capítulo, segue-se abordagem do perfil da vida dos Makuxi em Roraima especificamente os da Raposa I, assim como a sua localização no estado de Roraima. Através desta exposição tento mostrar aos leitores os principais caminhos pelas quais a educação vem traçando o seu destino nesta localidade, partindo da educação tradicional Indígena Makuxi à Educação Escolar Indígena e suas perspectivas e repercussões na transformação cultural da população da Raposa I.

3.1 Os Makuxi no estado de Roraima

Os índios Makuxi vivem, em sua maioria, na região nordeste do estado de Roraima dividindo espaço com outras tribos também falantes da língua Karib e também com os wapichana que são de filiação aruaque (CUNHA, 2004, p. 15).

As áreas que hoje compreende Raposa Serra do Sol com 1.700.000 hectares, têm em sua formação geográfica, três tipos de áreas: os *campos* também chamados de lavrados, *serras* e *florestas*.

Cada comunidade indígena possui mapa mental de suas comunidades reconhecido pela região onde ela se insere. O mapa de cada comunidade ocorre a partir da aglomeração de casas. Os limites limite mentais acontece quase de forma natural, ou melhor, onde acontecem atividades de caçarias, pescarias, extração de madeiras, palhas de palmeiras, de solos para a confecção de cerâmicas.

Embora a área de cada comunidade não seja reconhecida formalmente, cada tuxaua, usando do respeito com a outra comunidade, faz uma combinação no diálogo. Não existe marcos postos pelos parentes nas dependências dos limites da área de uma comunidade, mas os rios, lagoas, depressões, relevos, servem como limites.

A estimativa da população Makuxi em todo estado de Roraima, conforme os dados de 1984 chegam aproximadamente 11.598 indivíduos (CUNHA, 2004, p. 15). Se considerarmos os que vivem na Guiana, o número sobe para 18 mil indivíduos (CIDR, 1989, p. 47). Já em 2000 a população chega a 16.500 indivíduos (RICARDO, 2000, p. 12).

O povo Makuxi faz parte do grupo do tronco lingüístico caribe que se divide em subgrupos: inkariko, arian, mo'naiko', aasepang, seru'ma, wíi', falando a mesma língua, porém com algumas diferenciações dialetais. Essa é a maior das razões que

eleva o número dos Makuxi historicamente como a maioria dos indígenas na região nordeste do Estado. Em segundo lugar os wapichana, povo de filiação linguística arawak com uma população de 10.000 indivíduos (FARAGE, 1997, p. 25).

Sendo assim, a população da maloca da Raposa é formada por várias etnias como os saporá, taurepang, arekuna e wapichana. No entanto, essas etnias representam um número menor que a força suas identificações como Makuxi, embora sendo descendentes de outras etnias. Além disso, sua língua materna é a Makuxi. Esse processo da mistura ocorreu através de casamentos entre tribos diferentes com os Makuxi, o que leva os filhos destes se identificarem como pertencente dos Makuxi.

Não se sabe quem morou na região da Raposa antes daqueles que fundaram a Raposa I, mesmo a senhora Damiana Raposo, 100 anos em 1987, não soube explicar se existiram outras pessoas na região dos campos antes da chegada de sua família para aquele lugar.

No entanto, foram encontradas urnas funerárias nas regiões das serras e muitas cerâmicas e materiais como pedras em forma de machadinhos, pedras arredondadas. Tudo isso significa que a região da Raposa foi habitada antes de Poman, famílias que fundaram a Raposa I. Ainda é possível encontrar urnas funerárias e cacos de cerâmicas espalhadas em algumas regiões, principalmente nas montanhas próximas.

Porém, há histórias que se tornaram lendas por serem muito antigas e a falta de pessoas que guardam na memória sobre os antigos conflitos intertribais. Mesmo com poucas informações dos mais velhos, podemos notar em seus contos sobre guerras entre outros grupos ou tribos, segundo o qual, nos ataques o vencedor poupava apenas as mulheres e crianças do sexo feminino e eram levadas para suas aldeias. Outros praticavam apenas as guerras com objetivo de mostrar sua hegemonia, a feitiçaria, a pajelança e a canaimismo⁷.

A educação tradicional dos Makuxi do antepassado, além de repassar os ensinamentos do dia-dia em casa, na roça, na caça e pesca se ensinava a técnica da guerra como forma de autodefesa. Para sobreviver, a tribo se exibia como cruéis no sentido de inibir seus inimigos. O importante, portanto, era a autodefesa não por

⁷ Prática de bruxos, assassinos de pessoas para satisfazer seus prazeres.

serem cruéis por natureza. Conforme afirma Teodor Koch-Grümbert, traduzido por Frank (2006, p. 61) que diz:

Trata-se de uma tribo de “kanaimé”, odiada e temida por todos os vizinhos, especificamente os seus arqui-inimigos, os Taulipang e Arekuná que consideram quase todos os falecimentos ocorrendo na própria tribo causados pela bruxaria daqueles.

Trata-se de um grupo de Makuxi Pichaukó que o próprio Grumbert afirma que foi destruído por outros grupos da região (FRANK, 2006).

O tuxaua Gabriel Sarmiento da Raposa I (47) defendia que todos os detalhes da história Makuxi deviam ser registradas, sem ao menos negar nenhuma parte dela, pois elas são partes dos antepassados Makuxi. As histórias felizes como as bárbaras pelas quais os Makuxi trilharam suas vidas, ao longo dos tempos como meios de sobrevivência são de suma importância para documentação, manutenção e preservação desses bens imateriais.

Como já percebemos, o mundo Makuxi guarda centenas de histórias que se tornaram lendas e mitos. De acordo com Aurélio (século XXI) lenda é: “narração escrita ou oral de caráter maravilhoso, na qual os fatos históricos são deformados pela imaginação popular ou pela imaginação poética”.

As histórias Makuxi e Wapichana lembram de algumas passagens, como por exemplo, a prática da antropofagia por um pequeno grupo. O Tuxaua Manoel da tribo wapichana da Comunidade Maruai, área indígena Médio São Marcos conhece muitas histórias sobre o grupo Ariyan que seus avós o contaram.

Uma outra história que faço questão de registrar é o caso de uma comunidade de mulheres guerreiras (wîriisimookoyamî), que viveram ao longo de muitos séculos na região da bacia do rio Branco. Estas mulheres exerciam atividades agrícolas, caça e pesca para a sobrevivência.

Para a manutenção, preservação e perpetuação do grupo, o costume era a realização de uma grande festa para atrair homens. A festa durava duas semanas e na ocasião as mulheres se deitavam com os homens durante a festa. Havia dança, comidas e bebidas. Após o período do evento os participantes voltavam para suas comunidades e ninguém podia permanecer na aldeia.

Desta forma, o contato das mulheres com os homens resultava na gravidez e no dia do parto as parteiras mantinham vivos as do sexo feminino enquanto a do masculino era morto.

As histórias Makuxi, portanto, parecem ser absurdas, mas existe em cada uma delas uma explicação convincente com a realidade daquele período. O canibalismo pode ter surgido no período de uma grande seca na região onde moravam os ariyan e para sobreviver não havia alternativa senão comer a carne humana. Enquanto o grupo de mulheres também se deduz que o machismo no passado pode ter mudado o comportamento das mulheres nos tempos remotos a fazerem escolhas pela própria autonomia.

Hoje, se acredita que desde os anos 70, os missionários iniciam uma política indigenista decisiva em Roraima. A primeira questão envolvia a devolução das terras para os índios, já que em grande parte de suas terras estavam sendo invadidas pelos não índios (fazendeiros e garimpeiros). Os missionários alegaram que a aproximação dos invasores nas comunidades indígenas poderia gerar mais problemas envolvendo terras e as formações de vilas e cidades e, conseqüentemente, causar a perda dos direitos indígenas sobre os territórios e a cultura.

Segundo Vieira (2007, p. 11): “[...] *não demorou muito tempo para que se estabelecesse o conflito, quase que permanente: primeiro com a igreja com os colonos e, posteriormente, com o próprio Estado*”.

As conseqüências mais notáveis do contato do índio com os não índios são várias, como a perda da língua tradicional, dos costumes, das danças, das histórias, dos mitos e de toda cultura que caracteriza a identidade originária indígena. Nessa mesma linha, pretende-se pontuar fatos que tiveram marcas nos períodos de contato na comunidade Raposa I e os que forçaram os moradores a negarem e perderem suas identidades culturais originárias.

Dentre alguns dos mais importantes considero: *a inserção da educação escolar, a introdução dos bens industrializados na comunidade, a ação e influência dos missionários, as campanhas políticas partidárias, o fluxo dos não índios na área indígena (garimpos, vilas, etc.) e os meios de comunicação em massa.*

Cada acontecimento tem causado transformações radicais no que tange ao comportamento dos Makuxi da Raposa I. O modo de produção, modo de falar, modo de pensar, de viver, de se divertir, de crer, de cura, enfim, de tudo o que faz parte da vida Makuxi.

É importante salientar que, as mudanças ocorreram pela cultura dominante. Isto já é presenciado nas obras de alguns autores que não faço questão de expor tal

assunto como, por exemplo, do “índio ser preguiçoso, *muita terra para pouco índio, que o índio que se diz índio não é um índio, pois eles usam roupas, relógios, óculos ray-ban, possuem fazendas e transportes*”.

Para certas pessoas, o índio seria, portanto, primitivo, que ainda vive a nudez, morador no seio de matas e sobrevive de caça e pesca, ou seja, um estereótipo negativo. Desta forma o índio só foi visto como inferior, incapaz, que só poderia desenvolver o papel de escravo, empregado e ou pessoas de fácil manipulação.

Essa concepção genérica parte de pessoas desinformadas sobre as culturas indígenas. A falta de conhecimento sobre as populações que tem a visão do mundo e organização própria os torne menos perceptíveis e acabam concordando com as generalizações populares e com os meios de comunicação.

Hoje a ciência mostra que é possível termos o olhar diferente para a pluralidade da humanidade, ou seja, ter o “reconhecimento da pluralidade de culturas, etnias, religiões, visões de mundo e outras dimensões indentityárias” (CANEN; MOREIRA, 1999, p. 12).

Em Roraima, em virtude da demarcação da área “Raposa Serra do Sol”, muitos populares tomaram susto com a retirada dos posseiros que viviam ilegalmente em território indígena. Cada discurso desagradável se ouvia durante o período da demarcação contra os índios e contra as autoridades que aplicavam as Leis em detrimento a demarcação da Reserva Raposa Serra do Sol.

Assim, não poderia deixar de fazer uma reflexão sobre o multiculturalismo que considera que a “pluralidade cultural no âmbito da educação e da formação docente implica, portanto, pensar formas de se valorizar e se incorporar às identidades plurais em políticas e práticas curriculares” (CANEN; MOREIRA, 1999, p. 12).

Ainda segundo Moreira, com relação à discriminação “não há quem hoje subestime os confrontos e os problemas decorrentes da presença maciça, principalmente nos países do chamado Primeiro Mundo, de grupos sociais cujas produções culturais, etnias, crenças, e condutas diferem das associadas aos grupos dominantes. Enquanto as formas de vida e a cultura desses últimos grupos são tidas como os únicos padrões aceitáveis, as dos outros, as dos marginais, são vistas como ameaça a homogeneização cultural perseguida, o que faz com que sejam desvalorizadas, desrespeitadas e reprimidas” (MOREIRA, 1998, p. 24).

Portanto, a preocupação deste trabalho é direcionada para busca das respostas para as situações e dramas emergentes que vivem a população da

comunidade Raposa a qual se encontra em risco o desaparecimento de sua cultura originária.

3.2 Os Makuxi: a primeira ocupação da área da Raposa

Conforme um pequeno relato sobre a história dos fundadores da Raposa I, abordado pelo professor Gerson Felipe Raposo⁸, década de 90, mostra a família do Poman da etnia Makuxi vinda da região do Amajari. Este grupo tinha o sistema de organização clânico. Naquela época o sistema de chefe funcionava da seguinte forma. Um ancião que constituísse o número máximo de filhos ou, uma grande família se tornava o poderoso e tinha o poder de voz e de vez, mas não era chamado chefe. Nesse sentido, os cunhados de Poman, que tinham poucos filhos procuraram se aliar com ele, o mais forte. Eu considero uma natureza que constitui um sistema de vida sem burocracia, mas uma forma de aceitar com respeito a condução do grupo pelo o mais forte ancião. Nesse sistema não há prisão, discriminação, desrespeito, escravização ou desmoralização mais respeito entre todos como se percebe na nossa contemporaneidade.

A população da Raposa surgiu nesse sentido. Um ancião conhecido por Poman casado com Siwoosiwo', tiveram maior número de filhos que contribuiu para formação da comunidade Raposa I. Os filhos de Poman e Siwoosiwo': Pirara, Militão, Viriato, Francisco, Alexandre, Chico e Wo'pa' (mulher).

É importante ressaltar que apenas os filhos da primeira geração da comunidade Raposa I, são identificados com nomes não indígenas e, algumas mulheres continuam com seus nomes por não haver necessidade de um nome português. Os homens ao contrário, são chamados pelos nomes não indígenas por que estes provavelmente começam a trabalhar como vaqueiros, prestando serviço nas fazendas e nos garimpos para o homem branco com a presença do povo branco.

Nesse sentido, os filhos da primeira geração chegaram a ter contato intermitente⁹ com os não índios por isso se percebe que os nomes não são indígenas. Encontra-se apenas no relato do professor Gerson Raposo nome

⁸ Gerson Felipe Raposo, professor Makuxi formado em Agrotécnica pela Universidade Federal de Roraima.

⁹ Roque de Barros Laraia classifica os índios, segundo os diferentes níveis de contato com o branco, em isolados, contato intermitente, com contato permanente e integrados (A temática Indígena na Escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º Graus. Org. Aracy Lopes da Silva e Luiz. D. Benzi Grupione, Brasília, 1995).

feminino indígena, como é o caso de “Wo’pa”, nome feminino que significa, ‘grande produtora de caxiri’.

Por outro lado, podemos levar em conta que os primeiros contatos eram apenas homens brancos sejam eles, fazendeiros e missionários e não mulheres, daí os nomes apenas masculinos e as mulheres continuaram preservando seus nomes até chegar o momento do casamento e, ou batizados na igreja. Na história, em algum momento, nenhum Makuxi foi batizado com o nome indígena. Desta forma podemos tirar a conclusão de que o sistema cultural dos europeus fora mais forte.

A igreja Católica batizou os indígenas na Raposa I com os nomes da cultura europeia. Após alguns anos de visita às comunidades indígenas os missionários complementaram os nomes com os sobrenomes. Alguma ideia surgiu que, os sobrenomes fossem o nome da própria comunidade. Dessa forma o nome de Damiana seria *Damiana Raposo*, Caetano Raposo, Abel Raposo, Alexandre Raposo. Passado algum tempo, os sobrenomes foram considerados o nome do avô e assim podemos perceber nomes modelos de nomes: Osvaldo Batista, Francisco Militão, Melânia Herique, Maria Neves. As comunidades vizinhas, Napoleão e Guariba passaram a usar o mesmo modelo de nomes. Assim se percebe alguns nomes, como é caso de *Marcos Napoleão*, *Davi Napoleão* e os nomes da comunidade Guariba, Francisco Guariba, Osvaldo Guariba. Nos anos 60 e 80 foram períodos de várias mudanças nas estruturas culturais e políticas.

A intensificação das criações de escolas em várias comunidades, as primeiras eleições para a escolha de governador, deputados, prefeitos e vereadores, a introdução de energia e meios de comunicação nas comunidades. Com esta nova tendência os nomes e sobrenomes das pessoas locais se tornaram diversos como podemos perceber *Maria da Silva*, *Reinaldo Fonteles*, *Denilson Fedelix*.

Voltando sobre os relatos sobre as primeiras populações os casamentos se deram da seguinte forma: o velho Poman com a esposa Siwoosiwo tiveram sete filhos. Pirara, o primeiro filho casou-se com Mo’pa¹⁰, da comunidade Napoleão. O segundo filho, o Militão casou-se com a jovem da Comunidade Guariba, comunidade próxima a Raposa I, cujo nome não foi lembrado. Viriato, o terceiro filho, casou-se com Damiana, jovem ariana de Maçarico, atual comunidade Xumina. Francisco, o quarto filho, casou-se com Isen, jovem da Guiana. Alexandre, o quinto filho, casou-

¹⁰ Mulher minhoca. O nome se deu por conta dos cabelos da referida jovem ser longos e ondulados com formato de várias minhocas.

se com Georgina, da comunidade Napoleão. Chico, o mais novo dos homens, casou-se com Dorica também de Maçarico. A Wo'pa, a única filha casou-se com Prantarai¹¹, jovem da comunidade Napoleão.

Esses casamentos deram origem a segunda geração cujos mais conhecidos foram os filhos de Viriato¹² e Damiana que foram os seguintes: Francisco Raposo, Catulo Raposo, Cândida Raposo, Gabriel Raposo (tuxaua geral), Agostinho Raposo, Abel Raposo e Caetano Raposo. Os filhos de Alexandre¹³ e Georgina foram: Teresa Alexandre, Marta Alexandre, Hermínio Henrique, Melania Alexandre, Dalicio Viriato Raposo, Maria Alexandre e Marcelino Raposo.

Os casamentos desta geração continuaram ocorrendo entre parentes da própria comunidade e de outras localidades vizinhas. Hoje, são aproximadamente 500 pessoas¹⁴ resultantes do processo de casamentos mistos onde aparecem indígenas e outras com marcas de cruzamentos de índios com brancos, de índios e negros e índios com índios.

3.3 O contato com os não índios

Como em tantas outras comunidades indígenas no Brasil, as mais populosas eram visitadas com diversos objetivos. No período colonial, dentro de uma política de assimilação, os objetivos no século XIX:

Eram pôr fim aos conflitos nas áreas de expansão da sociedade nacional, retirar os índios da área de atuação das frentes de expansão, valendo-se da constituição, junção e ou transferência de aldeamento, promover a sedentarização dos índios de forma a liberar suas terras para a ocupação por nacionais e a transformação dos aldeamentos em centro de abastecimentos de viveres nas rotas seguidas por viajantes, incentivar a rápida civilização dos índios através do ensinamento do cristianismo e transformar os índios em mão-de-obra aproveitável na agricultura. (GUIMARÃES, 2002, p. 28).

A Raposa era uma das comunidades mais populosa, no período do primeiro contato na região. Os primeiros colonizadores e missionários começaram a fazer constantes visitas com intuito de catequizar a população local e de outros interesses seja para invadir terras para criação de gado, ou para trabalhar nas áreas de garimpos e também para torna-los empregados.

¹¹ Nome de uma espécie de pássaro da região.

¹² Terceiro filho de Poman com Siwoosiwo.

¹³ Quinto filho de Poman e Siwoosiwo, meu avô.

¹⁴ Dados fornecidos pelo agente de saúde local.

O ex-tuxaua Dalicio Viriato Raposo¹⁵, 64, em 2008, um dos principais informantes, no pré-levantamento de dados para esta pesquisa, afirma que os missionários Católicos foram os mais que marcaram presença na Raposa I, tornando a localidade uma referência para a catequização das novas comunidades da região. Ele lembra que os missionários, por volta de 1958, cativavam os fiéis com vários tipos de brincadeiras, doação de lembrancinhas (terços, santinhos), e cânticos religiosos, sendo alguns cantados em latim e outros na língua portuguesa. Até hoje, Melânia Henrique, uma senhora com mais de 65 anos, moradora na maloca da Raposa I, católica, guarda e canta esses cânticos (mesmo aqueles cantados em latim) que aprendera no passado com os missionários católicos.

No início dos anos 70, lembra o Tuxaua¹⁶ Dalício, foi o período mais intenso no que se refere à presença dos não índios na Raposa. Muitos eventos comemorativos aconteciam de maneira livre, tais como os festejos de padroeiro local, a festa natalina e o início do novo ano. Nestas ocasiões, muitas pessoas iam de várias regiões do Estado roraimense para passar o período de festa. Durante esses festejos, os missionários realizavam casamentos e batizados. Os brancos promoviam corridas de cavalos, brigas de galos, forró e futebol. A festa durava mais ou menos uma semana. Tudo ocorria livremente, até mesmo a bebida alcoólica era permitida, hoje proibida nas comunidades indígenas.

As festas desse tipo, também aconteciam em outras comunidades populosas, como a maloca do Contão, baixo Cotingo, maloca do Barro, Surumu, Maturuca e nas regiões das serras. Essa aproximação seria uma estratégia, no início da ocupação dos brancos, desde os períodos da colonização em tornar os índios em cidadãos com interesses do estado, como bem argumenta Guimarães (2002, p. 28), citando Gagliardi (1989, p. 28):

Por meio do Decreto nº 426, de 1845, estabeleceram-se normas para administração das populações indígenas brasileiras, tendo em essência a finalidade de introduzir o indígena no modo de vida tipicamente europeu, transformando-o em trabalhador braçal e liberando, com isso, imensos territórios que originalmente eram seus.

¹⁵ Ex-Tuxaua da Comunidade Raposa de 1975 a 1988. O termo raposo tornou-se sobrenome dos que nasceram na comunidade Raposa.

¹⁶ Termo usado para designar o chefe da comunidade. Os índios Makuxi não tinham chefe como falam alguns dos não índios. Numa comunidade Makuxi o poder era dividido entre todos. Todos eram responsáveis de si próprios e de suas famílias. Autoridade comum.

Em função desse relacionamento os autores de livros, políticos e populares roraimenses consideram que esse período foi um *período pacífico entre índios e brancos* e acusam os missionários de terem feito a ruptura dessa relação harmoniosa.

A história popular, no sentido real não corresponde com a verdade dos fatos. O que tem ocorrido foi o início das invasões de terras e promoções de conflitos. Os indígenas não foram capazes de compreender o que estava acontecendo como afirma Luciano (2006, p. 17), na introdução do livro da *Coleção Educação para Todos*¹⁷:

Eles não eram capazes de entender a lógica das disputas territoriais como parte de um projeto político civilizatório, de caráter mundial e centralizador, uma vez que só conheciam as experiências dos conflitos territoriais intertribais e interlocais.

De acordo com as observações de Vieira (2007, p. 10), durante o período colonial, a igreja estava ligada ao Estado e, desta forma, procurava garantir o sucesso dos empreendimentos europeus:

[...] a presença da igreja católica tornou-se importante, pois nesse momento essa instituição era aliada do estado português, o que iria facilitar num primeiro instante o projeto de colonização e dominação das novas áreas descobertas.

Desde o início do século XVI, portugueses, espanhóis, ingleses e holandeses disputavam o antigo Território do Rio Branco. O povoamento da região se deu somente no século XVIII, após o extermínio de muitos índios.

Criou-se em 1858 por parte do governo Federal a Freguesia de Nossa Senhora do Carmo, mais tarde (1890) transformada no Município de Boa Vista do Rio Branco. No ano de 1904, uma disputa territorial com a Inglaterra tirou a maior parte das terras do Pirara (afluente do rio Mau), pertencente ao Brasil, e incorporadas a Guiana Francesa.

O Território Federal do Rio Branco foi criado em 1943 e sua área desmembrada do estado do Amazonas. A partir de 13 de dezembro de 1962 passou a chamar-se Território Federal de Roraima e, com a promulgação da Constituição de 1988 o território foi transformado em Estado da Federação.

¹⁷ Coleção Educação para todos – O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Gersem dos Santos Luciano - Baniwa - Brasília, novembro de 2006.

Apresenta uma área de 230.104 km² e está localizada a parte noroeste da região norte do Brasil. Roraima faz limite ao norte e nordeste com a Venezuela; a leste com a Guiana; a sudeste com o Pará e ao sul e a oeste com Amazonas. Com 324.397 habitantes, o Estado está dividido em 15 municípios, sendo que sete destes foram criados em 1997 (SANTOS, 2004).

3.4 Localização geográfica e a população da comunidade Raposa I

A comunidade Raposa I localiza-se na área Indígena “Raposa Serra do Sol” ao nordeste do Estado de Roraima. A referida área foi demarcada pelo Ministério da Justiça, através da Portaria nº 820/98, posteriormente modificada pela Portaria nº 534/2005. A demarcação foi homologada por Decreto de 15 de abril de 2005, da Presidência da República.



Figura 1 - Mapa da àrea Raposa Serra do Sol.
Fonte: IBGE (2005).

A Raposa foi identificada em 1993 pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Demarcada durante a presidência de Fernando Henrique Cardoso, foi homologada em 2005 pelo seu sucessor, Luís Inácio Lula da Silva.

Mais da metade da área é coberta por vegetação de cerrado também conhecido regionalmente de lavrado ou campo. A parte montanhosa culmina com o Monte Roraima, em cujo topo se encontra a tríplice fronteira entre Brasil, Guiana e Venezuela. É uma das maiores áreas indígenas com 1.743.089 hectares e 1000 quilômetros de perímetro.

A Comunidade Raposa I (Maikan Pisi) é a referência onde se inicia a área Raposa Serra do Sol que se estende ao norte até Wei Tîpîi ou Serra do Sol, daí o nome de Raposa Serra do Sol. A sua localização se encontra ao nordeste do estado de Roraima, Município de Normandia.

A importância da localização da Raposa I, até o final do século XX, quando ela apresentava uma população superior as de outras vizinhanças e se tornando centro administrativo e político para as demais comunidades vizinhas. As comunidades que faziam parte dessa política eram a Xumina, Canavial, Maracanã, Limão, Napoleão, Guariba, Cachoeirinha, Barreirinha, Santa Maria e Perdiz.

Nesse período havia muitos conflitos envolvendo terras entre posseiros e fazendeiros. O tuxaua Geral da região Gabriel Raposo, ex-soldado do exército havia se tornado um líder reconhecido pelo Marechal Rondon e como uma liderança importante recebeu uma espada de guerra.

Todas as ocorrências envolvendo conflitos entre fazendeiros e indígenas eram encaminhadas para tuxaua Gabriel. Sem nenhum relatório ou queixas registradas Gabriel levava ao conhecimento das autoridades competentes a fim de serem tomadas providencias cabíveis.

Com a morte do tuxaua Geral, Abel Raposo, seu irmão assumiu o cargo até o final de 1980.

A Raposa I foi concentrando maior números de pessoas por meio de casamentos, nascimentos de crianças, provocando o crescimento da população. Porém, um dos acontecimentos que marcou a comunidade foi a retaliação de algumas famílias criando a comunidade Raposa II, nos anos 80. A maioria dessas famílias são oriundos da Guiana, vinda por motivos de conflitos, na década de 80. A nova comunidade localiza no sentido sul a dois quilômetros da Raposa I.

A população foi crescendo, chegando próximo mil pessoas. Com este crescimento houve uma outra retaliação que culmina com a formação da comunidade Parnázio, em 2007.

Segundo o tuxaua Aluim Henrique Raposo, por estar casado com uma mulher da família Maçarico moradora no Parnázio, passou a compor ao membro dessa comunidade.

Os desmembramentos geralmente ocorrem por motivos de conflitos, e, ou por vários motivos, seja por falta de áreas para a formação de roças, pela morte de

parentes, etc. No caso da Raposa II, embora ela sendo da mesma etnia, porém os costumes diferentes aos da população Raposa I, o que levou a esta decisão.

Os costumes do desmembramento de uma comunidade ainda ocorrem em nossos tempos em pequena escala.

3.5 Estrutura da comunidade e sobrevivência

No início da fundação da Raposa I, as casas não foram comunais, mas cada família tinha casa própria, segundo as informações de Dalício Raposo (2009). O modelo da casa comunal nos antepassados era uma forma de estarem mais segura contra os inimigos.

Hoje em dia, não há necessidade desse antigo sistema. Com o modelo das construções de casas provenientes do mundo europeu, as casas indígenas tenderam ao novo formato das estruturas da cultura dominante.

As construções de casas individuais ocorrem com o crescimento da população, segundo a professora Iolanda Fidélis Raposo, 46 anos (2009). Além disso, ela explica que seus pais construíram uma outra casa distante do centro da Raposa I com a finalidade de fazer pequenas criações de animais domésticos.



Figura 2 - Casa de Makui.Tepui Kukenán.
Fonte: Wikipédia (2009).

A ideia de criar animais fora do centro da comunidade é uma das alternativas de sobrevivência, haja vista, com a grande população crescente os recursos naturais ficaram mais escassos. Embora as produções das criações não chegam a ter excedente, mas complementam do pouco que existe.

Nos anos 80 a Igreja Católica, através do projeto “uma vaca para o índio” criou um sistema de produção para várias comunidades da região das serras¹⁸ e lavrados¹⁹. O objetivo desse projeto culmina com a ocupação dos territórios indígenas e sustentabilidade da população.

Com pouco recurso, o início da criação de gado se deu nos anos 80. O rebanho era constituído de 50 matrizes e dois reprodutores. Segundo o estatuto, o rebanho deve permanecer na comunidade num período de cinco anos, logo após é repassado para outra comunidade.

A ideia era que cada comunidade, no final do prazo dos cinco anos, fazer a entrega dos animais de 52 cabeças para o repasse e o resultado da produção tornaria o bem da comunidade, conforme o Estatuto.

A Raposa I fora contemplada com o repasse do rebanho. Hoje, há algumas fazendas constituídas resultantes desse projeto. Além disso, o governo estadual fez doações de gado bovino às comunidades, da qual a Raposa I fora contemplada fortalecendo a produção de rebanho.

Antes da chegada dos brancos os Makuxi sustentavam suas famílias através da caça e pesca, nessa época não havia escola e a igreja. Não havia trabalho a ser feito. Os moradores ainda lembram que, na fase da estiagem muitos lagos começaram a secar. Logo a comunidade combinava para pescar. Todos iam para o lago apontado pelo responsável e passavam três dias pescando. Com o tempo, todos esses costumes foram sendo transformados com novo sistema, ou seja, com a burocratização. Além disso, como já foi mencionado, o crescimento populacional cresce a escassez dos recursos naturais obriga o povo a se adaptarem a uma maneira de sobrevivência.

Esse novo tempo não se pensava em caça e pesca. Era preciso domesticar animais de pequeno e grande porte. Primeiro foi a domesticação de aves e depois a de animais de pequeno porte, ovelhas, porcos e cabras e por fim o gado bovino. O último por ser animal de grande porte poderia render mais que outros, além da carne, couro, o esterco para a preparação de roças.

Nos anos 70, havia fazendas e vilas próximas a comunidade. Com a presença destes, traziam consigo alimentos industrializados na região da Raposa. Alguns

¹⁸ Região das serras se refere a região onde estão concentrados os relevos, também, chamados de maciço das Guianas.

¹⁹ Região de lavrado é a área plana com vegetação baixa cortadas pelos igarapés de buritizais. Essas regiões localizam várias comunidades indígenas, principalmente os Makuxi.

fazendeiros disponibilizavam mercadorias levadas da capital para as vilas e fazendas mais próximas a comunidade. O interesse dos fazendeiros era manter a comercialização dos produtos indígenas pelas suas mercadorias.

Algumas comunidades começaram a ver as irregularidades e desvantagens sobre o comércio entre indígenas e fazendeiro. Logo, o problema foi uma das pautas na Assembleia Geral dos Tuxauas de todas as regiões na Missão São José Surumu. Muitos começaram a entender que os produtos indígenas tinham um preço muito baixo estipulado pelo fazendeiro, enquanto os preços de suas mercadorias eram elevados. As discussões tiveram o resultado positivo no que se refere a implantação de cooperativas nas comunidades.

A comunidade Raposa I iniciou a sua cooperativa através da venda de farinha. Conforme o acordo cada família cooperou com 40 litros de farinha. Eram mais de 30 famílias, que totalizou 1.200 litros de farinha de mandioca. Estes produtos foram convertidos em Boa Vista em mercadoria de primeira necessidade como o açúcar, o café, a sardinha, a conserva, o querosene, o fósforo e os biscoitos.

A cooperativa funcionava das sete as onze e a tarde das treze às dezoito horas. No início tudo estava sendo monitorado pelo padre Crimella e o comércio estava repleto de produtos, porém com a entrega para novo responsável muitos fiados aconteceram e não foram pagos. O resultado da venda no crédito levou à cooperativa a falência.

Com as reflexões, concluiu que comércio nos moldes capitalistas não faz parte da cultura indígena. O sistema de comércio entre indígenas não era um comércio para obter lucros, mas era um negócio apenas para a troca de *mercadoria* pela *mercadoria* aonde nenhum dos negociadores podia haver vantagem sobre o outro.

Vejamos o que diz o Tuxaua Gabriel Sarmiento Vieira a esse respeito:

O índio tem uma cultura diferente a dos brancos. Eles dividem com seus parentes as coisas que conseguem, é um gesto muito bonito, por isso ele não será um bom comerciante por que o comerciante não divide aquilo que tem com seus vizinhos, pois desta forma o seu comércio vai à falência. (ENTREVISTA, 2009).

Com a quebra dessa cultura da partilha o indígena passa a se comportar como “o homem branco e não como os antigos parentes”, afirma o tuxaua com aquele olhar triste. No entanto, parece que este é o caminho para os atuais e futuros homens desta comunidade. Deve haver no meio de mitos moradores pessoas que

se inspirarão como comerciante, assim outras pode haver pessoas inspiradas para outras atividades como a agricultura, segundo o tuxaua Gabriel.

Em continuação da fala sobre a sobrevivência o tuxaua faz uma crítica: ‘A escola não ensina as crianças os caminhos da sobrevivência na comunidade, mas ensina para que as crianças no futuro procurem os centros urbanos em busca de emprego’, afirma. O tuxaua Gabriel tem uma visão ampla e comenta sobre as dificuldades que passa por administrar uma comunidade com quase 1.000 pessoas, enquanto a escassez é grande, e poucos ainda estão tentando iniciar alguns projetos de produção e outros tentam sobreviver de várias maneiras.

O tuxaua vê que a vida do urbano já está avançando na comunidade sem que ninguém perceba e ele afirma que não há outro jeito se não aceitar a vida como está sendo, do contrário o seu povo poderá sofrer com a falta de adaptação as novas realidades do mundo.

A Escola Estadual Indígena “José Viriato Raposo” é construída em alvenaria com quatro pavilhões, uma copa, um pátio com a instalação hidráulica e ginásio esportivo. A maioria das casas residenciais na zona central da comunidade é construída em alvenaria, enquanto as casas da periferia são construídas em blocos de adobe e coberta de palha de buriti. Cada casa possui árvores frutíferas com mais de 15 metros de altitudes ao seu redor, por isso não se tem a visão ampla da comunidade.

No momento em que fui fazendo as visitas nas casas, não vi tantas preocupações, nas pessoas, mas percebi os sorrisos que transmitia o bem-estar de cada família. Na filosofia indígena, a fartura é a maior razão para transmitir a alegria, e o bem-estar.

A população da Raposa I tinha bastante alimento tradicional, ali havia o caxiri²⁰ de milho e de mandioca. Com o caxiri, os parentes não sentem a necessidade de pescar ou caçar, pois o molho de pimenta com a bebida alimenta a todos.

Em sua maioria os trabalhos eram realizados com pouco alimento no intervalo para o almoço, só não podia lhes faltar o caxiri e o molho de pimenta. Este costume

²⁰ Nome dado aos diversos tipos de bebida Makuxi. O caxiri pode ser feito de milho, de batata, de mandioca ou abacaxi. Alguns desses caxiri são fermentados como o pajuaru que após cinco dias ele se torna fermentado.

vem dos antepassados e até em nossos dias este ele é preservado no meio dos Makuxi da Comunidade Raposa I.

À noite, se via pessoas sentadas frente de suas casas, os jovens na quadra de esporte, outros vão iam para os cultos religiosos, outros para assistir aulas e os que ficavam em casa aproveitavam para assistir os programas da TV.

Pensei eu mesmo, “este povo não se preocupa com nada, apenas sou eu que vivo a preocupar com a vida que eles levam”.

3.6 Organização Política e Social

O antigo chefe Makuxi não se chamava tuxaua e sim “Amooko” que significa ancião sábio. Nos tempos atrás entre os Makuxi o velho com maior número de filhos, netos e bisnetos tornava-se o maior, por que tinha o poder de decisões numa sociedade. Outros anciãos com menos números de filhos faziam parte como membro comum. Conforme a fala do Ex-tuxaua da Raposa I, Dalício Viriato Raposo:

O primeiro morador chamado Poman, chefiou as demais famílias que consigo andavam pela região da Raposa I, antes da estruturação daquela localidade. O termo tuxaua aparece na época do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), mais precisamente no Pós-Segunda Guerra Mundial. No período da Guerra muito indígenas foram convocados e levados para Belém para treinamentos e instruções do exército, dentre eles o Gabriel Raposo e outros Makuxi da localidade que, após o fim da guerra chegaram famosos. Logo Gabriel foi escolhido por ser o destemido para chefiar a Raposa e por ter adquirido os conhecimentos no quartel do exército, além tudo, era descendente do primeiro ancião fundador da Raposa I. (ENTREVISTA, 2009).

No mundo contemporâneo a Raposa I elege o primeiro tuxaua, um segundo tuxaua, capatazes e vaqueiro. Estas eram as autoridades principais da Raposa I que são escolhidos de forma aberta ou fechada, conforme a decisão dos presentes.

Conforme Freitas (2003), a respeito da escolha das autoridades da Comunidade Raposa I, afirma:

O voto é aberto, vai sendo marcado num quadro negro e no final contabilizado. Além do tuxaua e de vice, a comunidade também escolhe os capatazes, auxiliares que cuidam dos setores rurais da maloca e os vaqueiros, que lidam diretamente com gado. Não se sabe de nenhuma mulher que tenha assumido funções administrativas, apesar de dizer que não há nada que o impeça. (FREITAS, 2003, p. 45).

Desde 1980 iniciaram-se eleições partidárias na comunidade Raposa I. Esse novo sistema provocou mudanças no que se refere à organização local. Muitas

começaram a escolher seus representantes diferentes por acreditar que desta forma estaria usando a dita democracia, como falam os políticos. Domingos Batista comenta a respeito:

No período das eleições tem parentes que se tornam rivais do outro que seguem candidatos diferentes, pois cada candidato acaba incentivando os mesmos (parentes) a apoiá-lo e promete tudo, dar presentes, dinheiro e churrasco só para enganar os eleitores e é por isso que nunca elegemos nenhum vereador ou deputado por que os votos ficam divididos. (ENTREVISTA, 2009).

Para ele, os problemas da comunidade devem ser discutidos seriamente, com responsabilidade e respeito às ideias de cada um. Considerar sempre as diferenças das ideias para chegar ao consenso. Ele acha que a união pode nortear o futuro da Raposa I em todos os sentidos seja na parte religiosa, na política e nos trabalhos comunitários.

Domingos lamenta sobre a união, ele se refere como os mais velhos viviam através da união nos trabalhos agrícolas e dava certo. Hoje usando da união o povo pode eleger seus representantes e depois junto com eles buscar a melhoria para toda população.

Portanto, percebe-se que a comunidade não está parada, a cada tempo se a busca melhoria para superar as novas situações que vão surgindo, principalmente, no que se refere à educação formal no estilo indígena, no sentido de atender as aspirações, necessidades, tradições e costumes.

4 PROCESSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO TRADICIONAL NA COMUNIDADE RAPOSA I

4.1 Educação indígena: homem e sociedade

Neste capítulo, apresento a educação tradicional do Makuxi da Comunidade Raposa I localizada na área Indígena Raposa Serra do Sol, nordeste do Estado de Roraima, no qual me proponho a analisar o processo histórico da educação visando à compreensão das diversas transformações do mundo cultural e da identidade por ela mediada.

Não é fácil, entender o processo histórico da educação indígena no Brasil antes e no pós-contato. Muitos estudiosos conseguiram analisar pequena parte da história sobre o contato entre os índios e brancos colonizadores, o qual, hoje se encontra nas bibliotecas, livrarias, museus onde poucas pessoas têm acesso. Os livros didáticos elaborados pelo MEC possuem poucas informações da qual a vida dos índios é vista de maneira generalizada, ou seja, o indivíduo que anda nu, morador na mata e que, sobrevive da caça e pesca.

O preconceito pela cultura indígena em relação à cultura dominante foi tão prepotente. A visão do colonizador estava voltada para o desenvolvimento da nova terra, da conquistada sem levar em conta a população indígena e a sua cultura. Os índios foram obrigados a aceitar a conduta imperialista sobe pena de ser castigados ou mortos daí surge uma nova concepção, uma nova ideia de que a cultura índia não tinha nenhum valor para uma nova sociedade em ascensão.

Por outro lado, a visão popular a respeito do índio considera que aqueles índios que andam vestidos, que usam o relógio ou aquele que possuem documentos, que dominam a leitura, a escrita e tecnologia são denominados de sujeitos aculturados ou caboclos. Esses discursos permaneceram por muitos anos entre as populações índias e não índias.

Nas décadas de 70 e 80, tempo em que já compreendia certos assuntos, dava para perceber que os índios não assumiam a sua identidade própria devido à grande pressão pela parte do povo não índio em Roraima.

Observando algumas histórias referentes aos dramas vividas pela população indígena e o contato apresenta em sua história uma situação dramática. Muitas

coisas mudaram e mesmo assim ainda falta a conscientização do homem branco sobre o reconhecimento dos povos e a diversidade cultural.

Em Roraima, os maiores problemas indígenas foram no âmbito da disputa pela posse das terras. Em reuniões os próprios parentes questionavam o porquê do confinamento do espaço dentro da área que antes jamais teve esse problema. Eles julgavam ser culpados dessa situação por que aceitaram em suas terras o homem branco que tem uma cultura totalmente diferente dos índios. O branco sempre levou vantagens em seu favor sobre os problemas da terra devido os seus empreendimentos que significa progresso. O índio ainda no seu estado de transição cultural sempre ficava na desvantagem por estar vivendo nos moldes antiquado da caça e pesca e de agricultura de subsistência e este era visto como um empecilho para o desenvolvimento e interesses do Estado.

A cada ano os problemas foram crescendo e os números de fazendeiros, de posseiros e garimpeiros aumentando. Os antigos fazendeiros começaram a vender as fazendas para outros que tinha o poder aquisitivo maior provocando mais problemas. Além disso, os garimpeiros também com seus trabalhos provocaram invasão causando poluição e erosão das terras que culminou com o assoreamento dos lagos e igarapés. Com a poluição, os peixes desapareceram e a água não serviu para várias atividades como a lavagem de roupa, tomar banho, para beber e pescar, etc.

Em função disso, na época dos anos 70 e 80 os problemas cresceram principalmente no que se referem aos conflitos pela posse de terras em Roraima. Com a escassez e os confinamentos de terras os parentes da área Raposa Serra do Sol se sentiram ameaçados de serem expulsos de suas terras.

A primeira e maior parceira da luta pelos direitos indígena foi à igreja católica. O lugar dos primeiros debates foi na Missão Surumu a qual se tornou a inimiga principal da sociedade não indígena por abraçar a causa indígena. De fato, não podemos negar que a igreja católica deu subsídio para o fortalecimento da política social e cultural dos povos indígenas em Roraima.

Boa parte das pessoas não chegou a compreender os motivos dessa política e continuaram a apoiar a permanência dos não índios na área. Até a demarcação da área Raposa Serra do Sol. Os povos indígenas que ali habitam dividiram opiniões um a favor e outro contra. Outras comunidades que não sofreram pressões por parte

das terras como a Raposa I continuaram sem opiniões sobre o caso da desocupação.

Portanto, os conflitos ocorreram de forma isolada, algumas comunidades não foram invadidas e nunca sofreram pressões pelas terras. Outras comunidades pensavam na emancipação por que se sentiam dependentes de transportes, de alguns produtos industrializados, em fim de tudo o que o mundo do branco oferecia.

O governo na época ameaçava retirar todos os benefícios implementados as comunidades indígenas. Daí surge o retalhamento das comunidades indígenas, uns a favor do estado e outro a favor dos interesses indígenas junto à igreja católica.

Muitos documentos relativos as escolas mostram que em todo esse período estava voltada para os interesses do estado. O Currículo Escolar era programado pela Secretaria de Educação e o MEC nos anos 60. Nada se tinha a favor da preservação da cultura indígena e nem tão pouco o estudo da língua tradicional.

Os professores da época eram instruídos para ensinar as quatro operações e aprender a ler e escrever. Segundo professor Aluim Henrique Raposo, 57 anos, professor com formação do magistério comenta que os primeiros professores tinham a mínima formação de leitura, escrita e as quatro operações (matemática). Quando se questionou sobre o objetivo principal da escola na comunidade da Raposa I, Aluim afirma que não lembra se o seu professor falava da importância do ensino.

Questionou-se quem o teria incentivado para continuar seus estudos e ser professor no futuro. Em resposta, o professor afirma que ninguém o incentivou, pois naquela época (60 e 70) a escola não tinha muita importância, as pessoas não pensavam em prosseguir seus estudos e não se guardava esperança de ser um funcionário, pois não se tinha nenhuma possibilidade de conseguir emprego na localidade. Por outro lado, não havia tanta dependência econômica como se encontram nos atuais moradores da comunidade da Raposa I.

A educação indígena que vinha ocorrendo milenarmente foi sendo aos poucos consumida pelo novo sistema de educação brasileira. Os velhos não repassaram os conhecimentos dos antigos indígenas sobre a saúde, a geografia, a história, os mitos, as construções de casas e as artes em gerais como era repassada de forma oral. Nessa nova versão, a educação para o índio preenchia os requisitos dos interesses do estado brasileiro.

Quando se trata sobre os interesses do estado percebe-se que os programas eram únicos para todas as escolas brasileira sem nenhum olhar para a pluralidade cultural e étnica.

Os conhecimentos adotados nas escolas das comunidades indígenas foram exclusivamente os conhecimentos europeus. As histórias, os mitos, as crenças, os cânticos, as danças, a religião, a comida, a bebida toda da cultura dos não índios.

Atualmente, as Leis Brasileiras no seu artigo 210 e 215 tornaram acessível à adoção do estudo da língua indígena nas escolas e da preservação da cultura tradicional dessas populações. Além das leis que amparam os indígenas existem outras que se chamou de instrumentos internacionais importantes para defesa dos interesses e direitos indígenas.

O primeiro instrumento internacional criado especificamente para o reconhecimento dos direitos dos povos indígenas a Convenção sobre a Proteção e Integração das Populações Aborígenes e Outras Populações Tribais e Semi Tribais nos Países Interdependentes, adotado em 1957 pela Organização Internacional do Trabalho (OIT). No final dos anos 80, a Convenção foi revista e deu origem a outra, a Convenção nº 169, chamada Convenção sobre os Povos Indígenas e Tribais em Países Independentes, proclamada em 1989 pelo Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (1998, p. 35).

Esses princípios contidos nas leis dão abertura para a construção de uma nova escola onde são respeitados os anseios dos povos indígenas por uma educação que valorize suas práticas culturais e lhe dê acesso a conhecimentos e práticas de outros grupos e sociedades.

Atualmente como se encontram os indígenas diante de todo o processo de transformação cultural? O que pensam os indígenas com as transformações ocorridas no mundo de sua cultura? Como se analisa a identidade indígena? O que levou os indígenas a ganharem nova identidade cultural?

Os povos indígenas antes do contato sabiam viver no seu mundo. Os velhos guardavam a sabedoria ao longo da vida. Os saberes foram repassados para as novas gerações de acordo com os seus entendimentos sempre na oralidade e na prática. Com o contato os povos indígenas perderam em pouco tempo a maior parte de seus conhecimentos. Os índios foram arrancados de suas aldeias sem a menor piedade e consideração e respeito. Estes abandonavam suas famílias forçadamente.

Muitos foram levados por meio da chamada tropas de resgate para o novo aldeamento a fim de servirem como a mão-de-obra para os colonizadores.

Os colonizadores provavelmente foram convencendo os indígenas a aceitarem propostas no âmbito de seus interesses. Nos relatos encontramos afirmações que os colonizadores ofereciam presentes para índios como o machado, o facão, a enxada, etc. Estes presentes tinham preço alto e o pagamento era feito através de trabalho para o patrão. Infelizmente o índio aceitou o colonizador como o patrão definitivamente por aparentar ser uma boa pessoa. O discurso do colonizador passou a afirmar que os índios é que se entregavam aos portugueses, sujeitando-se de bom grado ao processo de aldeamento: “parece que suspiravam aqueles índios pela nossa sujeição. Deram logo a conhecer quanto dependiam de nós” (VIEIRA, 1997, p. 20).

O convencimento pela parte do colonizador começou nos primeiros contatos e até hoje os resultados continuam como a negação da identidade, o desprezo da cultura de suas raízes e o desprezo da língua materna nas comunidades indígenas.

Com as ideias proposta através deste trabalho não é voltar a conviver como os antigos viviam, mais precisamente fazer o arranjo das duas culturas na prática da realidade de forma bem cuidadoso. O domínio das duas culturas pode tornar uma pessoa no cidadão com os direitos segurado pelas leis brasileiras.

4.2 A Educação Escolar Indígena: a escolarização dos Makuxi da Raposa I

Até a década de 80 havia documentos arquivados desde a criação da escola na época, Alberto Torres. Após essa data, o novo diretor da escola incinerou todos os documentos antigos poupando apenas os mais recentes. Será um desafio para desembaraçar os fatos. A única alternativa é buscar os mais velhos da Raposa I no sentido de fazer o pré-levantamento dos dados que serão analisados na próxima visita.

A primeira escola que surgiu na região foi por volta do final da década de 50, século XX, na Fazenda Perfeição, propriedade do fazendeiro Roberto Costa. A ideia do fazendeiro era criar uma escola para atender a demanda das comunidades Raposa, Xumina, Napoleão, Canavial, Guariba, Perdiz e outras comunidades da redondeza da referida fazenda.

A escola não chegou a funcionar como previsto, pois, os pais não acharam conveniente devido à distância e o acesso precário e sem nenhum transporte para a

condução dos alunos e a mínima estrutura. Na verdade, nenhum aluno não chegou a ser matriculado na escola da fazenda.

Naquela época, não havia indígena com a mínima formação. Os não indígenas que tinham formação se recusavam a morar e trabalhar na maloca, como diziam.

Somente no final dos anos 60, finalmente um professor indígena, morador na cidade conhecido por Arlindo Gastão Medeiro, mais conhecido por Trovão, foi indicado para trabalhar na comunidade Raposa. Após o professor Trovão foi o professor Joaquim Level, não indígena. Depois desses dois professores foram lotadas duas professoras brancas, Fátima e Abrelina e depois das duas professoras um outro professor por nome Dionízio e finalmente foi o professor Abel Raposo e sua esposa Francisca dos Santos.

Esse período é marcado pelo processo de escolarização dos parentes da Comunidade da Raposa I. A prática metodológica também será um dos alvos desta pesquisa e como a escola teve confronto com a educação tradicional na comunidade Raposa I.

Convém salientar que a história da Educação Escolar Indígena no Brasil se divide em quatro fases distintas, conforme Mariana Leal comentada por Silva (1999, p. 33):

A primeira situa-se a época do Brasil colônia, em que a escolarização dos índios esteve a cargo exclusivo de missionários católicos, notadamente os jesuítas. Um segundo momento é marcado pela criação do Serviço de Proteção aos Índios – SPI em 1910, e se estende a política de ensino da FUNAI e sua articulação com o Summer Institute of Linguistics SIL – e outras missões religiosas. O surgimento de organizações Indigenista não governamentais e a formação do movimento indígena organizado, em fins da década de 60 e nos anos 70, época da ditadura militar, marca o início da terceira fase. A última delas, iniciativa dos próprios povos indígenas, a partir da década de 80, visa definir e autogerir seus processos de educação formal.

O primeiro momento da educação escolar indígena no período colonial fica sobre a responsabilidade dos missionários católicos (SILVA, 1999, p. 34; FERREIRA, 2001, p. 72). O papel fundamental dos missionários foi o de ensinar a língua portuguesa e os hábitos dos colonizadores aos indígenas e disponibilizá-los a serviço da sociedade nacional.

Ferreira (2001, p. 72) afirma que o “objetivo da prática educativa era ter como consequência o aniquilamento das diversas culturas e finalmente a negação da

identidade cultural própria. Esse processo ocorre com a criação das escolas nas malocas onde as crianças indígenas eram reprimidas quando falavam em sua língua materna no âmbito do pátio escolar. Os conhecimentos repassados pelos professores da época para os alunos indígenas eram algo que pouco interessava ou agradava ao povo indígena. Esse sistema não passava de uma imposição arbitrária e muitas vezes, com o merecimento de castigos pesados. O ritmo da jornada da educação imposta foi ganhando credibilidade fazendo com que os indígenas acreditassem em seus objetivos. Consequentemente, atingindo o alvo maior que foi o desaparecimento da língua e outras tradições da cultura Makuxi.

Depois da destruição da maloca, da cultura, dos costumes foi conveniente aceitar a cultura do dominador para poder sobreviver. Para subsistir o índio teve que trabalhar para ganhar dinheiro seduzido pelos bens do dominador. Porém, a vida indígena estava caminhando rumo ao suicídio quando a partir dos anos 60 e 70 inicia uma nova concepção de luta pelos direitos sobre a vida e pela posse do território perdido. Para poder lutar na diplomacia com a sociedade envolvente os indígenas sentiram a necessidade de dominar os códigos da escrita como afirma Mahe *in* Formação de Professores Indígenas (2006, p.16):

A partir do contato com o branco, no entanto, esse conhecimento passou a ser insuficiente para garantir a sobrevivência, o bem-estar dessas sociedades. É preciso agora também conhecer os códigos e os símbolos dos não índios, já que estes e suas ações passaram a povoar o entorno indígena.

Foi preciso que o índio dominasse os códigos da escrita como a melhor arma de lutar pelos diversos direitos constitucionais. Com essa concepção, a educação escolar indígena em Roraima marca seu início no século XX, passa por vários processos de mudanças até em nossos dias, além disso, ela estava voltada para os interesses do estado que pensava uma escola para os índios, que tornasse possível a sua homogeneização (REFERENCIAL CURRICULAR, 1998).

Pelo que podemos perceber, numa dada sociedade cada povo tem sua educação. Conforme afirma Brandão, (2006, p. 7) “Ninguém escapa da educação”. Até mesmo no mundo ocidental a 427-347 a.C., a educação no entendimento de Sócrates que, considerava sua missão:

Andar por aí, nas ruas, nas praças e ginásios que eram as escolas atenienses de atletismo, persuadindo jovens e velhos a não se preocuparem tanto, nem em primeiro lugar, com o corpo ou com a fortuna, mas antes com a perfeição da alma. (NOVA ESCOLA, 2009, p. 8).

Em outras palavras, a educação Indígena é a educação que se aprende no cotidiano da comunidade nas mais diversas atividades, como a caça, a pesca, nos cuidados com a criança e com a casa tendo alguns detalhes importantes: não de qualquer forma, mas sempre com o espírito voltado para as virtudes. A cultura Makuxi não foi uma simples ou subalternas em relação os antigos gregos, os velhos Makuxi ensinavam as virtudes talvez este ensinamento seja o principal eixo da educação Makuxi. Veja o que afirma Aristóteles (384-322 a.C.) e para Platão (427-347 a.C.) sobre as virtudes: “é uma prática e não um dado da natureza de cada um, tampouco o mero conhecimento do que é virtuoso, como para Platão. E ainda, para ser praticada constantemente, a virtude precisa se tornar um hábito” (NOVA ESCOLA, 2009, p. 15).

A cada geração, de acordo com as dificuldades e necessidades, a cultura se transforma os ideais, as práticas socioculturais. O Ex-Tuxaua da Raposa Dalicio Raposo, 65 anos, no depoimento para este trabalho afirma:

Os Makuxi no passado, antes do contato com branco, viviam em guerra (kuyaape) permanente. Nesse período as crianças aprendiam tudo sobre o combate na guerra. Algumas plantas²¹ eram usadas na preparação dos guerreiros. As mulheres também eram preparadas no serviço doméstico o que significa que elas também passavam pelo processo de cura através das plantas. As plantas dão forças e sabedoria e virtudes para as pessoas. Acredita-se que através delas as pessoas transformavam-se semelhantes ao que foram as plantas no passado enquanto ser humano. Nesse sentido o Makuxi não precisa do treinamento como acontece com a preparação física dos atletas no mundo dos brancos por que as plantas educam a pessoa a ser um bom trabalhador, um bom arqueiro, um bom pescador, um bom caçador, um bom pai e uma boa mãe, etc. (ENTREVISTA, 2009).

As responsabilidades das mulheres se iniciavam desde criança com as mães. Com a fala de Vitalina da Silva (63)²², esposa do ex-tuxaua da Raposa I, podemos deduzir como seus antepassados se arranjavam para sobreviver. Segundo ela:

As mulheres tinha o papel importante em casa. Cuidar das crianças, preparar a comida (yekkari), tecer redes (atta'), preparar fios para confeccionar as redes, as cordas e tangas, etc. Apanhar lenhas (apo' keme), preparar a comida (yekkari wannî), a farinha (u'wi), o beijju (ikei), o caxiri (wo'), o mingau (kiau'ri), etc. Esses trabalhos não eram feitos de qualquer forma, mas usavam as plantas para terem habilidades em tudo. As plantas agiam nas mulheres após o tratamento rigoroso. O objetivo do uso

²¹ Existem plantas específicas para cada tipo de tratamento. As plantas representam a sabedoria, a força, a esperteza e a inteligência. As plantas são, segundo os antigos, pessoas que no passado foram dotados de sabedoria, força física e espiritual, inteligência, esperteza.

²² Vitalina da Silva, 63 anos, makuxi nasceu na comunidade Indígena Camará, área indígena Raposa Serra do Sol. Casou-se com Dalicio Raposo donde passou a morar na comunidade da Raposa após o casamento.

das plantas é a busca da perfeição através das virtudes²³. Não é por acaso que os velhos sabiam confeccionar os artesanatos com muito profissionalismo” e sim por causa do tratamento com as plantas. (ENTREVISTA, 2009).

Quando ela se refere ao termo “perfeição” e “virtude” significa ter habilidade na preparação da comida, do caxiri, na pesca, na caçada e nas atividades da roça, etc. Todo esse processo de conhecimento e prática era repassado na forma oral e na prática. O instrutor geralmente não repete as lições por isso só aprende aquele que presta muita atenção. A cura para aprender com facilidade se fazia de várias maneiras. Uns usavam plantas ou fibras específicas e abstraem-se de vários alimentos que são considerados profanos, como a cabeça e língua de peixe, cabeça de caça, frutos como o coquinho, etc.

Geralmente, não são todos homens ou mulheres que buscam apreender os conhecimentos profundos dos antigos. Poucos procuram se aprofundar e estes acabam sendo pajé, curandeiro, parteiro, artistas de danças e de músicas, etc. Outros que são a maioria procuram conhecimentos básicos de sua sociedade como a construção de casas, ritual da pesca e da caça, algumas rezas de cura, atividades agrícolas e artesanatos, etc.

Assim sendo, cada etapa de ensino dos conhecimentos se fazia com a manifestação do sagrado, as danças, as curas, as atividades do dia-dia. Não existe o termo “qualquer” no processo educativo Makuxi e nada se faz ou ocorre por acaso, e sim, há sempre algo além de um simples fato na tradição Makuxi.

Para se ter a ideia sobre o sagrado, o nascimento de uma criança é um caso especial onde todos Makuxi devem conhecer por obrigação. Primeiro, ao nascer a criança é considerada sagrada a qual a ela é atribuída o resguardo para o pai apenas uma semana e para a mãe trinta dias.

Em seu depoimento, Dona Melância Henrique (78) afirma:

Hoje em dia as mulheres não fazem o resguardo como no antepassado. Ao sair da maternidade elas passam a fazer alguns trabalhos, como lavar fraldas, fazer comida, bebem água gelada, comem todo tipo de comida. No passado, após o nascimento do bebê Makuxi a mãe banhava com água morna, tomar apenas o mingau de beiju (ikei) pouco quente. O curandeiro sempre acompanha a mulher no pós-nascimento do bebê. Aos pouco a mãe começa a tomar e comer alimentos recomendados com uma observação, “todos benzidos” pelo curandeiro. A criança também é benzida ao longo dos trinta dias. “O cuidado era importante, pois com o resguardo bem feito ajuda a mulher e o bebê serem fortes e sadios”. (ENTREVISTA, 2009).

²³ As virtudes dizem respeito a uma boa conduta, o respeito, o zelo pela vida, a partilha, ser trabalhador, ser paciente, entender o outro, etc.

Nesta fala, a importância da educação sobre a saúde envolve um conhecimento antigo. Isso significa que o conhecimento estava em nível daquela época, ou seja, não precisava tanto das coisas modernas ou uma escola como atualmente. Era preciso apenas seguir com cautela as regras dos conhecimentos Makuxi.

A educação das crianças e jovens Makuxi se iniciava em casa com os pais e depois fora na comunidade. Assim cada pai de família, em condição de instrutor-pai ensina seus filhos à prática de vários conhecimentos. No passado, as crianças não eram repreendidas com chicotes ou castigos, mas na cultura são usadas as plantas no tratamento físico e espiritual, as quais elas se tornam sábias, fortes, espertas (não preguiçosa) e inteligentes.

A metodologia do ensino através de repressão talvez tenha surgido com o contato, no início da inserção da escola através da palmatória e outros castigos severos que os primeiros professores adotavam como método no sentido de melhorar aprendizagem. A educação Makuxi tinha o método de ensinar as crianças e jovens no modo cultural. Mesmo a criança a criança não tenha cometido alguma irregularidade os pais curavam os filhos com as plantas (prawiyam²⁴), limão, pólvora, aninga do lago, e pimenta curupira.

Os rapazes, adolescentes e crianças eram curados até alcançar a idade adulta. Esta cura envolvia a educação dos jovens, adolescentes e crianças que até parecia ser castigo e, no entanto, é uma espécie de sacrifício consciente dos Makuxi na cultura e não eram obrigados. A consciência era de cada pessoa com a crença de que o tratamento é de suma importância na preparação para a vida adulta. A falta desse tratamento enquanto criança, adolescente e jovem, na fase adulta só poderá sofrer as consequências como a preguiça, dependência, problema na família, falta de alimentação em casa, são problemas muito conhecidos por não passar pelo tratamento tradicional.

O termo “índio preguiçoso”, um olhar genérico que se encontra em obras importantes que deturpa a imagem do índio. Na tribo Makuxi existem parentes que levam a sério suas obrigações do dia-dia, enquanto alguns em minoria acomodam como existe em qualquer sociedade. Daí a discordância de que o índio é

²⁴ Planta que aparenta o junco. Dela se tira a raiz e quebra em pedacinhos para compor a mistura com o limão, pólvora, aninga do lago (planta típica dos lagos em Roraima) e pimenta curupira (espécie de pimenta que nasce na roça sem ter sido plantada).

“preguiçoso”, talvez a observação se deu por vários fatores, seja pelo horário diferente nos trabalhos e na educação dos Makuxi.

Melania lembra que a educação do antepassado ocorria nas madrugadas. Era um costume que, segundo o qual é um bom momento para se apreender coisas para a vida como os artesanatos de uso doméstico, o conselho dos mais velhos ou dos pais. Cada família fazia uma fogueira à frente de suas casas representando um significado simbólico de vida e harmonia entre todos. Às seis horas todos se reuniam em local público da comunidade, cada chefe de família com uma cabaça de 10 litros de caxiri (kaxiri) e damurida (tuma) de peixe e ou carne de caça bem picante, era o café da manhã. Após as refeições as famílias começavam outras etapas de trabalho, como a capina da roça, o plantio de milho, da mandioca, do feijão, da cana, da batata e da abóbora, dependendo de cada período das estações do ano.

A construção de casa demandava tempo e conhecimentos. Os Makuxi conhecem bem em que período se extrai a madeiras, os cipós para fazer as amarrações, da retirada das palhas para a cobertura, das varas que servem de ripões. Geralmente as construções se fazem no período não chuvoso e no tempo da lua minguante mais conhecido ‘tempo escuro’. Esta prática era feita nesse período para que os materiais de construção tivessem mais durabilidade, de até 30 a 40 anos. Caso o tempo não fosse observado às madeiras poderia durar pouco tempo.

A observação da previsão do tempo é muito importante no que se referem os insetos, os animais em geral. Logo um mês antes do inverno começar o simples cantar de um pássaro pode anunciar um forte ou fraco inverno. Ao ouvir o aviso os Makuxi começavam a se planejar para estação que se aproxima. Um inseto da margem de um rio constrói sua casa acima do nível em que a água vai atingir no inverno seguinte. O observador Makuxi vai ou não preparar a sua roça dependendo desta observação infalível da natureza.

As crianças vão adquirindo estas observações no dia-dia. Os pais ensinam seus filhos há observarem o tempo e nunca o desperdiçar, pois aquele que observa é que vive melhor. A posição dos astros era de grande importância para as previsões do tempo tendo como os mais conhecidos as *Sete Estrela*, *o queixo de anta*, *o jabuti*, o escorpião, a lua, o sol, etc. Cada astro pode ajudar os Makuxi a tomar certas decisões em suas atividades do dia-dia. Além disso, inclui-se o saber sobre a própria história, sobre a geografia, plantas e ervas sagradas, orações de benzer, os critérios de se aperfeiçoar para ser um bom pajé e ou, um bom

curandeiro (a) ou parteiro (a). Existem processos em que estas pessoas procuram melhorar e aperfeiçoar suas funções de várias formas o qual estes agentes se tornavam mais sábios.

A educação indígena no passado não é tão simples de se analisar se não forem levadas em conta as especificidades cosmológicas. Todo o processo da educação indígena está ligado à natureza e ao espírito a ela atribuído. Em outras palavras, todas as práticas dos costumes da cultura Makuxi têm um sentido fundamentado no espírito da natureza²⁵. No que entendo no âmbito da concepção indígena o homem não é o sujeito principal da existência da humanidade e sim a natureza, por que o homem não sobrevive sem a natureza, mas esta vive sem o homem. Nesse caso, o homem é apenas uma parte da natureza a quem cabe o dever de preservar.

Mesmo sabendo que todo povo tem a sua forma de educação intrinsecamente ligada ao sentido da própria vida, como afirmam vários autores (GUIMARÃES, 2002; LUCIANO, 2006; WEIGEL, 2000; SILVA, 1999) brasileiros a respeito da educação indígena. Se for analisada profundamente a educação indígena num processo histórico antes do contato em seu sentido próprio, encontraremos ideias que se assemelham com as ideias dos grandes teóricos que tratam da educação no mundo.

O problema que me preocupa diz respeito a uma reflexão tardia, sobre os conhecimentos indígenas que por não haver uma escrita no passado se perderam. Alguns conhecimentos que temos são informações que podem apresentar dúvidas dentro do ponto de vista lógico do espírito do conhecimento indígena.

O ensino era feito através da oralidade, o receptor tinha que estar atento às conversas, porque o instrutor nunca repetia o que falava, era regra muito conhecida. Acredito que este modelo de educação era uma educação verdadeiramente interdisciplinar, pois não havia conhecimentos separados um do outro, mas todos estavam imbricados um no outro. Quando um velho contava uma história, essa história podia ter vários sentidos como o de respeito, de solidariedade, de habilidade, de êxito, de meios, de crenças, de língua. Os horários eram combinados nos momentos e recintos calmos. O horário de Viriato Raposo era geralmente após o culto dominical que acontecia às dezoito horas. Sua casa foi construída no centro da maloca onde se reunia a comunidade para vários eventos.

²⁵ O termo **natureza** tem vários sentidos. Neste trabalho a natureza significa todos os seres vivos, plantas e animais.

Assim, o centro sempre estava em movimento que obrigava Viriato receber muitas visitas. Nenhuma outra pessoa, até hoje, tem sido melhor nos discursos como Viriato, para falar de suas experiências e previsões do futuro da comunidade.

Ele não só falava, como também foi um bom exemplo de vida, um homem trabalhador, ele e a sua esposa Damiana, sem aposentadoria, juntos trabalhavam o dia inteiro na roça plantando e trocando as estacas de cercas que o gado destruía. Sua roça era maior que a de outros parentes da comunidade.

Do ponto de vista da população em geral, a educação indígena tradicional não tem apresentado nenhuma importância para a nova sociedade que estava e continua se estruturando no pós-contato.

Ao escrever este trabalho fico sem explicar o quanto se perdeu, a maior fonte de conhecimento das gerações que viveram no tempo fora do contato. Dificilmente se ouve falar de anciãos na comunidade que se dedicavam na observação do mundo como o senhor Viriato Raposo naquela época.

Cada comunidade ainda tem em seus anciãos, aqueles que detêm o conhecimento. Mas nem todos os anciãos da comunidade conseguem mais obter um conhecimento na base da reflexão.

Geralmente, os indígenas que detinham os conhecimentos eram de fato, aqueles que usavam diversas ervas que, eram denominadas de ervas estimuladoras de forças e de energia. Não podemos confundir as ervas desse tipo com as drogas, pois, as drogas como maconha, cocaína nunca existiram nas comunidades. A única droga mais conhecida entre os indígenas Makuxi era o tabaco. As ervas a que me refiro são as que têm uma ampla significação, simbólica e sagrada, o que diferenciam de outras ervas por seu uso não permanente, mas utilizadas apenas nas fases da lua e que não causam vícios.

As perguntas que mais aparecem são: O que aprender? Por que aprender? Para que aprender?

Para dar ênfase ao respeito dos conhecimentos indígenas considero o discurso de um ancião cujos pais, um dos pioneiros a se situar na Maloca da Raposa²⁶. Antes mesmo de haver uma escola sistematizada, este ancião já previa uma série de mudanças que logo haveria de acontecer. Segundo ele, os Makuxi

²⁶ Comunidade Indígena Makuxi localizada a 180 km de Boa Vista, capital do estado de Roraima.

possuíam conhecimentos muito amplos que eram repassados de acordo com a idade e o sexo.

Sem a intervenção de outras culturas os conhecimentos se tornavam mais fáceis de aplicá-los e ou repassá-los conforme nos discursos de outros anciãos do antepassado. Sua fala se fundamentava nas suas experiências, na família, nas atividades agrícolas, nos dias de eventos.

O fator primordial do conhecimento era aprender a pescar, a caçar, a construir uma casa ou um tapiri²⁷, confeccionar flechas, plantar as culturas agrícolas no tempo adequado, uso das plantas para as diversas finalidades culturais e cuidar do recém-nascido.

Além disso, os princípios morais eram bem trabalhados com as crianças e jovens. Os pais nunca batiam seus filhos e isso significava e significa que estes não ficavam impunes, mas como o costume, as crianças e jovens eram penalizados com ferroadas de formigas-de-fogo, tucandeira, gotas do sumo de pimenta malagueta nos olhos, corte sutil vertical na parte muscular do corpo.

Todo esse processo é associado à cura física do corpo e do espírito humano a qual a composição das misturas de várias ervas sagradas que contribuirá em dar ao sujeito um novo espírito humano tornando-o mais responsável consigo mesmo, pelos outros, pela comunidade e pela natureza.

Em outras palavras, saber pescar, caçar, plantar, cantar e outros saberes não tem um único sentido, mas há uma interação desse conjunto com o sagrado que o purifica ou santifica como o sujeito de categoria, ou seja, um bom caçador, um bom pescador, um bom agricultor e ou um bom trabalhador. Isso significa que nenhuma ação procedida pelos Makuxi vem a ser apenas uma ação simples, mas está ali consubstanciada ação e o sagrado.

Outra consideração da educação Makuxi se refere ao tempo que, outrora vem sendo observado como um fator importantíssimo nas aplicações das ações e práticas. As festas, as plantações, as caçadas, as pescarias, as explorações dos recursos naturais são regradas pelo tempo. A razão maior da regulação de tempo da prática de atividades do cotidiano dos Makuxi refere-se ao caminho da sorte, do sucesso, do desenvolvimento físico e intelectual, da fartura e da felicidade.

²⁷ Pequena casa feita de maneira improvisada coberta com folhas de palmeiras que serve para agasalhar pessoas em pouco tempo, em caso de uma pescaria, uma caçada ou uma viagem longa.

Ao refletir sobre a educação indígena Makuxi tentei me aproximar de uma educação tida como verdadeiramente Makuxi e cheguei a entender que há no âmbito desse contexto fenômenos que interligam os conhecimentos desse povo e que a maior parte desses conhecimentos se perdeu com os processos de contato.

A educação indígena propriamente dita tem sido considerada no contexto da nossa convivência, para a maioria da população, um empecilho para o desenvolvimento da nação. Desta forma, os indígenas são levados para o escanteio onde são mal visto e discriminados.

Essa situação alimenta os preconceitos e negação da própria identidade cultural. Embora, por não ter o domínio dos conhecimentos gerais, ou ocidental, no passado, o índio descobriu ao longo dos séculos a maneira de viver sem necessariamente provocar o desequilíbrio natural. Esses conhecimentos repassados de forma oral de geração em geração foram esbarrados, agredidos, violados e desrespeitados pela falsa ideologia progressista.

Nesse aspecto, a maloca da Raposa carrega o respingo do processo de colonização europeia onde podemos encontrar pessoas com certa formação ideológica voltada para a dita civilização como afirma Luciano (2006, p. 28):

Desde a última década do século passado vem ocorrendo no Brasil um fenômeno conhecido como *etnogênese* ou *reetinização*. Nele, povos indígenas, que por pressões políticas, econômicas ou religiosas ou por terem sido despojados de suas terras e estigmatizados em função dos seus costumes tradicionais, foram forçados a esconder e a negar suas identidades tribais como estratégia de sobrevivência assim amenizando as agruras de preconceito e da discriminação – estão reassumindo e recriando as suas tradições indígenas.²⁸

Essa afirmação vem contribuir no âmbito da minha reflexão no sentido de fazer uma observação direcionada sobre a autonegação da identidade própria, o que acontece na comunidade Raposa, área onde será feita a pesquisa.

Graças aos velhinhos que ainda vivem a sua cultura originária na comunidade. Além de manter a língua no dia-dia, conhecem histórias, sabem como utilizar diversos tipos de plantas medicinais, as orações de benzer, fazem a previsão do tempo através das observações, plantam e colhem de acordo com a posição dos

²⁸ O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje - A coleção Educação para todos, lançada pelo MEC e pela UNESCO em 2004, é um espaço para divulgação de textos, documentos, relatórios de pesquisas e eventos – e estudos de pesquisadores, acadêmicos e educadores, nacionais e internacionais no sentido de aprofundar o debate em torno da busca da educação para todos.

astros, etc. São “conhecimentos próprios de reprodução de saberes desenvolvida por meio da tradição oral, transmitidas em seus idiomas – mais de 1.200 línguas diferentes todas sem escrita alfabética” (IBASE, 2004, p. 11).

Ao contrário da maioria dos jovens que não chegam a acompanhar seus pais e avós devido a sua ocupação na atividade escolar. Em 2008, na comunidade Câmara, área Raposa Serra do Sol, a região do Médio Cotingo, da qual a comunidade Raposa I participou, reuniu para discutir vários assuntos no que tange a educação escolar indígena e o currículo escolar. Ali, estavam reunidos professores, lideranças regionais e a comunidade local, onde tratavam dos problemas sérios com relação à educação escolar. Dentre outros assuntos da fala os participantes sempre colocavam a importância da revitalização da cultura.

Porém, nesse setor são encontrados vários problemas que afetam diretamente o ensino e aprendizagem. Dentre os problemas citemos o caso de professores que são contratados pelo Estado somente para o ensino da língua tradicional e da cultura, no entanto, estes professores estavam ministrando outros conteúdos. Nesse sentido o objetivo da contratação não chega a ser realizado. Enquanto as dificuldades crescem cada vez mais, ou melhor, o trabalho que devia ser feito para melhorar o ensino e aprendizagem da língua tradicional e da cultura fica completamente estagnado no tempo.

Outro aspecto para a minha inquietação é a falta de obras publicadas a respeito da cultura da comunidade. Como experiente sobre a cultura da população da Raposa posso falar com propriedade os períodos pelas quais estive presente em cada um. Primeiro período foi à época que antecede o meu nascimento. Nesse período tenho questionado como viviam os antigos naquela época.

Após o meu nascimento que vai dividir em quatro períodos. Sendo que de 0 a 6 anos. Esse período conto com os mais velhos e meus pais e pouca experiência. De 7 a 14 anos, outro período que tenho na memória onde a vida da comunidade estava ligada a produção de alimentos. Embora esse sistema de produção fosse um costume histórico me proponho a falar dos tempos que participei nas atividades da comunidade. O terceiro período foi nos pós 15 anos o qual me envolvi nos estudos tanto na escola quanto fora dela.

O quarto seria como professor onde esse período em que a população da Raposa almejava uma megaprodução através das técnicas de produção. Era a época das primeiras eleições onde o governo do Estado em suas campanhas

prometia ajuda e desenvolvimento da comunidade. Além dessa questão, estava sendo criado o ensino fundamental, em seguida o Ensino médio que culminou com o curso de pedagogia pela Universidade Federal de Roraima no início dos anos 90 para os professores da rede estadual de ensino da comunidade Raposa I e das comunidades adjacentes (Napoleão, Guariba, Xumina), cuja demanda foi de quase 20 professores.

Para nós, fica o entendimento de que para melhor desenvolver a educação indígena em Roraima é necessário que seja delimitado cada assunto: o estudo da língua, estudo da arte, das histórias, enfim, tudo o que faz parte da cultura indígena. É um desafio para os indígenas, professores, pesquisadores, e todos os interessados envolvidos com tal assunto, sendo necessário buscar as fontes bibliográficas necessárias, adentrar campo de pesquisa para, finalmente concretizar os objetivos dessa educação.

4.3 Uso das plantas no processo de educação indígena

A palavra puçanga²⁹, conforme o dicionário Aurélio é uma receita mágica passado pelo pajé. No entendimento dos Makuxi a puçanga são pequenas plantas, cabeça ou rabo da cobra jiboia, dente de onça, olho de boto que servem para curar ou para atrair animais ou pessoas.

A importância desse costume é a facilidade e êxito no alcance de seus objetivos. Um homem que usa a puçanga numa pescaria tem a facilidade de pescar bastante peixes. O caçador de animais tem a facilidade para encontrar uma caça. O trabalhador que usa puçanga não se acomoda em sua rede, mas está sempre preparando a terra para fazer novas plantações. Um jovem que passava tempo sem encontrar uma esposa podia ter êxito ao usar a puçanga. Nada mal, pelas plantas a química podia mexer o coração de uma pessoa. Assim como aquele casal que sempre estão de desquitando poderia tornar-se leais entre si no uso da puçanga.

A preparação do jovem para a vida na cultura Makuxi refere-se às orientações para as virtudes, como, ser um bom homem e ser uma boa mulher. Segundo Armando (65), Makuxi, ex-professor do MOBREAL nos anos 70, fala que:

²⁹ Folhas, raízes de plantas, olhos de boto, caveira da cabeça de alguns peixes, de animais e aves, sementes, que servem de amuletos ou para atrair caças e pássaros, peixes na pescaria, e para atrair mulheres.

A primeira virtude é ser trabalhador o qual o homem ao constituir uma família deverá estar apto para dar a manutenção a sua esposa e filhos. Os demais como ser um bom caçador e pescador também faz parte dessa virtude. Além disso, o respeito seria outro eixo importante, tanto com a natureza quanto com as pessoas e principalmente aos velhos. Hoje em dia, os velhos não são respeitados e nem as pessoas entre si, parece que a vida não tem mais valor. (ENTREVISTA, 2009).

O termo *respeito* tem um contexto maior que são os deveres de ser um bom homem e conhecer os direitos dos demais parentes. Nos deveres estão incluídos a partilha do que se tem ou do que se consegue como a caça, a pesca, a participação nos trabalhos coletivos. Para adquirir mais conhecimentos é preciso buscar a essência para a vida através de observações, de conselhos dos mais velhos e submeter-se as diversas formas de preparação da vida através das plantas. As plantas tinham várias funções, além daqueles que já foram mencionados como as da caça, da pesca e outros.

O processo de preparação não é tão fácil e nem simples, mas uma espécie de sacrifício que provocam efeitos positivos. Um preparador geralmente conhecedor do processo, o curandeiro que por sua vez, usa vários tipos de plantas como prawiyan³⁰ aninga do lago, a pimenta curupira (pimiro'), limão, pólvora e água. Faz uma mistura deste ingrediente e põe no recipiente depois guarda num lugar seguro por três dias no período da lua nova.

No dia marcado na fase da lua nova, o curandeiro chama aqueles que desejam submeter-se ao tratamento e começa o ritual. Primeiro o curandeiro faz cortes sutis de 10 a 15 cm, de cima para baixo na forma vertical nas partes musculosas do corpo. Logo o sangue sairá nos cortes e depois lavados com a água.

Depois o curandeiro benze a o material preparado e aplica em cima dos cortes e o paciente sente uma pequena dor por três minutos. Esta prática deve ser feita trimestralmente para as crianças, para os jovens semestralmente e para adultos anualmente. O resultado deste costume deixa a pessoa disposta para qualquer tipo de trabalho, seja intelectual, seja físico.

Os antigos não batiam em seus filhos, não reprimiam e não castigavam seus filhos para educá-los e nunca treinavam a arte do arqueiro, do pescador, de um atleta (kaakape), pois são as plantas que agem no corpo destes. Quanto mais se

³⁰ Uma espécie de planta poderosa para estímulo do homem nas atividades diversas. O tratamento com a referida planta (prawiyan) estimula o homem no trabalho. Como não havia outras atividades importantes se não a roça, este assunto era um dos mais visados na comunidade e na família.

usa as plantas na preparação das crianças e jovens mais trabalhador seriam no futuro.

Acordar nas madrugadas era um costume antigo e, portanto, não sendo uma prática obrigatória, mas parece que era um dos momentos mais felizes dos antepassados Makuxi. Naquele momento é que se ouviam muitas histórias, piadas, contos, fatos importantes da comunidade e histórias reais.

Numa dessas oportunidades os mais velhos repassavam as orações de benzer àquelas pessoas que estavam preparadas, e aprendiam os tipos banhos, as receitas de bebidas, de comidas, etc. Havia uma troca de conhecimentos entre todos e as crianças aprendiam a acordar nas madrugadas e faziam dessas horas das mais importantes no processo do aprendizado da ciência da educação indígena. E assim, crianças, jovens, adultos e velhos aprendiam cada vez mais.

E escola ainda não tinha chegado, e não havia preocupação, o importante era viver lutando pela sobrevivência. O papel da comunidade era produzir e armazenar para não faltar alimentos para as famílias.

As doenças eram conhecidas pelos pajés e com suas experiências tratavam pessoas doentes, crianças, jovens, adultos e anciãos. A mortalidade infantil era quase zero. Não havia apenas o pajé para tratar de doenças, havia também vários curandeiros que tratavam de pessoas com plantas medicinais e oração de benzer. As doenças do passado geralmente eram conhecidas e fáceis de serem curadas até pelos curandeiros, porém quando os sintomas eram mais complexos o paciente era levado ao pajé que, com o seu ritual buscava os espíritos dos antigos pajés, especialistas na cura de várias doenças e sempre aconteciam as curas.

Portanto, a educação indígena na Raposa I eram todos os saberes dos mais simples ao mais complexo. Estes conhecimentos são cosmológicos e antigos e outros adquiridos no dia-dia. O depoimento de José Soares (58), Makuxi, da Raposa I diz:

Hoje, muitas práticas antigas que estão em transformações não sendo necessária a prática das mesmas por que não caçamos, não pescamos e não guerreamos como nos antepassados. A vida atual já não é a mesma como antigamente, usamos os instrumentos mais sofisticados para tais atividades como é o caso da arma de fogo, em vez de arcos e flechas, panelas de alumínio em vez de panela de barro, rede de pesca em vez de tarrafa-de-pau, cama para dormir em vez de rede, energia em vez de fogo de lenha, etc. Ninguém gostaria de viver como antigamente, mas estamos acompanhando a modernidade. (ENTREVISTA, 2009).

José Soares é filho do antigo morador da Raposa I, diz que é inegável a sua análise por que ele acompanha a sua comunidade no dia-dia e sente de perto os discursos dos anciãos, dos adultos e dos jovens. Mesmo não sendo estudado, mas suas experiências ajudam-no a ser crítico sobre as transformações ocorridas durante a sua convivência na comunidade de origem e fora da comunidade.

Não descarta a possibilidade de usarmos algumas tradições Makuxi, pois ele acha que as plantas usadas na preparação dos antigos podem servir para a geração atual, na preparação dos atletas indígenas, para os estudantes que precisam enfrentar uma faculdade e para a preparação da vida, seja no campo ou na cidade. Elas facilitam o aprendizado e incentivam na criatividade das atividades diárias. Estas práticas nos moldes antigos já perderam a eficiência por não haver uma pessoa com certo grau de experiência e o que resta é o resgate daquilo que ainda existe e começar a nova experiência.

Antes do contato com os não índios as atividades dos Makuxi na da Raposa I baseava-se na caça, na pesca e na agricultura de subsistência, segundo Soares. Daí a necessidade de aprender as técnicas e as habilidades relacionadas às práticas antigas através as plantas. Hoje, conforme Soares, muitos costumes da cultura Makuxi não tem serventia para a vida atual na comunidade. Caso a comunidade voltasse a praticar todos os costumes, ela não ganharia nada com tais atitudes, seria uma negação da dinâmica evolutiva.

4.4 As orações de benzer na formação da educação Makuxi

Enquanto aluno na Missão Surumu tive oportunidade de transcrever, ou melhor, traduzir as rezas dos antigos Makuxi. Passei por dificuldades no processo da tradução em função das palavras antigas que só encontramos nessas orações sagradas. Sagradas por que, além de serem poderosas, elas só podem estar ao poder de pessoas adultas preparadas.

As inúmeras orações de benzer se distribui para cada tipo de doenças. Assim como os medicamentos farmacêuticos. Existe uma espécie de força em cada oração de benzer. Nem todos podem curar através dessas orações, segundo os sábios. Cada pessoa tem o seu corpo, também chamado recentemente de aparelho que tem o poder de cura ou ver e, ou sentir coisas estranhas. O pajé tem o aparelho para ver, sentir e receber um espírito que por sua vez fala sobre o acontecido com o paciente e repassa meios para curar. O curandeiro ou rezador aprende a benzer e a cura só

acontece com alguns testes em suas orações. Momento que o rezador percebe que a sua oração não surtiu efeito ele volta a benzer com uma oração diferente.

A regra é recitar as *fraseologias mágicas*³¹ com voz baixa e bem concentrado. No passado, as orações eram vendidas como se vende medicamentos farmacêuticos em nossos dias. Embora o pagamento não fosse com dinheiro, mas faziam trocas com rede feito de algodão, ou um animal (cavalo, boi), pois o importante em negócio desse tipo seja objeto precioso e, ou, um bem material valioso (orações), onde não há lucro entre os negociantes. Dessa forma, não há descontentamento, no final cada negociante volta para a sua casa cheio de alegria.

As orações são bens imateriais muito valiosos nos antepassados. Hoje, não temos informações sobre as negociações de orações como havia no passado. A razão pela qual uma oração tem o valor de fato, por que todas elas são poderosas quando ela é aplicada corretamente para cada tipo de doença. A gripe é uma doença quase rotineira e para curar a gripe, por ela ser conhecida por muita gente há diversos medicamentos caseiros usados no tratamento dela. Além disso, existem orações para combater diversos tipos de gripes.

Primeiramente, o curador faz diagnóstico para saber o tempo que levará para o paciente ser curado. E considera no diagnóstico o local onde o paciente adquiriu a doença. Depois do diagnóstico o curandeiro recita a oração, em seguida, ele assopra na cabeça e corpo do paciente. Outros benzedores preferem benzer água para o paciente tomar e ou, banhar.

Outro caso, a picada de cobras venenosas, pode ser curado com rezas de benzer, pois existem orações específicas para curar picadas de diferentes cobras venenosas. É evidente que a picada de cobra cascavel, por exemplo, pode ser mortal, mas os Makuxi possuem uma reza específica para curar uma picada.

No passado, dificilmente havia filhos bastardos pois não era aceito na sociedade Makuxi. Em caso de dessa possibilidade a criança podia conviver no meio de toda população local, porém, nunca era dada a ele uma chance para ser um líder ou um tuxaua.

Em função dessa determinação cultural as jovens e mulheres solteiras costumavam procurar um rezador para esterilizá-la através da reza. Era um costume para que não houvesse uma criança bastarda. A esterilização podia durar até que a

³¹ Termo utilizado por Figueroa para traduzir taren ou oração de benzer.

reza fosse desfeita pelo mesmo rezador, desta forma a mulher se tornaria apta para gerar criança como antes.

Como parte da educação dos filhos, o rezador benzia água para banha-los e tomar uma parte. Com a reza a criança poderia desenvolver habilidades na aprendizagem e ser muito esperta³².

No contexto da tradição Makuxi, todas as atividades culturais estão ligadas ao sagrado como as festas, as danças, a extração de recursos naturais em geral, uma criança recém-nascida, atividades de roça, caçada, pescaria, entre outras. Cada parte dessas atividades representa um símbolo sagrado, desde os tempos mais remotos. As músicas nunca mudam elas sempre serão mantidas na sua originalidade. Verifique a música abaixo:

1. *Parantaraí etun yetaapa paakaakî se wîriisi*
Apaakîse wîriisi, apaakaakî se wîriisi, apaakaakîse wîriisi.
2. *Awuuku tikoromai'se uwoopapîkîse wîriisi*
Uwoopapîkî se wîriisi, Uwoopapîkî se wîriisi, Uwoopapîkî se wîriisi.

Tanto as orações de benzer, as músicas, foram elaboradas nos tempos imemoriais, embora diferem uma das outras, mas nunca mudam e não conhecemos ainda uma música nova elaborada pelos compositores contemporâneos nos moldes dos antigos Makuxi. Podemos encontrar músicas elaboradas, sim, pelos autores Makuxi que diferem totalmente das músicas antigas, é o caso do forró que, além de não serem regradas pelos autores antigos são escritas e cantadas em língua portuguesa.

Ainda no âmbito do sagrado podemos falar de outros costumes como o de caçador, pescador e trabalhador. As práticas e habilidades não se adquirem através de treinamentos ou repetições como observamos com os atletas brasileiros. As plantas, as orações do rezador e alguns cuidados são responsáveis pelas habilidades e sabedoria daqueles que se submetem ao tratamento.

Esses conhecimentos eram repassados na prática e de forma oral seguindo um padrão cultural, ou seja, de criança ao velho, de acordo com o desenvolvimento físico e intelectual para cada etapa de vida dos indígenas.

Os anciãos Makuxi estavam efetivamente participando e colaborando nas organizações políticas e sociais da comunidade. É notável que em todas as

³² Termo usado para pessoas que vivem a trabalhar, pessoa acordada.

atividades do dia-dia como os trabalhos agrícolas, da caça e pesca se encontram à frente pessoas mais idosas da comunidade e não dos jovens. Isso se deve ao fato de que as atividades devem ser aplicadas com certo grau de cuidado que só os mais velhos conhecem.

No âmbito desses conhecimentos, a ciência dos índios Makuxi difere da ciência do mundo ocidental porque envolve o sagrado para o desenvolvimento desse processo. Segundo o pensamento antigo, o sagrado dá subsídio suficiente para que os indígenas tenham sucesso em seus empreendimentos. Tomamos um exemplo sobre a maniva³³, a principal planta usada na alimentação dos Makuxi. Os mais velhos afirmam que a maniva é uma planta sagrada que precisa de muito cuidado no momento da plantação e no cultivo.

O agricultor corta as artes em pedaços, mais ou menos 35 cm, depois ele recita a oração e dá o sopro sobre todos os pedaços. Em continuação os pedaços das hastes são cobertos verificando a posição do olho³⁴ da maniva. No processo da execução são dirigidas palavras à planta conclamando a sua contribuição na alimentação e bebida.

No período do cultivo da mandioca o agricultor indígena extrai a raiz e a transforma nos mais variados alimentos. A mandioca é consumida diariamente na forma de farinha ou beiju, entre os Makuxi. Do beiju se produzem as bebidas tradicionais como o *caxiri*³⁵ e o *pajuaru*³⁶. Outros derivados da mandioca como a goma, muito utilizada na produção do mingau e na mujicada. Esta última é um prato feito com carne de caça e peixe e pimenta, no qual se acrescenta a goma para engrossar o caldo. A goma, o carimã, também utilizada em mingau. Estes e outros conhecimentos foram adquiridos através da experiência e práticas pelos anciãos que são chamadas de memória dos antepassados. Outros exemplos ajudam a esclarecer melhor esta ideia sobre os conhecimentos indígenas no âmbito do sagrado.

Quando menino, vivendo na maloca Raposa, costumava ouvir os velhos, inclusive meu pai, falar sobre um ancião Makuxi que viveu até o final dos anos 70, seu nome era Viriato Raposo. Este ancião não era um pajé, mas conhecia dezenas de orações que serviam para curar diversas doenças. Além disso, seus

³³ Planta que produz a mandioca.

³⁴ Parte da maniva onde brota uma nova planta.

³⁵ Bebida indígena que contém pouco álcool.

³⁶ Tipo de bebida indígena que contém muito álcool.

conhecimentos eram profundos, conhecia as regras³⁷ gerais da vida. Sabia prever o futuro dos jovens, algo que raramente muitos anciãos conheciam na época. Muitos líderes da maloca da Raposa o citam nos seus discursos como referência para a base de suas falas. “Assim dizia Viriato”, “como dizia Viriato”, “tudo está acontecendo como fava Viriato”, assim por diante.

Este ano tive oportunidade de entrevistar o ex-tuxaua da Maloca da Raposa, Caetano Raposo, filho de Viriato. No seu depoimento citou as palavras que dizia seu pai: *“No passado, não havia tantos problemas como vemos hoje. Os problemas culminantes do passado era, a estiagem ou muita chuva. Mas o que vemos hoje são problemas que entram na nossa comunidade via a civilização”* (CAETANO RAPOSO, 2009 – ENTREVISTA).

Segundo o ex-tuxaua, Viriato se referia aos problemas que eram considerados difíceis de serem resolvidos por eles, como a invasão das terras, diversos tipos de doenças, poluição do meio ambiente, alcoolismo, prostituição, dependência econômica e outros. Nota-se que tudo o que ele falava está acontecendo na realidade, afirma o ex-tuxaua. Hoje se percebe o quanto este ancião foi importante na vida dos moradores da maloca da Raposa I.

Ex-tuxaua Caetano é um líder sábio, conhece o mundo dos antigos e o mundo dos atuais Makuxi. Seus conhecimentos foram adquiridos através do contato com seus pais e pela leitura do dia-dia. Além de tudo, foi vice-prefeito do Município de Normandia onde tem apreendido mais conhecimento no mundo dos não indígenas.

Não podia deixar de falar de Perciliano Mota (60), parente de Vitalina da Silva, nossa entrevistada, moradora na comunidade Camará, área indígena Raposa Serra do Sol, que, sem ter enfrentado a escola mostrou seus conhecimentos com muita propriedade. Trata-se sobre os primeiros contatos com os fazendeiros. Em seu depoimento, o tuxaua iniciou relatando a geografia daquela localidade com uma sabedoria precisa. Cada igarapé daquela região tem um nome dado em memória aos acontecimentos históricos. Falou de algumas rochas sagradas e a história local que o seu avô contava.

As categorias de pessoas numa comunidade aparecem conforme a descendência de pessoas sábias que segue naturalmente a cada tempo.

³⁷ Refere-se aos diversos conhecimentos que são repassados de geração em geração.

Geralmente essas pessoas são escolhidas como tuxaua. Os tuxauas dos anos 60, 70 e 80 duravam muito tempo por ser inteligente e por terem decisões aceitáveis. O papel dos tuxauas é *ajudar*, sem autoritarismo e sem violência.

Em outra ocasião, numa das visitas na maloca de Santa Maria, localizada na área Raposa Serra do Sol, também no ano passado, conheci o ancião ex-tuxaua Antônio Trajano. Ele recorda na memória que toda história ouvidas pelos seus avôs sobre a região e fez questão para que suas informações fossem registradas.

Na maloca de Canta Galo, região do Surumu, ano retrasado, durante o Encontro Pedagógico³⁸, entrevistei um ancião durante três horas que me falou a respeito de tantos conhecimentos sobre a geografia, e a história da comunidade Canta Galo.

Em registro, encontram-se os fatos importantes no livro, "*Índios e Brancos em Roraima*". São depoimentos de vários tuxauas na década de 70, presentes nas reuniões gerais da Missão São José³⁹, Surumu, área Indígena São Marcos. Os depoimentos mostram as ideias de vários tuxauas a respeito dos problemas com os fazendeiros e posseiros em suas comunidades.

Percebe-se que os tuxauas reuniam naquele local, uma vez anualmente para traçar metas para o futuro. Os tuxauas são pessoas que, independente da escolaridade, são escolhidas para representar a população de uma comunidade. Isso significa que, essas lideranças necessariamente precisavam de conhecimentos adquiridos numa escola sistematizada para ser tuxaua, porque os conhecimentos que tinham eram suficientes para resolver os problemas da época. Com o tempo, as ideias foram mudando, os problemas aumentando e as antigas metas e ideias passadas se tornaram desatualizadas, foi preciso pensar novamente e traçar novas estratégias para um novo momento.

Com as reuniões anuais na Missão São José de Surumu o movimento indígena foi tomando um corpo maior. Este movimento local passou-se para regional, estadual, nacional e internacional. Por muito tempo o povo foi descobrindo maneiras para lutar contra os problemas envolvendo terras e pela melhoria da educação, da saúde, e pela demarcação das terras indígenas.

³⁸ Programa do Curso de Licenciatura Intercultural da Universidade Federal de Roraima.

³⁹ Missão São José de Surumu fundada pelos missionários da Consolata como internato para órfãos e indígenas. A partir dos anos 80 tornou-se escola de formação para lideranças indígenas.

Nas últimas décadas, com alguns problemas resolvidos, como a demarcação da Área Raposa Serra do Sol, as comunidades e as organizações indígenas passaram a brigar pela educação com qualidade e diferenciada, da saúde conforme suas aspirações, e necessidades da população indígena.

5 A LÍNGUA MAKUXI: A MARCA TRANSCENDENTE DA IDENTIDADE DO POVO MAKUXI

Neste capítulo, analisaremos como funciona a língua Makuxi entre os Makuxi e informações a respeito dos subgrupos étnicos no contexto histórico da comunidade Raposa I.

5.1 O panorama das dificuldades sobre o uso da Língua Makuxi no dia a dia

Na área de educação se destaca as ações afirmativas desde o ano de 1988 a qual assegura a política diferenciada para o atendimento dos povos indígenas. Isso se comprova por meio da Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), em seus arts. 78 e 79, estabelece que:

[...] ao Estado oferecer aos índios uma educação escolar bilíngue, ou seja, simultaneamente em português e nas línguas indígena. Os dispositivos legais obedecem ao comando constitucional e tem por objetivo proporcionar a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades étnicas e a valorização de suas línguas e ciências, firmando ainda a obrigação da União de apoiar técnica e financeiramente o provimento dessa educação. (ARAÚJO, 2006, p. 67).

Preservar a língua Makuxi é um discurso quase secular, fato que até em nossos dias se ouvi falar a esse respeito. A Lei como se nota a cima, permite que os indígenas se organizem e preservem sua cultura e sua língua. No entanto, ainda falta algo que impulsiona essa política, pois a cada dia se percebe que a língua está perdendo o seu valor. O pior de tudo é a perda das palavras sagradas e ou míticas contidas nas orações de benzer e outras palavras pouco usadas no dia-dia, como o nome de animais, de insetos, de plantas, de peixes que completa a riqueza da língua Makuxi.

Conforme a fala de José Soares Raposo (55), Makuxi da Raposa I, observa:

Não quero culpar a escola, mas ela tem sido um fato principal para que as crianças deixem de falar a língua Makuxi. Embora, a mãe e eu falamos com elas, mas elas respondem em português. Elas entendem a língua, porém, preferem responder em português. Eu fico triste com essa situação. Portanto é um problema sério e finalmente, acaba sendo aceito, parece um problema muito grande que não podemos dar conta. (ENTREVISTA, 2009).

A revitalização da língua materna é uma questão que deve ser considerada um desafio. Não estamos afirmando que toda a língua se perca em pouco tempo,

mas trata-se do valor da língua, da sua essência como instrumento de identidade cultural.

Ao falar com o ex-professor do MOBREAL, Armando Fidélis (60), em relação ao uso da língua no dia-dia, diz que:

A tendência é desaparecer a nossa língua caso não tomarmos uma atitude séria. A língua Makuxi poderia ser uma disciplina reprovativa na escola e não é. Os jovens não falam mais a língua, somente os velhos e eles estão morrendo e como poderemos usar a nossa língua se não há quem utilize ela como meio de se comunicação no dia-dia? É triste o que percebo com os nossos jovens. Eles não respeitam os mais velhos, não tomam bênção de seus pais e de seus avós. Chamam os velhos pelo nome ou pelo apelido, não há respeito como antigamente. No passado falávamos a nossa língua com qualquer pessoa usando os termos próprios como: umíi (tio), paapai (tio próximo), paapa'(papai), mama'(mamãe), tori'(sogro), amooko (vovô), ko'ko(vovó), que era um sinal de respeito. (ENTREVISTA, 2009).

Podemos perceber na fala de Armando que as palavras usadas em Makuxi para as pessoas se assemelham como os pronomes de tratamentos em língua nacional como: senhor, senhora, excelência, ilustríssimo, etc. Nunca os Makuxi tratavam o outro pelo nome em sinal de respeito e assim na visão de Armando, os jovens por não conhecer os valores da vida e a língua acabam perdendo o sentido da moral, da ética e do respeito com seus parentes.

Para Armando, a escola está voltada apenas para o ensino dos conhecimentos gerais da ciência e não se preocupa em formar homens como os antigos Makuxi. No meu entender esse depoimento nos faz refletir sobre como a língua é tão importante na educação dos antigos Makuxi. Com a presença da escola a língua é banida e substituída pela língua brasileira a qual os conteúdos não é o mesmo do ensino tradicional.

A diferença entre as línguas é um caso real. Existem palavras que não se comportam como em língua portuguesa, como o verbo 'pescar'. Se me refiro pescar terei que dizer em frase "konai'pî", ou seja, 'anzolar', termo não usual em língua nacional.

As cumprimentações em língua nacional, "bom dia, boa tarde e boa noite" não se arranjam em língua Makuxi. Existem outras formas de se cumprimentar como o exemplo: morî pe nan? (Tudo bem com você?) "Pîkanpî'nan? (Você acordou?), Asaapontîn (vamos dormir!), etc. Dessa forma se observa que a fala tem um sentido próprio, ou seja, uma fala na própria cultura.

Ocorre que, nas últimas décadas, alguns estudiosos tentaram traduzir “bom dia” em língua Makuxi: “morî wei”. No entanto o termo “morî wei”, não tem sentido nenhum na cumprimentação em língua Makuxi.

Percebe-se que, entre os falantes, não se usam os termos alterados na fala. Isso por que, a língua Makuxi é uma língua coerente. A língua mostra na fala o universo de um povo. Através dela se ganha a identidade própria de uma região ou de uma comunidade.

5.2 Os subgrupos do povo Makuxi e o dialeto

O povo Makuxi se divide em cinco subgrupos: os mo’naiko⁴⁰, os îrian⁴¹, os seru’ma⁴², os wîi⁴³, os inkariko⁴⁴. Não se sabe ainda qual é a língua principal ou, a mais antiga das cinco. O importante seria conhecê-las para novos desafios de estudos deste povo.

Nas últimas décadas, a questão da escrita padrão da língua Makuxi tem sido um problema na elaboração de materiais didáticos. Percebe-se que cada subgrupo apresenta diferenciações dialetais. No entanto, há o entendimento na comunicação entre os subgrupos.

O fato é que, a distância geográfica e ausência ou dificuldade de comunicação entre os habitantes de regiões distintas, faz com que, ao fim de um período os falares das regiões estejam bem diferentes entre si (BIZOCCHI, 2006, p. 56). Com esta afirmação acima, podemos chegar à conclusão de que as dificuldades pelas quais a língua Makuxi se encontra se resume no distanciamento de cada grupo que vem sofrendo ao longo de muitos anos.

Com a escrita surgiram algumas inquietações entre os estudos da grafia. A regra da escrita é uma questão política no âmbito da linguística que, segundo o qual afirma Severo (2011):

A natureza das regras que definem o status e o prestígio das línguas não é neutra/científica, mas política, uma vez que os processos de designação e de circulação das línguas instauram e conservam hierarquias, refletem/constroem desigualdades linguísticas e sociais, aproximam ou distanciam grupos, favorecem

⁴⁰ Mito. Makuxi descendente da origem daquele que fora pescado pelo Makuxi do campo com minhoca no rio Cotingo. [mo’-] minhoca, [-nai-] origem, [-ko’] povo.

⁴¹ Povo da comunidade Perdiz e Congresso.

⁴² Makuxi da região das serras. Diferencia-se de outros através da fala que só os Makuxi entendem.

⁴³ Termo usado pelos Makuxi do campo (ramon) na fala. Ex: *Anî’ wîi mîikîrî?* Quem é ele? Podia se dizer ‘quem é ele’ sem necessariamente a utilização do termo wîi’, melhor *anî’ mîikîrî?*

⁴⁴ Povo Makuxi da floresta. Também se conhece os inkariko pela fala.

certas comunidades linguísticas em detrimento de outras, instauram práticas legitimadoras de certas línguas e de apagamento de outras, etc.

Ainda, em pleno século XXI, a padronização da escrita em língua Makuxi se encontra em discurso muito favorável a uma definição conclusiva. Esta posição em que se encontra a língua tem um significado importante na história. Os alunos que cursam a Licenciatura Intercultural estão lutando pela grafia padrão a fim de melhorar o ensino da língua indígena em suas escolas.

As apropriações dos conhecimentos linguísticos favorecem o ensino da língua através do uso dos símbolos linguísticos. No momento, muitos depoimentos estão sendo ouvidos em reuniões, bem como nos meios de comunicação que podem ser entendidos como princípios de revitalização da língua Makuxi.

Quanto os materiais didáticos para o ensino das línguas indígenas nas escolas ainda é uma questão de ordem crítica que precisa ser intensificado e de caráter urgência. Hoje, existem poucos materiais produzidos em língua Makuxi. Muitos procuram materiais didáticos, e entanto, não encontram em nenhum lugar. Os professores fazem planos e fazem o que podem para dar suas aulas em língua Makuxi.

Acredita-se que em pouco tempo os resultados serão alcançados mediante as lutas pela preservação e escrita da língua Makuxi na comunidade Raposa I. Embora, mediante os problemas que faltam para superar as dificuldades os professores desta comunidade estão cada vez se esforçando para alcançar seus objetivos. Muitos dos pais são conscientes e ensinam seus filhos, enquanto outros acreditam que a escola tem a responsabilidade de ensiná-los e julga que ele não tem essa responsabilidade e assim, o tempo vai passando e as aspirações vão indo para a retaguarda.

5.3 A importância da língua tradicional para a cultura do povo Makuxi

Muitos anciãos indígenas fazem críticas ao perceberem que os jovens estão abandonando a língua Makuxi em detrimento da língua portuguesa. A hipótese levantada por eles são os efeitos da cultura dominante como a própria escola, alimentos, trajes, músicas, enfim tudo o que é de fora está continuamente sendo absorvido pela população indígena.

Conforme analisa Teixeira (1995, p. 291):

O Brasil é um país onde se falam muitas línguas. Há pelo menos 200 línguas que são faladas por famílias brasileiras, de forma regular, como uma segunda

língua, que se fala em casa, ou às vezes até como primeira língua. Japonês, alemão, italiano, sírio, romeno, krahó, waiâpi, kaikang, tikuna e Makuxi são alguns exemplos. As primeiras cinco línguas citadas são línguas trazidas para o Brasil depois que os portugueses já estavam aqui. Elas eram mais de 1.300; hoje são 180.

O povo indígena apresenta 2% da população do país. Sem dúvidas, elas, cultural e linguisticamente representam uma grande soma de experiências históricas e sociais diversificadas, de elaborados saberes e criações de arte, das músicas, de conhecimentos, de filosofias originais, construídos ao longo de milênios pela pesquisa, prática, reflexão, criatividade, inteligência e sensibilidade do povo indígena.

As culturas e as línguas são frutos da herança de gerações anteriores, mas estão sempre sofrendo novas transformações. Essas tradições culturais, os conhecimentos acumulados, a educação das gerações mais nova, as crenças, o pensamento e a prática religiosa, as representações simbólicas, as organizações políticas, os projetos do futuro, enfim, a reprodução sociocultural das sociedades indígenas, é manifestada através de uso de mais de uma língua.

Mesmo os povos indígenas que são hoje monolíngues em língua portuguesa continuam a usar em muitas situações a língua de seus ancestrais como um símbolo poderoso de traço identificatório, constituindo assim, um quadro de bilinguismo simbólico e importante.

Esta pesquisa analisar esse processo que, pelo qual a própria escola vem influenciando na cultura originária dos indígenas resultando numa nova face. É notável que ocorreram grandes transformações no âmbito da cultura indígena, no entanto, é preciso que esse processo seja analisado na forma transparente com a perspectiva de reconhecer os fatos que surgiram ao longo da vivência no pós-contato.

O importante é que os alunos indígenas reconheçam a sua própria história, sua cultura, os diversos conhecimentos de seus ancestrais sobre o mundo, as crenças e religião. A educação escolar, antes dos anos 80, deixou um vazio no setor cultural, lamenta-se as perdas dos conhecimentos milenares onde se passou a ensinar os valores e conhecimentos dos povos do mundo ocidental.

O interesse do estado até o século XIX era o de transformar os indígenas em cidadão comuns sem ao menos levar em consideração as diferenças étnicas. O resultado dessa política assimilacionista engendrou problemas crônicos como a

negação da identidade, esquecimento da cultura no modo geral, além disso, o confinamento dos territórios em função das grandes empresas e fazendas.

Como o processo dessa política os indígenas estão ocupando diferentes funções no mercado de trabalho. Inicialmente, alguns deles tiveram empregos nas fazendas, nos garimpos e lavouras. Os resultados desses trabalhos nunca chegaram a satisfazê-los, pois, os serviços em sua maioria eram manuais em que demanda o tempo e pouco lucro.

Nos anos 80 surgiram alguns indígenas comerciantes, agentes de saúde, professores, artistas musicais, poetas, pedreiros, profissionais em pesca, prefeitos e vereadores, enfim uma série de cargos importantes. Lembrando que essas profissões não exigiam o nível de escolaridade mais avançado.

Com a inserção da educação escolar indígena até o ensino médio surgem as novas aspirações profissionais. Dessa forma, a educação escolar passa a ser o meio de formação profissional voltado para o mercado de trabalho.

As contínuas transformações nas décadas de 1980 a 1990 foram ganhando novos rumos causando perdas principalmente no que tange a cultura local. A língua é a mais prejudicada na comunidade Raposa I. Até os anos 1970 e 1980 as crianças falavam a língua Makuxi com seus pais e com seus parentes e o português era falada com os professores, padres, freiras, pastor e médicos, etc.

Já nos anos de 1990 em diante se percebe que poucas crianças falavam a língua Makuxi. Mesmo com a política de preservação da língua pela parte dos tuxauas, professores, linguistas o abandono da língua continuou mais forte. Muitos se acham cansados das advertências sobre o desaparecimento das línguas minoritárias e sobre a falta que elas trarão para o futuro.

A comunidade Raposa I tem se manifestado a favor do ensino da cultura e da língua na escola. Mesmo diante da intensidade das aulas, das preocupações dos pais e das autoridades, nota-se que o abandono é súbito. Não se vêem mais crianças e jovens falantes em língua Makuxi. Inacreditável a Raposa fora elogiado no passado como uma das comunidades que mantinha a sua língua viva.

Nota-se que a partir dos anos 80, quando se iniciou as campanhas eleitorais e tecnologias, sistema de comunicação na comunidade as pessoas começaram a pensar diferente que antes. Ninguém imaginava que algo estava contaminando a consciência e a estrutura da vida da população.

A maior intriga é o entendimento sobre transformar e mudar. Conforme Gitti (2015):

Quando se fala em transformação na maioria dos casos o que se oferece é apenas mais um tipo de mudança: de estilo de vida, de hábito, de crença, de "paradigma", de trabalho, de cultura, de visão de mundo, de moradia, de relação, de propósito, de comportamento, de fascinação estética [...] (<https://papodehomem.com.br/mudar-e-facil-como-a-gente-se-transforma-1/>).

Com as análises feitas acima por Gitti, o tipo de mudança seria na cultura de uma comunidade que são o estilo de vida, de hábito, de crença, de trabalho, de visão de mundo, assim por diante. Percebe-se que essas mudanças ocorrem sempre pensando na superação das dificuldades encontradas no dia-dia. Aos olhos de muitos a educação é uma alternativa que podem atrair boas chances para uma vida com qualidade.

O estudo sobre o problema da língua Makuxi que é o foco deste capítulo se insere como um dos assuntos relevante para a população Makuxi, principalmente para os professores do ensino de língua. Ainda hoje se nota algumas confusões sobre o modo da escrita e da fala de diferentes regiões, ou seja, região das serras⁴⁵ e do lavrado⁴⁶. Assim sendo, a escrita também sofre com essas diferenciações quando se elabora um único material didático. Alguns candidatos que fizeram a inscrição para vestibular da Licenciatura Intercultural chegaram a reclamar de que foram prejudicados nas provas de redação em língua Makuxi, alegando que o professor é de região do lavrado.

Tal problema referente à língua pode estar ligado a escrita e não na fala pois as diferenciações servem para identificar as pessoas de outra região e as falas são comunicáveis sem nenhum problema. Partindo do pressuposto de que a escrita única pode estar causando inquietações aos alunos de regiões diferentes e da falta de professores preparados para estas demandas.

Trabalho com professores indígenas na Universidade Federal de Roraima desde 2002 vejo uma grande dificuldade em relação ao ensino da língua tradicional. Os comentários que se ouve são do tipo da falta de professores formados especificamente para ensinar a língua Makuxi. Por outro lado, os professores contratados para ensinar a língua Makuxi acabam ensinando outras disciplinas como

⁴⁵ Compreende a parte alta pela presença de montanhas.

⁴⁶ Região baixa ou plana com vegetações de cerrado.

português, a matemática e a ciência por não haver outro professor. Além disso, a falta de material didático complementa as outras dificuldades já citadas.

Muitos estão seguindo a metodologia indígena que é a oralidade, tendo como o principal fator o ensino da língua e a escrita fica em segundo lugar. Esta metodologia tem sido eficiente onde o aluno fala mais, escreve menos e aprende mais. Como a língua Makuxi está sendo abandonada o mais importante o incentivo da fala.

Quanto a gramática pode ser aplicada após o domínio da fala que certamente tornará mais fácil o aprendizado.

A maloca da Raposa era famosa quando todas as famílias falavam a língua Makuxi inteiramente, nos anos 60 a 80. Em 1990 a situação começa a se agravar onde aos poucos foram deixando o costume de falar a língua tradicional e substituindo pela língua nacional. Tal situação me deixou inquieto e ao mesmo tempo achei importante realizar uma pesquisa sobre o assunto e das constantes mudanças na identidade cultural da população raposense.

Antes de tudo, nasci e morei vinte anos na referida comunidade motivo que me levou a tomada de decisão no tocante a elaboração um de registro que documentasse a história do povo Makuxi da maloca da Raposa, uma vez que, restam ainda poucos anciãos que guardam na memória os conhecimentos tradicionais - hoje quase desaparecidos da vivência indígena proporcionando a perda indetitárias dos povos Makuxi.

Vale ressaltar que nos dias atuais, angústias e inquietações vão alimentando a necessidade de aprofundar-se sobre os fundamentos sócio-histórico-culturais dessa etnia, uma vez que, a escola se tornou responsável pelo repasse dos conhecimentos que em outrora foram repassados através da oralidade produzida na fala dos atores indígenas mais velhos.

5.4 Por que aprender a Língua Nacional?

Quando chegamos às comunidades indígenas, observamos que a maioria dos moradores fala a língua nacional até mesmo os mais velhos. E quando olhamos para as casas, os objetos domésticos e até os transportes, vemos coisas que não são do mundo indígena.

O professor Euclides Makuxi dizia em seus discursos nos eventos que participava: “a cidade chegou nas comunidades indígenas”. Nesse sentido podemos perceber que não só os objetos estão presentes na comunidade no dia a dia, mas também a língua, os costumes e a cultura dos euros brasileiros⁴⁷.

Freitas analisa a respeito do uso da na Raposa:

[...] a língua portuguesa é usada por todos no dia a dia da comunidade, com exceção de uma diminuta quantidade de idosos que só conversam em Makuxi, mas entendem português em níveis variados. Esses avôs e bisavôs geram a utilização da língua indígena na rotina da casa. Nessas situações algumas crianças bem pequenas falam em Makuxi. (FREITAS, 2003, p. 99).

Pela presente observação se percebe que os Makuxi da Raposa I vivem dois universos culturais arraigados pelas forças de diferentes culturas que é a tradicional e a outra do mundo dos não índios.

Nesse sentido, a língua nacional tem a sua importância na utilização no dia a dia. Por outro lado, além da escola que incentiva fortemente o uso da língua nacional ela também serve como meio para fazer reivindicações dos seus direitos constitucionais.

Não se pode negar que:

A escola é considerada o tempo/espço onde tem que se aprender a língua do branco; os jovens fascinados com tudo o que provém do mundo das cidades, procuram falar cada vez mais o português e ao mesmo tempo se afastam das tradições orais. É como avalanche e a sede de novos conhecimentos aniquilassem tudo aquilo que se torna associado aos velhos à vida aldeã. (FRANCHETTO, 2000, p, 85).

Portanto, a língua representa esse processo de transformação cultural modelado pela dinâmica de novas aquisições modernas.

Como já vimos que tipo de homens os pais programavam na educação da sociedade Makuxi. E quanto no ponto de vista daqueles que deram o seu depoimento a maioria teve a mesma resposta quando se referia que tipo de pessoas os pais esperam para o futuro de seus filhos com a educação escolar indígena da comunidade Raposa I.

Conforme os depoimentos de Lourival, Armando, Domingos e Soares as respostas foram unânimes. E afirmam que, em seus discursos informais com outros pais se esperam que os filhos estudem para conseguirem emprego fixo ou uma

⁴⁷ Povos descendentes dos europeus.

profissão como professor, agente de saúde, motorista, operador de máquinas, policial, etc. São profissões em nível da comunidade local e não foi falada outras profissões como advogado, engenheiro, contabilista, etc.

A educação escolar tem sido analisada pela maioria dos entrevistados como provocadora do surgimento de várias categorias de pessoas, como bem mostra Brandão (2006, p. 34):

A educação da comunidade de iguais que reproduzia em um momento anterior a igualdade, ou a complementaridade social, por sobre diferenças naturais, começa a reproduzir desigualdades sociais por sobre igualdades naturais, começa desde quando aos poucos usa a escola, os sistemas pedagógicos e as “leis do ensino” para servir ao poder de uns poucos sobre o trabalho e a vida de muitos.

Segundo Armando (60) morador da Raposa I:

A escola trouxe para a comunidade da Raposa coisas boas e ruins. As coisas boas referem-se possibilidade de ampliar a visão indígena através da leitura que antes não precisava. Hoje em dia é preciso que o indígena estude bastante e conheça o seu mundo e o mundo lá fora. A leitura possibilita o acesso aos conhecimentos do mundo civilizado e permite que encontramos um trabalho mais fácil. Quem não sabe ler perde muitas oportunidades. Porém, a escola tem a marca da desigualdade e individualismo entre os parentes. Tem gente que tem mais e outros e a maioria possuem pouco e não como antigamente, todos tinham. [...] naquela época os jovens participavam nos trabalhos comunitários e hoje eles se ocupam as atividades escoar.

6 COMUNIDADE E CULTURA

Neste VI capítulo me proponho a falar sobre a visão do que seja uma cultura para os Makuxi da comunidade Raposa I, bem como as pessoas se relacionam com a educação.

6.1 Comunidade Raposa I: concepção de cultura Makuxi e a educação

As concepções da cultura entre os mais velhos e jovens encontram-se em visões diferentes. Nas falas de Melânia Henrique, Dalício Raposo, Vitalina da Silva, Caetano Raposo, Domingos Batista, Lourival Fidélis, todos da terceira idade. Eles afirmam, na época em que eram crianças e jovens, nos anos 50, 60 os costumes da cultura eram diferentes. Primeiro não havia a educação escolar como temos em nossos dias. Em caso de eventos religiosos (areruya) todos participavam velhos, jovens e crianças. Os grandes eventos ocorriam nos tempos de faturas seja das colheitas ou das caçadas.

Esses costumes foram sendo esquecidos paulatinamente com a introdução da cultura dos colonizadores europeus. Primeiramente a língua foi esquecida e depois outros costumes como as festas, as danças, as músicas, a comida, a bebida, as diversões e o modo de sobrevivência – totalmente diferente dos antepassados. As transformações ocorridas no mundo indígena servem na nossa atualidade para uma reflexão conjunta no sentido de avaliar e prever a melhoria de condições de vida para toda população.

Conforme Soares Fidelis sobre a vida passada:

Nós não temos como voltar atrás, estamos nos acostumando cada dia com o que oferece o mundo moderno. Embora queiramos viver como os antigos viviam, mas não conseguimos viver por que assim negamos as ansiedades geradas pela educação. A educação nos ensinou a matemática, o português, a ciência, a geografia baseada nos conhecimentos do povo branco. A educação foi muito forte nesse sentido, transparece que a nossa cultura é coisa do passado ou atrasado. (ENTREVISTA, 2009).

Os velhos pensam que os adultos atuais estão esquecendo os conhecimentos dos antigos e passam a depender de outra cultura para sobreviver. Melânia Henrique comenta com muita tristeza sobre as transformações culturais por ela percebidas quando diz: “Se o meu padrinho Viriato tivesse vivo seria capaz de dar muitas broncas com a vida que leva a comunidade da Raposa I. Ele ia falar sobre

suas previsões feitas no passado e que se tornou uma realidade com os atuais moradores” (ENTREVISTA, 2009).

Melania se referia ao Viriato Raposo, um dos filhos de Pîreeka, fundador da Comunidade Raposa I, conhecido como o maior filósofo da história Makuxi local. Este velho em vida, falava tudo o que refletia sobre o mundo. As experiências acumuladas antes do contato e depois com os não índios fora para Viriato um grande acontecimento que vem legitimar novos saberes com povos de culturas diferentes.

Viriato se preocupava com o crescimento populacional da sua comunidade no futuro. O maior problema seria a falta de alimentação que vai gerar outros problemas sociais⁴⁸. Muitas pessoas o procuravam para ouvi-lo e aprendiam com ele coisas importantes para viver bem e até orientações para a vida. Aqueles que ouviam Viriato, hoje percebem que tudo o que falava está acontecendo.

Quando se trata da fala de Viriato, se trata a respeito das transformações ocorridas no último século. Refere-se à perda da língua, novos hábitos e novos costumes adquiridos no pós-contato. Daí se percebe que há entre os moradores Makuxi da Raposa a noção de que seja cultura (yeseru). As tradições “yeseruwannî”, portanto *são os conhecimentos, práticas e costumes e crenças*, afirma Soares Fidelis.

Entre outros entrevistados, Soares Fidelis adota conhecimentos adquiridos no mundo a fora e na Comunidade Raposa I. Ele afirma que foi garimpeiro por muitos anos, trabalhou como oleiro em Boa Vista e na Raposa onde vive atualmente. Sua esposa é da Guiana, “makuusipa”, mulher Makuxi e com ela tiveram cinco filhos. Soares quando fala, suas afirmações são bastante convincentes, é um observador, um filósofo Makuxi. A entrevista feita com Soares foi mais de meia hora. A entrevista com Soares ocorreu sem ter o aviso prévio, justamente com intuito de ouvir as colocações de suas ideias na íntegra.

Daí conclui que, existem pessoas, de fato, dotadas de sabedoria mesmo sem ter passado pela educação formal (a escola). Brandão (2006) já afirmava que:

[...] ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para

⁴⁸ Desunião (tamurukun pe pra), falta de respeito com os velhos (a'yaketononyamî' sa'nama pra), penúria (iwan), furtos (ama'ye'pe), malandragem (yaakraa pe), prostituição.

fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. (BRANDÃO, 2006, p. 7).

No caso dos jovens parecem que não estão satisfeitos quando se trata sobre a cultura. A escola tem difundido a ideologia do progresso e do desenvolvimento na vida dos jovens implicando na continuação do uso da cultura de seus antepassados. Na fala dos jovens sobre a cultura percebe-se um clima de risos depreciativos e pouco entendem de que seja realmente a cultura. Os adultos sabem melhor a concepção de que seja cultura em sua versão tradicional (yaseru).

Hoje, o aluno passa a maior parte de seu tempo na escola. No ambiente escolar se aprende tudo por que ali há uma concentração de pessoas com saberes e/ou culturas diferentes. A língua de comunicação destas (pessoas) é a nacional. Os materiais didáticos, os programas curriculares são todos no modelo da educação nacional. Em depoimento do professor João Maçarico afirma que:

Eu não vejo aplicação da educação diferenciada na escola José Viriato Raposo. A educação diferenciada devia ser melhor trabalhada para que ela transparecesse diferente. Os programas curriculares são o mesmo que se aplica na cidade. Parece que, ainda a educação diferenciada não foi consolidada pela escola da Raposa I. (ENTREVISTA, 2009).

Pelo que se percebe, todas as entrevistas levam a crer que o povo da Raposa está na fase da chamada transição ou aculturação. Ninguém se negou a dar entrevistas. Todos se encontravam preparados para falar daquilo que pensam sobre o passado, o presente e o futuro. O destaque de maior relevância nos discursos desta população foi a educação escolar indicada como um véis importante para o processo das transformações culturais. Embora os moradores se empenhem no sentido de manter suas tradições através da construção de currículo próprio, mas a força das novas transformações tecnológicas acaba levando a população ao acompanhamento dessas transformações.

Em cada período desses eventos marcado pelas transformações de novas ideias, novas práticas culturais ainda não se sabem como pensam e quais são suas perspectivas no futuro da comunidade Raposa. O fato é que se percebe uma série de práticas culturais, produções, formação profissional, tipos de sobrevivência que não são as mesmas do passado. Talvez, dentro de uma hipótese, posso antecipadamente afirmar que, com as falas dos mais velhos e as dos jovens existam duas possibilidades de suposições de ideias. No ponto de vista mais amplo, os

velhos parecem estar insatisfeitos com as transformações da cultura e costumes, enquanto para os jovens essas transformações os satisfazem, melhor, os jovens querem o aperfeiçoamento profissional, muitos estão em busca do ingresso nas universidades outros procuram emprego para sobreviver. Enquanto os velhos se queixam da falta de produção como nos antepassados. Hoje eles percebem que a maior parte dos alimentos é comprada nas vilas e nas cidades.

Nesse sentido, a cultura originária pode estar correndo perigo de ser extinta, já que a tendência dos jovens é pensar em desfrutar tudo o que o mundo moderno oferece. Pelo visto, a escola contribui com a disseminação dessa ideia, de evolução e tecnologia e não há preocupação com a ameaça de sua cultura originária desaparecer.

O professor Maçarico observa que as transformações relativas à cultura se dão por vários motivos, entre eles, os principais se destacam: a escola, e a tecnologia. Cada um desses elementos para ele (Maçarico) é um indicativo para o avanço do mundo etnocêntrico. Ele ainda afirma. “Estamos acompanhando a evolução do mundo através da leitura e da escrita” (MAÇARICO, 2009).

Considerando que no futuro, os jovens percam a sua cultura originária. Como será o lamento destes com a perda de sua identidade? Como os indígenas do futuro se identificarão se não conhecerem o seu passado ou suas raízes? Os traços de identificação culturais não serão questionados em casos de precisão, como o direito sobre a terra?

As questões são pertinentes às futuras gerações, pois o que vemos hoje são pessoas tentando resgatar suas raízes étnicas e às vezes não conseguem por conta da acomodação da antiga geração e por falta de informações e conscientização.

Já na fala de Soares (2009) temos a seguinte afirmação: “Não conseguimos segurar os nossos filhos, eles estão puxando para o lado da escola. Falamos em nossa língua, mas eles (os filhos) respondem em português, mesmo entendendo o que falamos”.

Logo que a escola foi introduzida na Raposa I os professores ensinavam através do método da pedagogia tradicional, uma proposta de educação centrada no professor cuja função define-se por vigiar os alunos, aconselhá-los, ensinar a matéria e corrigi-las e onde o professor fala, o aluno ouve e aprende.

Com a inserção da educação escolar pelo Estado brasileiro os Makuxi acabaram aceitando pelos seguintes motivos. De acordo com o depoimento de

Lourival Fidélis (2009), a educação escola na comunidade Raposa I foi a ideia de um fazendeiro por nome de Antônio Tataíra que falava para Abel Raposo, em vida, ainda aluno da escola missionária em Boa Vista, nos anos 50: “ *A Raposa não é mais uma maloca e sim uma vila. Peça ao governo uma escola para as crianças aprenderem a ler e assim vocês se tornarão cidadãos brasileiros*”. Abel Raposo tinha intenção de se tornar o primeiro professor indígena de sua comunidade, mas faltava-lhe um ano para a sua formação. Mesmo na função de aluno, Abel fez a reivindicação ao governo que logo aprovou uma escola na Raposa I.

O primeiro professor chamava-se Trovão, indígena Makuxi que aprendeu apenas os conhecimentos básicos da leitura, da escrita e as quatro operações em matemática na escola não indígena. Nessa época não havia outra pessoa com um estudo mais avançado por isso a única maneira de iniciar o ensino na comunidade Raposa I naquela época com o professor Trovão. Nessa época, o sistema curricular utilizado na Raposa foi o mesmo usado na capital, ou melhor, não havia diferença. Porém, os parentes acabam aceitando visto que na escola corria comentários de que ela traria mudanças para melhorar a vida da população. Mudança significava que o estudo poderia garantir um futuro melhor para a população, um emprego com um bom salário.

Desta forma, com o salário não precisava trabalhar nas atividades agrícolas, suportando o calor do sol e o cansaço e assim, trabalhar “na sombra”. Era costume ouvir os pais nos anos 70 e 80, “estude meu filho para não trabalhar na enxada como o papai”. Com estas frases se deduz que a ideia de *trabalhar na roça* era o pior meio de sobrevivência. É claro que não havia uma reflexão sobre a importância das atividades agrícolas para a comunidade e não se tinha ideia de que no futuro o problema estava por vir. Hoje se colhe fruto, em consequência daquilo que foi difundido nos tempos anteriores como a falta de alimentos produzidos na comunidade.

O povo passou-se de produtor para comprador cujo antes era um produtor, detentor dos conhecimentos sobre a produção. Se analisarmos com muita atenção, de certa forma os objetivos da escola foram alcançados, pois as crianças do passado agora são homens e lutam por emprego e direitos pela educação, pela saúde, pela moradia e de sobrevivência digna como qualquer cidadão brasileiro.

Daí o surgimento da Educação Escolar Indígena nos anos 80 através das reivindicações junto às autoridades competentes. Não temos como negar a

eficiência da execução do projeto escolar, desta vez, procura-se por meio dela conscientizar toda população a revitalizar a cultura dos antepassados. Este discurso está sempre presente em diversos eventos, fóruns e seminários em todo território nacional.

6.2 Povo Makuxi: uma apreensão sobre a cultura, comunidade e escola

Conforme Laraia (1986):

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. (LARAIA, 1986, p. 46).

Segundo ex-tuxaua Dalício Raposo, os antigos indígenas da pré-história viviam em guerras com seus rivais, nesse período viviam em grupo, morando nas cavernas no alto das montanhas. Eles não enterravam seus mortos, mas depositavam em urnas funerárias⁴⁹. Os Makuxi foram uma grande população que acabaram dominando os grupos menores, homogeneizando e aumentando a população Makuxi. Com o crescimento dos Makuxi começaram a sair das cavernas e passando a morar em malocas⁵⁰. Depois de alguns tempos, com o aumento da população e novas situações⁵¹ cada família começou a construir suas próprias casas, prática que vem até os dias atuais. A educação escolar não existia, todos os conhecimentos eram suficientemente para garantir a sobrevivência dos Makuxi no passado.

A chegada dos europeus é um fenômeno que se deve levar em consideração alguns aspectos. Primeiro é o acúmulo de conhecimentos do povo europeu e a explosão demográfica. Com as descobertas veio o domínio das populações indígenas, dando origem às chamadas colônias. Os Makuxi antes do período colonial ainda usavam machado de pedra, faca de osso de animais, chinelo de couro ou de capemba⁵² de buriti, rede de fio de algodão e uso das plantas de cura ou tratamento físico e espiritual, ou seja, tudo natural, nada feita pela ciência. Até os

⁴⁹ Urnas funerárias são panelões em cerâmicas encontradas nas regiões das montanhas na Comunidade Raposa I.

⁵⁰ Nome dado à casa dos índios Makuxi que tem alguns formatos retangulares e ou arredondadas com apenas uma porta onde moravam algumas dezenas de pessoas.

⁵¹ Sedentarização, chegada dos europeus, aproximação das regiões salinas.

⁵² Haste que sustenta a palha de buriti.

primeiros contatos os indígenas não tinham dificuldade para sobreviver, porém, através do contato com os não índios, os parentes Makuxi passaram a conhecer ferramentas mais sofisticadas ou industrializadas. Assim era também no meio de transporte como o carro de boi, cavalo e canoa, hoje, no pós-contato, o meio de transporte é o motorizado.

A aquisição de materiais domésticos passou a ser feitas nas lojas, alimentação em feiras e supermercados tornando mais acessiva a vida indígena. A escola chega justamente para acompanhar a evolução dos tempos que vai colaborar na escolha do destino da cultura indígena.

É válido dizer que, antes dos anos 60, a escola não tinha tanta importância entre as lideranças e a comunidade indígena da região da Raposa. Os discursos transcendentais da época eram em torno da produção e do planejamento anual dos projetos comunitários. No entanto, após o referido período (1970, 1980) é que começa os chamados *períodos conturbados* marcados pelas novas invasões garimpeiras e ampliação das fazendas deixando as comunidades nas formas de ilhas. Nessa época os não índios pensavam “que as terras são de ninguém e, por isso ocupáveis” (CIDR, 1990, p. 7).

Muitos dos problemas aconteceram na região da Raposa envolvendo índios e não índio onde os mesmos eram resolvidos na Maloca da Raposa com o tuxaua local. O tuxaua da época se chamava Gabriel Raposo, índio Makuxi, soldado reservista do exército brasileiro. Além do cargo de tuxaua local e tuxaua geral, Gabriel também foi promovido delegado da região da Raposa com finalidade de resolver os problemas. A área de abrangência da gestão do tuxaua Geral incluía as seguintes regiões: o Médio Surumu, Médio Cotingo, Baixo Cotingo e algumas comunidades das Serras, sentido norte e nordeste conhecidas hoje como Santa Maria, Barreirinha, Maracanã, Cachoeirinha, Santa Cruz, Guariba e outras comunidades em formação.

O sistema organizacional das comunidades no pós-contato parece ter sido numa forma única, tendo como um exemplo os trabalhos em mutirões que eram praticamente feitas em todas as comunidades.

Há evidências de que os missionários da igreja católica atuavam nas comunidades que além do ensino religioso também ensinavam as comunidades a se organizarem social, política, econômica e culturalmente.

Em detrimento de todos os itens acima mencionados a maloca da Raposa será focada a partir desse contexto. A presença e ação missionária tem sido uma ponte que objetivava solucionar os problemas através da ideia de preservação da cultura. Alguns das propostas foram manter as comunidades sem escola mais avançada (ensino fundamental e médio), o incentivo da não aceitação de energia na comunidade e do registro civil e outros documentos para os indígenas, isto é, os indígenas teriam que estar privados da oferta que o mundo estava oferecendo. Esta proposta missionária fundamentava numa previsão de que no futuro os índios poderiam sofrer vários problemas como a dependência econômica que hoje visivelmente se percebe nas comunidades.

Essas propostas não valeram à pena, pois os indígenas logo se tornaram consumistas de produtos industrializados, a energia, eletrodomésticos, ou seja, a globalização chega e ganha espaço no universo da comunidade.

Preocupados, os missionários procuram uma maneira para combater a saída do indígena periodicamente para garimpos e fazendas. Geralmente, a saída dos indígenas objetivava a compra de roupas, sabão, querosene, fósforos, no entanto não traziam retorno, pois, nas fazendas e garimpos se recebia o pagamento, mas eram gastos em bebidas alcoólicas, mulheres de programas que, além de pegar o vício da bebida não conseguiam nada para suas famílias. Nesse caso, o tempo perdido só gerava mais problemas como a falta de alimentos para os filhos e separação dos casais. Existem vários casos onde os pais deixavam suas esposas e saiam em busca de emprego e não retornava mais por várias razões como o casamento com outra mulher, abandono da família para viver livre.

Para solucionar estes problemas os missionários criaram postos de vendas de produtos industrializados em todas as malocas que eram conhecidas como cooperativas cuja ideia era fazer trocas de produtos das comunidades com produtos da cidade. No final dos anos 70 e início dos anos seguinte os resultados deram certos, as cooperativas estavam funcionando como foi planejado. A comunidade também estava produzindo bastante e os produtos abasteciam os mercados das cidades locais e quando havia excedentes os produtos eram levados para a capital.

Outro problema detectado pelos missionários foi à falta de alimento para o consumo diário das famílias e com suas análises, os indígenas levavam a fama de bons vaqueiros. Diante disso, foi pensado num projeto que se chamou “uma vaca para o índio”, visto que o gado, além de proporcionar a carne, o couro, o leite e

outros derivados e o esterco orgânico que poderia servir na preparação de roças para o plantio de várias culturas como: a mandioca, o feijão, o arroz, a banana, entres outras.

O objetivo desta pregação provavelmente era uma meta para o combate de problemas como a dependência, desigualdade social e a pobreza na maloca. Então se percebe que os missionários sempre estavam tentando solucionar os problemas que estavam surgindo. Outra frente de expansão de desenvolvimento foram os governantes que, a partir dos anos 80 surge a política partidária que possivelmente, os interesses foram para conquistar os votos indígenas e mais à frente o interesse pelas riquezas naturais e a possibilidade de confinar as terras no futuro e implementar um grande projeto como é o caso da hidrelétrica na cachoeira do Tamanduá, rio Cotingo, localizada na área Raposa Serra do Sol.

Na década de 80, foram feitos investimentos pesados no campo agrícola, inclusive na maloca da Raposa que embora os resultados da produção têm sido cem por cento, mas não foi dada a continuidade por motivos culturais⁵³.

De acordo com os depoimentos dos tuxauas, nas reuniões gerais, fica claro que as terras onde as comunidades estavam assentadas estava sendo invadida pelos fazendeiros (CIDR, 1989).

Talvez esse período possa ser considerado como um dos períodos em que os indígenas mais sofreram pelas novas invasões e com isso a ideia da demarcação das terras.

Apesar dos problemas de invasão em várias comunidades da região a maloca da Raposa a Maloca não sofreu com este problema, pois não tinha fazendas com grandes investimentos na sua área, havia alguns locais praticamente onde tinha poucas cabeças de gado e uma casa de palha com pisos de cimento.

Em função disso, a população na época levava uma vida que me parecia tão feliz, onde o povo vivia a sua cultura rica. Os homens, mulheres, rapazes e adolescentes falando na própria língua e conservava as tradições culturais. Os contos das histórias e lendas eram feitos pelos velhos aos jovens e crianças.

A religião, os meios de tratamento de saúde eram feitos na base tradicional e pouco se precisava de tratamento médico como temos hoje. Os comentários que se

⁵³ Os Makuxi numa produção de alimentos é repartir por igual para cada família. Ninguém acumulava bens mais que o outro para não se sentir infeliz diante de todos e assim levar o nome de ambicioso, avarento. Tem o ditado indígena que diz “Quando há alegria todos se alegram e quando há sofrimento todos sofrem”. A felicidade estava nesse aspecto, ou seja, no coletivo.

escuta nas comunidades são queixas graves de que o consumo de alimentos industrializados tem provocado problemas na saúde da população indígena. Não se sabe se no passado os índios têm morrido de diabete, derrames, cirrose, pois a morte que mais acontecia era provocada pelo ataque do Canaimé. No entanto hoje, só na maloca da Raposa morreram mais de uma dezena de pessoas com diabete, câncer e outras provocadas pelo consumo de bebidas alcoólicas.

A alimentação era baseada na caça, na pesca e nas pequenas criações, tudo nos moldes antigos. Os trabalhos eram realizados através de mayu, que significa “mutirão” que resultava numa harmonia que parecia ser uma vida infinita. A alegria tomava conta em todos os sentidos, isto é, nas horas de trabalho, nos momentos das refeições, nas caçadas, nas pescarias e nos momentos festivos.

O povo vivia em comunidade, nenhuma família tinha domínio sobre a outra, pois os trabalhos eram realizados de maneira eficaz que no final dos períodos de trabalho nenhuma família reclamava por falta de alimento básico. Era o modo de produção inteligente onde praticamente 50 a 60 homens trabalhando diariamente nas roças, durante o período marcado no calendário da comunidade. O ano todo era usado o calendário já conhecido pela comunidade embora não se tinha nada escrito a respeito.

Nesse processo, os conhecimentos indígenas eram realizados nos costumes antigos em todos os aspectos, seja nos meios de produção e em outras atividades da comunidade. O mais importante dos períodos observado no passado eram as fases da lua que influenciava diretamente na natureza e nas atividades agrícolas, segundo os mais velhos. Os períodos de derrubada, da coivara, da queimada, do plantio e da colheita, eram feitos de maneira regulada pelo tempo através das legítimas experiências e conhecimentos milenar indígena Makuxi. O Referencial Curricular Nacional de Educação hoje afirma que “as técnicas rústicas e manejos diferenciados da agricultura guardam segredos dos povos” (RCNE, 1998, p. 94).

Os segredos se referem o campo do mito histórico, do sagrado onde os índios acreditavam na existência de seres que cuidavam de animais, de plantas, rochas, montanhas, rios e lagos. Estes seres tinham a função de zelar e proteger cada um dos elementos naturais contra os predadores, destruidores e profanadores. A ciência ainda não chegou a reconhecer rigorosamente a possibilidade de as coisas naturais terem espírito como se acredita que o ser humano é dotado de espírito.

Hoje, praticamente o tempo mudou, até a nova forma de produção está mudado e regulado pelo conhecimento do mundo não indígena, no qual não vejo com bons olhares porque o que percebemos transparentemente são os surgimentos das classes sociais no seio da sociedade Makuxi.

Daí surge às indagações que merecem ser analisadas com muita atenção e rigor científico. O que deve ter acontecido para que esta população passasse por uma profunda transformação na maloca da Raposa? Quais foram os problemas cruciais que causaram profundamente transformações culturais? O consumo de produtos industrializados pode ter influenciado nesse processo de transformação? Será se o mundo globalizado tomou conta da vida da população? Percebe-se que todos os indígenas aceitam de certa forma com a maior naturalidade as transformações.

O povo tem esquecido muito rápido a vida do passado e tende de acompanhar e dominar as novas tecnologias. Parece que o povo Makuxi caminha desta vez num beco sem saída. Os discursos em todos os eventos quando se fala da revitalização cultural são unânimes, no entanto, se percebe que esses discursos não saem do papel e cada dia a cultura fica mais distante. A minha dúvida é, se existem indígenas que fazem discursos no âmbito da revitalização tem profunda consciência naquilo que afirma.

O nosso papel como pesquisador é estudar esses mistérios e contradições para reverter esse problema. Temos que ter a consciência de que a cultura é dinâmica, mas ela tem que ter uma marca originária, isto é, a cara indígena. Às vezes o apego pela cultura ocidental se dá pelo fato do desconhecimento da importância da cultura própria. A princípio, um povo que busca autonomia própria deverá passar pela conquista e definição de sua própria cultura.

Difícilmente os povos indígenas terão autonomia se estes estiverem perdidos e esquecidos a sua cultura. O pior é que o preconceito pode ser maior entre os povos sem cultura como acontece com alguns grupos étnicos no sul do país que são identificados como “bugres” aqueles que perderam totalmente a marca indetitárias.

Desde os anos 80 se observa os discursos de preservação cultural, hoje era o momento para avaliar os avanços que ocorreram e, no entanto, reitero que a cada dia o índio vai cedendo espaço de cultura tradicional para a cultura não indígena. A maior prova de perda da cultura é a da língua materna onde somente os mais velhos falam atualmente. Outra questão que deve ser feita análise é o fato de que não se

fala a língua por que ela é feia ou não serve para nada? As lideranças indígenas resolvem os problemas usando o português nas reuniões comunitárias e em vários eventos.

Outra perda considerável da cultura Makuxi refere-se aos conhecimentos que eram considerados vitais como a fase da lua, preparação da terra para o plantio de culturas diferentes. Além disso, muitos indígenas não sabem como conservar as sementes anualmente como faziam no passado e o período certo das plantações no sentido de combater as pragas. Outra questão também importante que faz parte da ciência empírica indígena Makuxi são as posições dos astros, fases da lua e a observação do cantar de um besouro, de aves e a observação dos insetos que serviam como previsão do tempo.

Parece que todos os conhecimentos Makuxi foram adquiridos ao longo dos séculos através da observação dos animais e da natureza. Quando o inverno se aproximava os velhos com sua experiência ficava a observar os cânticos dos animais e dos pássaros, a simples construção das casas dos diferentes insetos que margeiam os rios e lagos. A partir daí os parentes já estariam se preparando para um forte ou fraco inverno.

Esses conhecimentos foram sendo esquecidos e hoje ninguém produz como antigamente, a maior parte dos alimentos é comprada na cidade, principalmente a farinha, a pimenta, o milho, a batata, a banana, ou seja, produtos localmente produzidos no passado. Tudo leva a crer que no passado os povos indígenas ensinavam os europeus a produzir e hoje se ver ao contrário, os brancos ensinando os índios a produzir, a falar a língua tradicional e preservar a cultura.

De fato:

A escola apropriada pelos povos indígenas para reforçar seus projetos socioculturais e abrir caminho para o acesso a outros conhecimentos universais, necessários e desejáveis, a fim de contribuir com a capacidade de responder as novas demandas geradas a partir do contato com a sociedade global. (LUCIANO, 2006, p. 129).

Conforme a professora Maria José Januário sobre o ensino da cultura e da língua, diz:

É preciso que o ensino da língua e da cultura ganhe forças como o ensino da língua brasileira. Além disso, os materiais didáticos em língua Makuxi usados pelos professores podem apresentar problemas no que se refere a inadequação para o ensino. Outro problema se dá por não haver curso específico para professores do ensino de língua tradicional. Enfim, os pais não ensinam os filhos a falarem em Makuxi e assim, acho que os alunos

percebem que aprender a língua não tem muita importância na sua formação. (ENTREVISTA, 2009).

Nas afirmações a cima, o problema envolve não apenas a localidade da Raposa, mas outras comunidades indígenas. Os discursos em eventos das escolas indígenas não são diferentes, mas sempre os mesmos.

Para Walter Fidélis Ibiapino, aluno do Ensino Fundamental da escola José Viriato Raposo, *a cultura ensinada é somente a língua Makuxi escrita. O professor escreve mais e fala muito pouco e com esse modelo ninguém aprende e cada vez desestimula o aluno, afirma Walter (2009).*

Com a fala do aluno podemos esclarecer ideias sobre a deficiência do ensino da língua. Primeiro o professor não tem formação específica sobre o estudo da língua e tudo que aprendeu foi com os pais, com os avôs e com amigos falantes.

A língua Makuxi pode ser uma das línguas complexa para a aprendizagem e para o ensino por algumas suposições. Existem Makuxi da mata (inkarĩko'), Makuxi das terras baixas ou dos campos (ramonoko'), Makuxi das serras (wĩ ranko'), cada um com padrão de cultura própria. A língua apresenta outros distribuídos em diversas regiões que acabam por dificultar a elaboração de materiais didáticos para todos.

Ao perceber que o professor é inseguro nas aulas da língua o aluno tende de fingir que compreendeu os conteúdos das aulas. Nesse caso, é importante que se discuta como se pode abrir o horizonte para a melhoria do ensino da língua nas escolas. A metodologia indígena fora esquecida e o professor não consegue vislumbrar a importância dos métodos dos velhos para o estudo da língua na sala.

Os próprios idosos devem ser convidados para ajudar o professor na sala. Talvez, a cada dia o professor de língua Makuxi deveria dinamizar suas aulas sem estar preso com a escrita e a leitura. Os alunos querem ouvir e sentir a fala natural de cada velho, e assim, o aluno vai perceber que o professor deixou de repassar conhecimentos de interesse do aluno, que com o auxílio dos velhos nas salas de aula, certamente, o ensino da língua Makuxi se tornaria mais proveitoso e interessante, por acreditamos que a cultura indígena deve estar presente em tudo que for ensinado na escola. No nosso ver, a escola e cultura são as componentes essências de uma comunidade.

A escola, portanto, é apontada como instrumento usado para provocar as transformações, primeiro da consciência dos parentes quando o fazendeiro afirma que a “Raposa não é mais uma maloca e sim uma vila”.

Ao analisar a fala de José Soares: “quando eu falo em Makuxi com os meus filhos eles me respondem em língua nacional”. Percebe-se que o problema não está em casa e sim na escola onde o aluno vive metade do tempo. Na escola o aluno vai encontrar um mundo diferente, uma linguagem diferente, alimentos, brinquedos e diversões totalmente diferentes do que há em sua casa. Ao voltar para a sua casa o aluno perceberá que os trabalhos de casa com uma outra visão de mundo construído pela escola e logo vai ignorar a tradição de seus pais julgando ser o melhor e detentor dos conhecimentos modernos.

Ainda no âmbito desse pensamento, através do convívio com outros Makuxi ouvi muitas histórias reais em que alguns jovens ao morar na cidade e quando voltavam para suas comunidades se comportavam como jovens urbanos, como se tivesse perdido os hábitos de sua cultura, em primeiro lugar a língua.

Esses problemas vêm ocorrendo em várias regiões brasileiras quando participamos de eventos indígenas a fala não difere, ou seja, as dificuldades e necessidades causadas pelas transformações ocorrem na maioria das comunidades indígenas, em particular no estado de Roraima.

Com todas as transformações decorrentes da modernidade ainda não perdi a esperança na seriedade e competência das lideranças indígenas e alguns professores que lutam pela revitalização da cultura indígena. Isto significa que mesmo com a precariedade do ensino da cultura e da língua Makuxi a escola insiste no ensino da língua tradicional.

Talvez o que precisa para as escolas indígenas é uma política escolar ascendente pela parte da Secretaria de Educação do Estado e Município no sentido de dar maior importância para o estudo da cultura e da língua e apoiar os Projetos Políticos Pedagógicos construídos pelas escolas e comunidades indígenas sem tanta burocracia institucionais.

Não deixaria de registrar uma comunidade que trata com seriedade sua cultura, refiro-me à comunidade Indígena, de etnia Pemon, de São Francisco, na Venezuela. A língua pemon faz parte do tronco linguística caribenha. Os pemon desta comunidade usam a língua de seus antepassados como a primeira língua. Todos falam a língua sem exceção, crianças, jovens, adultos, velhos e todos os

professores. A economia principal é o turismo, mesmo com uma extensão territorial reduzido os pemon vivem produzindo artefatos artísticos, cerâmicas, comidas típicas, com isso, geram rendas para toda família.

O número de pemon em 2006 ultrapassava mil habitantes e a organização social bem definida. Os anciãos são considerados líderes mais importantes da comunidade devido aos conhecimentos de suas raízes. Depois vem o capitán (cacique), e outras autoridades como presidentes de bairro, juntos com outros formam um conselho para as decisões importantes da comunidade.

O governo deu incentivo como a moradia, sistema de saneamento básico, uma escola bilíngue. Os professores têm um papel de suma importância na comunidade, transmitem os conhecimentos da tradição pemon e ensinam outras línguas indígenas da região e as línguas não indígenas, o alemão, o inglês, o francês, e a nacional (o espanhol).

Com os relatos acima registrados tento mostrar um modelo de uma organização comunitária indígena que dispõe de qualidades da qual são usadas nos discursos atuais das organizações e das populações indígenas roraimenses como, a revitalização da cultura e da língua.

Espera-se que, com o resultado das pesquisas sobre as causas que antecederam e sucederam a vida das populações indígenas seja o contribuinte para que a questão indígena venha crescer favorecendo os aspectos sócio-político historicamente esperados.

6.3 Mito de origem da Raposa

A identidade dos povos indígenas se constrói histórica e culturalmente nas relações dos discursos que expressam seus costumes, credos, mitos, modos de produção, considerando-se as perspectivas interacionais da sócia diversidade dos seus contextos (CORRÊA, 2007, p. 3).

Desde a sua origem a Raposa I vive recheada de mitos, histórias e práticas adquiridas ao longo de longos tempos. Não se sabe como surgiu o mito da Raposa, mas o importante é que a comunidade tem a sua história que inicia com mito até a sua formação atual. A história da Raposa I começa com o mito contado por Dalício Raposo:

Contam que nos tempos imemoriais, quando os personagens mito da história Makuxi, Insikiran e Ani'ke moravam na região da Raposa. Quando os dois irmãos resolveram ir à pescaria, e, consigo levaram uma pequena raposa (maikan), animal de estimação (yekîn). Enquanto pescavam no lago, atual lago da Raposa I, o animal entrou na toca do tatu e continuou a escavação no sentido norte. Depois da pesca deram falta de seu animal e descobrindo o local por onde ela havia entrado começaram a cavar em busca, sem sucesso. Muito cansado com os esforços feitos, e cheio de aborrecimento procuraram vingar-se do animal. Depois de tantas horas, encontraram-na transformando-a em pedra e logo depositada nas encostas das serras da Raposa I, local da cabeceira do igarapé. Segundo a história, o local por onde fizeram a escavação tornou-se um igarapé. A partir daí o igarapé e o lago onde pescavam foram batizados como igarapé e lago da Raposa. Posteriormente, a comunidade também foi chamada de Maikan Pixi.⁵⁴ (ENTREVISTA, 2009).

Na década de 60, período em que foi implantada a escola para os índios, os alunos tinham que ser batizados e registrados com nomes e sobrenomes. O professor Abel Raposo, foi o primeiro professor Makuxi da Raposa I, formado em Boa Vista, teve a ideia de pôr sobrenome *Raposo* para toda população nascida no local. No entanto, a ideia teve seus bons momentos, mas depois, por várias razões a população deixou de usar *Raposo* como sobrenome.

Nessa época muitos aproveitaram fazer o registro civil substituindo o sobrenome de Raposo para Silva, Fidélix, Fonteles, Souza. Outros preferiram por sobrenomes com o nome de seus avós como é o caso de Nascimento, Militão, Alexandre, Viriato, Francisco, Jaime incluindo ou não o sobrenome de Raposo, no meu caso ficou registrado Celino Alexandre Raposo, sendo Alexandre meu avô, Raposo por ter nascido na Raposa.

Hoje, com casamento dos Makuxi da Raposa I com pessoas de diferentes lugares está suprimindo a identidade pondo outros sobrenomes diferentes em vez de Raposo.

6.4 “Areruya”: a religião dos Makuxi do campo (ramonoko)⁵⁵

A palavra aleluia aparece definida no dicionário Candido de Figueiredo (2013, p. 101) como: Canto de alegria. Alegria. O tempo de páscoa. Muitos autores afirmam que Aleluia vem do latim ao qual tem raízes hebraicas e significa “*louvai a Deus*”.

Na versão Makuxi, o areruya é a religião autenticamente Makuxi. E como se sabe a história dos colonizadores mostra que as tradições indígenas foram negadas

⁵⁴ Perna da Raposa, traduzindo em Língua Nacional. A comunidade está localizada próxima onde termina o igarapé ou também dito, perna do igarapé da Raposa.

⁵⁵ Povo das terras baixas ou, do lavrado em língua Makuxi.

e modificadas conforme seus interesses. Assim o areruya há algumas palavras em inglesa supostamente acrescentada pelos colonizadores naquela época. Para catequizar os indígenas os missionários teriam utilizada a religião nativa e difundir a sua (religião) tornando mais fácil o alcance de seus objetivos. Daí surgem palavras em língua inglesa em algumas recitações dos cânticos religioso do areruya.

Conforme Abreu (1995, p. 22) comenta que:

[...] em 1939, quando a catequese inglesa estava apenas em seus preâmbulos, o uso de tal palavra (hallelujah) foi registrado pelo bispo Coleridge em sua viagem de reconhecimento no rio Corentiny, Fronteira com a Guina Inglesa com o Suriname. Relata o bispo que ali ouvira um velho índio cantando areruya que aprendera durante a juventude, em uma missão morávia instalada naquela região.

Conforme Damiana Raposo⁵⁶ e Dalício Raposo (70), o areruya surgiu muito antes do contato com os povos ocidentais. Para as colocações dessas afirmações de que o Areruya surgiu nos tempos imemoriais foi consultada a senhora Damiana Raposo em 1980, onde e como surgiu o Areruya. Ela afirma que o Areruya inicia na comunidade conhecida Me'síkî'ta⁵⁷ próximo a comunidade Bismark, município de Normandia, estado de Roraima.

Como falava o profeta da religião Pîreeka⁵⁸ “os homens viviam na escuridão”. Dalício afirma que viver na escuridão refere-se, às guerras, o canibalismo, o canaimismo, como viviam os antigos Makuxi. Com o surgimento do areruya a maioria dos povos cessaram as guerras e passaram a conviver em harmonia, além disso, a chegada dos europeus fez com que os indígenas acuados, procurassem aliados para lutar contra os invasores europeus, segundo o senhor Dalício Raposo⁵⁹.

⁵⁶ Moradora da Raposa I, viveu até os anos 80. Ela era remanescente dos primeiros moradores e formadores da comunidade Raposa I. Seu esposo se chamava Viriato Raposo, o sábio desta comunidade. Ela morreu de velhice e viveu mais de 100 anos, segundo os mais velhos. Não encontramos nenhum registro para confirmar sobre a sua idade. Melhor entender que Damiana tinha mais de 100 anos por ela ser uma das que viveu os primeiros momentos da formação da Raposa I.

⁵⁷ Comunidade indígena Makuxi. Me'sekî'ta significa conjunto de árvores conhecido na região por **angico**. A comunidade Me'sekî'ta localizava próxima ao arvoredado, daí o nome da comunidade “Me'sekî'ta”.

⁵⁸ Pîreeka viveu em tempos efervescentes. Não havia paz na região onde morava Pîreeka, havia muitas guerras intertribais e todos precisavam se tornar Canaimé para sobreviver. Pîreeka recusou ser Canaimé e se tornou pajé. Com disseminação do areruya na região Pîreeka se interessou e logo se tornou um dos grandes sábios da história de sua época. Não continuou como pajé para se dedicar exclusivamente ao areruya.

⁵⁹ Dalício 65 anos, nasceu na Raposa 1, um Epukena', sábio cantor do Areruya e conhecedor da história do Areruya.

O areruya surge no Me'sekĩ'ta por meio do Siroren⁶⁰, um jovem que ficou órfão de pai ainda pequeno. Já adolescente morre a mãe. Após a morte da mãe Siroren passou muitas necessidades e nunca deixou de pensar em sua mãe, chegava a se emocionar e chorava.

Siroren vivia muito triste e com a falta da mãe chegou ao extremo da loucura. Embora seus parentes ali presentes tentando acalmá-lo, mas não havia jeito. Um dia, Siroren pensou em viajar para encontra com a sua mãe em qualquer lugar. Era loucura, mas não pensou duas vezes e saiu rumo ao oriente. Depois de alguns dias, sentiu muita fome e adormeceu. A partir daquele momento de exaustão, Siroren teve visões que, segundo o qual, ele chegou na margem do mar e se deparou com uma embarcação que estava a sua espera para leva-lo até sua mãe. Damiana em entrevista, falou de uma embarcação ou o transporte que levou Sirorem era *movido a fogo*. Muitos questionamentos surgiram a respeito após a entrevista, dentre eles são: 1º: o transporte era coberto de fogo? Ou havia um transporte com descargas? 2º Por que as pessoas dessa embarcação estavam a sua espera para leva-lo até a sua mãe? Esta história tem poucas informações que passa a ser um mito sobre a origem do areruya.

Ao chegar no lugar onde estava sua mãe, no desembarque havia uma pessoa lhe esperando para conduzi-lo. Porém ele teria que passar na região do inferno a fim de mostrar-lhes um outro caminho da perdição. Ao longo da viagem o guia mostrou um lugar onde estavam as almas que viveram em pecados enquanto vivos na terra.

A senhora Damiana relatava que Siroren viu almas de mulheres cujos os seios eram muito grandes. Estes seios ficavam entre as duas pedras que ia de encontro com a outra e se chocavam fortemente nos seios provocando aspensão de leite e as condenadas continuavam se lamentando sem intervalo. A pena se dava para mulheres que matavam seus filhos antes e, ou depois do nascimento.

Em seguida o guia mostrou cães devorando pessoas que, segundo o qual, em sua vida na terra maltrataram os cães. Depois de várias visitas ao longo do inferno⁶¹, Siroren foi levado pelo próprio guia para apresenta-lo a sua mãe. No entanto, havia um tapete antes da porta de entrada onde Siroren teve dificuldade ao pisar encima pois parecia ser muito escorregadio e ele por ser mortal ainda não lhe

⁶⁰ Fundador do areruya, a religião dos Makuxi nos tempos imemoriais. Siroren nasceu Me'sekĩ'ta, após a revelação da religião ele parte para as regiões das serras onde ficou em um lugar chamado de Kankamun na Serra do Sol até a sua morte.

⁶¹ Lugar onde as almas de pessoas más são levadas para pagar seus pecados. Fogo eterno.

era permitido passar no tapete se não após a morte. Por motivo dessa situação Sîroren foi conduzido até a sua mãe por outro acesso.

O encontro aconteceu e foi muito emocionante. Ao ver a mãe ao vivo Sîroren não conteve suas emoções, chorou até passar toda dor. Após algumas horas a mãe e filho conversaram sobre os projetos do Paapa⁶². Tratava-se de informar aos povos a existência de um Deus “Paapa” e seus projetos no âmbito religioso.

Naquela época nunca havia sido falado da existência de um Deus na região onde Sîroren morava. Porém, ouvia-se história do Paapa apenas como lendas, como por exemplo: a lenda do monte Roraima que dizem ser a casa de Deus que se tornou um monte.



Figura 3 - Monte Roraima.
Fonte: Wikipédia (2009).

Do lado da Venezuela existe um outro monte que dizem ser a casa do diabo. Outra história que diz respeito do velho Sanpron, revoltado, foi à casa do Paapa, a fim de dar-lhes umas bofetadas. No entanto, Sanpron não conseguiu chegar próximo dele. Existem outras histórias sobre Deus, o Paapa, mas não havia religião como conhecemos em nossos dias.

Com o retorno de Sîroren para sua região foi difundida religião do Areruya onde se ensinou a paz, o amor ao próximo e louvar ao Paapa através do ritual do areruya. Sîroren estava cheio de conhecimentos e de força espiritual e tudo o que lhes ensinaram no outro mundo foi repassado para muita gente e muitos se

⁶² Paapa, Deus, em língua Makuxi. O pai terreno se chama de Paapa', com a diferenciação do acréscimo de uma oclusão glotal no final da palavra.

tornaram adeptos da religião do areruya. Antes da disseminação da religião areruya as pessoas viviam em guerras, praticavam bruxarias e adoravam o fogo e as trevas, o Aiyán⁶³.

O maior adepto de Sîroren foi Pîreeka⁶⁴, da tribo Makuxi, tendo recebido as mensagens repassadas pôs em prática o ritual do areruya. Pîreeka falava com Paapa (Deus) nos sonhos adquirindo muitos conhecimentos a seu respeito.

A linguagem profética do areruya não é fácil de entender, somente aquele que participa e ou, faz parte do ritual poderá entender o espírito da profecia por ser uma religião diferente em relação às outras. O ritual é sempre dançado do começo ao fim, além disso, apenas se canta e se dança⁶⁵ na forma circular e sempre pensando nas palavras que geralmente são repetidas.

No areruya se pede a paz para todos, união entre os povos, partilha dos alimentos e a benção de Deus. Deus em língua Makuxi é Paapa recitado a todo o momento os cânticos do areruya.

6.5 A diferenciação do areruya da região das serras e da região do lavrado

Após a disseminação do areruya em toda a região das Guianas se torna a segunda religião dos Makuxi no século XXI. No caso, os parentes Inkariko (gente da mata) passaram adotá-lo como a primeira e a única religião. Segundo Damiana Raposo a religião do Areruya no meio do povo Ingariko surge a partir de um sábio dessa etnia antes de Pîreeka.

A mesma informante citada acima, afirma que os cânticos desse sábio Inkariko têm alguns aspectos que difere dos cânticos de Pîreeka. Assim os Makuxi conhecem dois tipos de Areruya: *areruya da serra* com os Inkariko e *areruya do lavrado* com os Makuxi ou também chamado de terras baixas.

A diferença se dá devido as músicas e os tipos de lugares celestes onde os praticantes do areruya são conduzidos após a morte. Os céus conhecidos na

⁶³ Lugar escuro onde as almas más são levadas após a morte.

⁶⁴ Um dos maiores sábios da história Makuxi. Pîreeka nasceu e cresceu recusando ser Canaimé e preferiu ser pajé. Com os rituais do pajé Pîreeka iniciou a sua vida dedicando ao areruya. Todos os dias Pîreeka realizava o ritual do areruya. Segundo a senhora Damiana, seus conhecimentos eram adquiridos nos sonhos. Num desses sonhos Pîreeka viu uma carruagem e desenhou na rocha e muitos acreditaram nele. Damiana também contou que ele foi atacado várias vezes pelos Canaimé, mas ele conseguia regenerar-se. No entanto, ele acabou morrendo após outro ataque onde lhe cortaram suas partes íntimas e jogaram fora. Nesse caso, Pîreeka não quis mais continuar a vida e pediu a Deus que o levasse.

⁶⁵ O termo dançar no ritual do areruya refere-se as diferentes coreografias existente.

linguagem do povo do campo são cinco: Aakan⁶⁶, Praatan⁶⁷, Reitan⁶⁸, Keran⁶⁹, Eepîn⁷⁰. Os dois primeiros céus são as moradas de Deus e outros três significam a força, braço direito e paixão.

A comunidade Raposa I, antes dos Karaiwa já adoravam Paapa (Deus) através do areruya com o sábio Pîreeka. Os eventos religiosos ocorriam num lugar chamado Maikan Maka (cabeceira do igarapé da Raposa).

Pîreeka reunia gente de todos os lugares de norte a sul da região da Raposa I, ou seja, das margens do Ireng (Maú), do teso de Buritizal (Kuwai' Kîrî), atual Boa Vista, ao lado do rio Rupununi na Venezuela, etc.

Durante o período da disseminação do areruya muitos se tornaram Epukkena⁷¹, novos mensageiros da religião. Pîreeka sofreu atentado algumas vezes pelos Canaimé, antes de sua morte, mas através da grande fé que tinha em Deus conseguia superar e restituir a sua saúde.

Como eram as constantes mudanças indígenas Pîreeka resolveu se mudar próximo a Raposa I, atual São João. Depois de um novo sonho, Pîreeka construiu uma casa com dois pisos para a realização dos rituais do areruya. Nos momentos dos rituais ele e mais três pessoas sábias dançavam no primeiro piso enquanto os demais participantes dançavam no segundo piso.

Pîreeka viveu no atual São João⁷² mais de vinte anos depois, segundo a senhora Damiana, ele foi vítima de feitiço para viver de um lugar para outro. Conforme a crença, Pîreeka resolveu se estabelecer próximo as encostas da serra Cuano-Cuano (Serra da Águia) na Guiana, ali, sofreu atentado pelos Canaimé Desta vez cortaram-lhe os órgãos genitais provocando sua morte. Os seguidores acreditam que Pîreeka morreu consciente, de ter realizado a sua missão.

Alguns adeptos continuaram com os rituais na comunidade Raposa I, tendo um novo sábio o senhor Viriato Raposo e Alexandre Henrique que viveram até o final da década de 70. Após a referida década novos Epukkena' surgiram com Dalício Raposo, Caetano Raposo, Augustinho Raposo.

⁶⁶ Lugar eternamente iluminado.

⁶⁷ Lugar eternamente iluminado com a luz do tipo fluorescente.

⁶⁸ Braço direito de Deus.

⁶⁹ Lugar Celeste que significa luz, brilhante, lugar com muito brilho.

⁷⁰ Lugar de Paixão, quem vai para este lugar ele vai pela paixão.

⁷¹ Profeta ou disseminador da religião do areruya.

⁷² Após a chegada dos colonizadores puseram o nome do lugar de São João.

Atualmente, tendo fracassada a religião do areruya por terem sido disseminado a religião católica e protestante na Raposa, onde o povo passou a cultuar a Deus nos moldes dessas religiões. Dentre os Epukkena' acima citados restam apenas dois Dalício Raposo e Caetano Raposo os conhecedores dos cânticos do areruya. Os dois pretendem intensificar a religião originária no sentido de torná-la reconhecida e valorizada pelos Makuxi.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho tive a iniciativa em questionar de forma reflexiva as transformações provocadas pela presença da escola na comunidade Raposa I. O termo transformação usada por Weigel (2000), no quarto capítulo, merece atenção especial. Sua observação parte do discurso de um pajé, um velho sábio pela sua experiência como membro do povo Baniwa.

Todos os povos adquirem conhecimentos de acordo com suas necessidades. Em função das necessidades ocorrem transformações seja lenta ou transformações bruscas. Os Makuxi viviam sem tantas necessidades de transformar sua cultura, viviam longo tempo com as mesmas músicas, as mesmas coreografias de danças, as mesmas comidas, os mesmos artesanatos, a mesma educação.

No entanto, com a chegada dos europeus os Makuxi foram obrigados a reformular o seu modo de viver, seus costumes, crenças, hábitos. Muitos dos conhecimentos repassados de geração em geração tiveram um fim dramático às vezes sem volta.

Tentei responder a indagação desta pesquisa: *qual foi o fator principal que levou o povo Makuxi da comunidade Raposa I a sofrer transformações em sua cultura ganhando uma nova identidade?*

A decisão de focalizar este tema por ser uma questão de suma importância para os atuais discursos “revitalização da cultura”. Tentei ouvir professores, moradores e alunos no sentido de buscar a explicação mais precisa.

Com todo processo de investigação cheguei à conclusão de que os entrevistados atribuem a responsabilidade para a escola.

A escola, portanto, no passado, contribuiu para que os alunos deixassem de utilizar a sua língua tradicional no dia-dia, deixou de ouvir as histórias de sua cultura contadas pelos seus avós, desvalorizou os conhecimentos tradicionais e passaram a acreditar nos conhecimentos universais, não conhecem os valores antigos como o modo de tratamento que se faziam com os parentes em fim, os velhos passaram a ser menos ouvidos.

Embora a escola fora uma instituição muito importante para a aquisição dos conhecimentos universais, por outra parte, ela acabou sendo um instrumento crucial de aniquilar a cultura Makuxi. Com as falas nas entrevistas se percebe que os parentes se tornaram reféns do mundo dito “civilizado ocidental”.

Percebe-se que, embora os Makuxi queiram voltar a viver utilizando sua cultura como a 30 e 40 anos atrás, não conseguem devido uma força virtual transparente, ou seja, todos conhecem e entendem do problema terminam aceitando por que é uma situação que está ocorrendo não com uma pessoa, mas com todos. Os mais velhos lamentam-se com o que está acontecendo, mas os jovens esperam novos resultados daquilo que está sendo posto para o seu futuro.

Diante de todos os problemas detectados na reflexão deste trabalho, acredito ainda nos discursos dos povos indígenas, sobre a revitalização da cultura, e assim, os impactos que ocorrem no dia-dia vão sendo superados aos poucos, mesmo com a lentidão, os Makuxi terão que voltar a utilizar sua língua, seus costumes, chegará a utilizar os curandeiros, pajés, rezadores em casos de problemas de saúde, etc. O desafio é bastante longo, é uma utopia, mas é possível quando todos os Makuxi utilizarem o instrumento muito poderoso “a união”, usada tradicionalmente pelos antepassados para resolver várias situações da vida.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Estela de Azevedo de. **Aleluia: o banco de luz**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2006.
- AMORAS, Antonio Soares. **Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa**. 15. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- ARAÚJO, Ana Valéria et al. **Povos indígenas e a Lei dos “Branços”**: o direito a diferença. Brasília: Ministério da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação?** São Paulo: Cortez, 1989 (Coleção Primeiros Passos).
- BRASIL. Ministério da Educação Cultura e Desporto. Secretaria de educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CANEN, Ana; MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. Reflexões sobre o multiculturalismo na escola e na formação docente. **Educação em Debate**, Fortaleza, 1999.
- CENTRO DE INFORMAÇÃO DIOCESE DE RORAIMA (CIDR). **Índios de Roraima**. Brasília: Diocese de Roraima, 1989. (Coleção histórico-antropológica; 2).
- CORRÊA, Áurea Lúcia Melo Oliveira. **O discurso e a interação mitológica nos processos educacionais etno-cultural dos Macuxi**. Boa Vista, 2007.
- CRUZ, Maria Odileiz Souza. **“Gíria”, preconceito ou identidade?** (no prelo) .
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etmológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 1986.
- EGGERATH, D. Pedro. **Arch-abade de São Bento e Prelado do Rio Branco: o Valle e os Índios do Rio Branco**. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geografia Brasileiro, 1924.
- FARAGE, Nádia. Os wapichana nas fontes escrita: história de um preconceito. In: BARBOSA, R; FERREIRA, E.; CASTELLÓN, E. (Ed.). **Homem ambiente e ecologia no estado de Roraima**. Manaus: INPA, 1997.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- FIGUEROA, Lino. **Makunaima em el Valle de los Kanaimas**. Venezuela: Editora Intenso, 2001.

FREITAS, D. B. A. P. **Bilingüismo Makuxi**: Maloca da Raposa. Boa Vista: Programa Norte de Pós-Graduação, Capes, 1999.

_____. **Escola Makuxi**: identidades em construção. 2003. Tese (Doutorado) – Unicamp, Campinas, SP, 2003.

GITTI, Gustavo. **Mudar é fácil... Como agente se transforma? # 1**. Disponível em: <<http://papodohomem.com.br/mudar-e-facil-como-a-gentese-transforma-1/>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

GRUPIONI, Luiz Donizete Benzi (Org.). **Formação de professores indígenas: repensando trajetórias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

GUIMARAES, Susana Marteletti Grillo. **A aquisição da escola e diversidade cultural**: a prática dos professores Xerente. Brasília: DEDOC FUNAI, 2002.

KOCH-GRUMBERG, Theodor. **A distribuição dos povos entre rio Branco, Orenoco, rio Negro e Yapurá / Theodor Koch-Grumberg**. Manaus: INPA/EDUA, 2006.

LARAIA, Roque de Barro. **Um conceito antropológico**. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MAGALHÃES, Edvard Dias (Org.). **Legislação Indigenista Brasileira e Normas Correlatas**. 2. ed. Brasília: FUNAI /CGDOC, 2003.

MELO, Maria Auxiliadora de Souza. **Educação e trabalho Makuxi/Wapichana: memória e identidade**. 2000. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2000.

MINAYO, M. C. S. et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MOLEVADE, João. **Educação pública no Brasil: contos e descontos**. Ceilândia, DF: Idéa Editora, 1997.

MONSONY, J. C. **“El idioma Yavitero: ensaiyo de gramática y diccionario**. 1987. Tese (Doutorado) - Universidade Central de Venezuela, Venezuela, 1987.

MOREIRA, Antonio Flávio. A formação dos professores sob diferentes olhares: multiculturalismo, currículo e formação de professores. In: ENDIPE, 9, 1998, Aguas de Lindóia, SP. **Anais...** Águas de Lindóia, SP, 1998.

RAMIRES, Henri. **Língua Arawak da Amazônia setentrional**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2001.

RICARDO, Carlos Alberto (Ed). **Povos indígenas no Brasil, 1996–2000**. São Paulo: Instituto Sócio Ambiental, 2000.

RONDON, Candido. **Marechal Candido Mariano da Silva Rondon**: quando jovem, desbravando os ignotos. Disponível em: <[Http://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2ndido_Rondon](http://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2ndido_Rondon)>. Acesso em: 22 nov. 2015.

SANTOS, Nelvio Paulo Dutra. **Políticas Públicas, economia e poder**: o estado de Roraima entre 1970 e 2000. 2004. 270 f. Tese (Doutorado) - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2004.

SEVERO, C. G. Questões de Línguas, identidade e poder: hibridismo em Timor Leste. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 11, p. 95, 2011.

VIEIRA, Jaci Guilherme. **Missionários, fazendeiros e índios em Roraima**: a disputa pela terra - 1777 a 1980. Boa Vista: Editora UFRR, 2007.

WEIGEL, Valéria Augusta de Medeiros. **Escola de branco em maloka de índio**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2000.

APÊNDICE A - História da Maloca da Raposa na versão de Damiana Raposo em Língua Makuxi

Pena amooko Poman ereepamî'pî taruwaya pan yuwai'. Pan yeporî'pî to'ya Kaxuwa yepin piya. Mîrîrî yai nari'pe pata wanî'pî, o'ma'kon pemonkonpî tîwentamo'kasanon, nari'pe anî' ko'mamî eserekeepara tuwanmara. Mararî'para kamo wanî'pî, moro', waikin, mararî'para. Timoronkon tepu'se amookopokon ko'manpî'tî'pî, tîise tiwaakîriikonpe pata wanî'pî, to' ko'mamî esereke. Maasa pata tîise, karaiwa tonpara tîise, to' ko'manpî'tî'pî, paaka, kaware tonpara. Umî koneekapî'tî'pî amookopokonya tiwa'seepara o'ma'kon namai'.

Amooko poman wanikkon mîikîrî So'so. Poman no'pî yese' Xiwoosiwo. To' munkîyamî' wanî'pî asaakî'ne miya'pona' tiimo'tai' kaixoronkon. To' rawîronpe amooko Pirara wanî'pî, itaakonpe Miritã moroopai Piriatto, Varansisco, Ariisantri, Xikku moroopai Wo'pa' to' wîriisi.

Morooopaise, tiiko'mamî'kon tîpo tiyaaronkon pemonkonyamî' ereepamî'pî sîrîrîpe Naporião ta'se pataapona' moroopai Arautaimî'ta', Kuariipa ta'. Inkamoro, tiiko'mansenon munkîyamî' pokonpe to' e'marinma'pî. Amooko pirara no'pî'ta'pî Arautaimî'tawon yarakkîrî, Piriatto no'pî'ta'pî uyarakkîrî, Masarikkupon. Varansisco no'pî'ta'pî Kaiyanapon yarakkîrî moroopai Ariisantri no'pî'ta'pî Napuriãpon yarakkîrî. Xikkuuse no'pî'ta'pî Masarikkupon yarakkîrî moroopai to' yamî'pî Wo'pa' tiyoma'pî Napuriãpon yarakkî. Inkamoro e'mainokon esenpo'san tarî Maikanpixiipo.

Amen panpî' amooko Pîreeka, Inkarî'ko', ereepamî'pî, ino'pî yamonkere. Inkamoro iipî'pî Roraimî yepin piyaapai pena, karaiwa tonpara tîise. To epaatama'pî Maikan Mîkaapo morooopaise Sansujanpo tewî'konton koneeka'pîiya. Moro to' ko'manpî'tî'pî, aruyaapî to' to' erenma'pî'tî'pî kono' kaixîrî. Epukkena'pe awanî yenen imi'ma'pî kanaimîyamî'ya tenpi tîsa'se aminke attîto'pe. Innape, innî' moro iko'manpaipara awanî'pî, tone mararî tiiko'mamî tîpo tiyaron pata pona' itî'pai aako'manpî'tî'pî. Mîikîrî epa'katu'ka'pî Kuiyana pona' iko'manse, miyarî kanaimîyamî' ya iwîitu'ma'pî Kuwaano Yepin paraakonpo.

**História da Maloca da Raposa
para coleção da história makuxi
Raposa, 20 de maio de 1988
Entrevista com Damiana Raposo.**

Tradução para a língua portuguesa

Faz muito tempo em que vovô Poman chegou para esta região a procura de sal. Com muita pesquisa encontraram o sal nas encostas da serra da Atola⁷³. Nessa época esta região havia muito perigo, animais carnívoros incomodavam boa convivência. Naquele tempo a terra era farta de caça e pesca, mas as pessoas sofriam por não terem casas e nem roça, mas a terra apresentava lindas paisagens que acabaram permanecendo definitivamente. Naquele tempo não havia branco na região, as roças eram feitas sem precisar de cercas como hoje, porque não havia gado e nem cavalo.

Outro idoso que chegou junto com Poman foi So'so que ajudou na construção da Raposa. A esposa de Poman se chamava de Xiwoosiwo, que significa cabelos enredados. Poman e Xiwoosiwo tiveram sete filhos: Pirara⁷⁴, Militão, Viriato, Francisco, Alexandre, Xico e Xiwoosiwo. Depois desses primeiros moradores da Maloca da Raposa outras famílias chegaram para a região formando outras comunidades como a de Napoleão, Guariba e outras.

Depois de alguns anos, possivelmente, trinta anos depois da formação da Raposa, a família de Pîreeka se estabelece na Raposa, vinda da região do Monte Roraima. Este se dedicou a religião do Areruya e segundo a história, os canaimés⁷⁵ o enfeitiçaram para que ele não viva no mesmo lugar de forma sedentária, mas que ficasse sempre mudando de lugar. Diz-se que por inveja de Pîreeka os enfeitiçaram por isso ele nunca se estabeleceu num lugar e viveu sempre de um lugar para outro onde chegando a morar nas encostas da Serra de Cuano-Cuano⁷⁶ quando foi morto pelos canaimés.

⁷³ Nome dado a um relevo situado a leste da Raposa muito conhecido como área de caça.

⁷⁴ Os filhos de Poman conseguiram ver os primeiros brancos que visitaram a maloca da Raposa estabelecendo fazendas e garimpos onde os índios foram os primeiros a servir o homem branco como empregados. Daí se percebe que os índios recebem outros nomes como: Pirara, Militão, Viriato, Francisco, Alexandre, Xikku. A outra hipótese é que as mulheres não tiveram contato permanente com branco logo com o branco logo com a sua chegada apenas os homens índios. Em razão disso, as mulheres não trocaram nomes naquele período, somente após a presença da igreja Católica as mulheres começam a mudaram seus nomes em português: Damiana, Dorica, etc.

⁷⁵ Os canaimés são pessoas que tem hábito de matar pessoas para tomar seu sangue em seus rituais para adquirir forças e poderes.

⁷⁶ Nome de um relevo que tem por significado, Serra da Águia, situado na Guiana Inglesa a leste do Estado de Roraima.

APÊNDICE B - Entrevistas para este trabalho

Entrevistado: Professor Aluim Henrique Raposo (57 anos)

Etnia: Makuxi falante

Data: 21 de novembro de 2009

Local: Parnásio Raposa I

- Comente como era a educação tradicional quando a escola foi implantada. Quem foram os primeiros professores, como e o que a escola ensinam? E quais foram as repercussões decorrentes do processo da educação escolar?

O primeiro professor foi Arlindo Trovão. O professor ensinava as 4 operações básicas da matemática e em língua portuguesa o programa se chamava ABCD, formação de palavras. Depois de Arlindo, o segundo professor foi Joaquim Level. Com ele aprendemos as quatro operações básicas da matemática, a leitura, saindo do ABCD. Depois de Arlindo foram: a Francisca, Abrelina e a Fátima. Com estas professoras estudamos as quatro operações básicas, o português a história, a geografia, a ciência.

Os professores ensinavam apenas a ler e escrever e a matemática básica, mas não me lembro se falaram, com o estudo poderia ser alguém na vida depois da formação. Mas acho que nunca falaram que o ensino poderia servir no futuro para os alunos.

Eu mesmo tive a iniciativa para prosseguir os estudos, não foram meus pais e nem meus avós que me incentivaram. Vi o sofrimento de meus pais e comecei a pensar no meu futuro e vendo os meus professores com uma roupa, calçado e pensei ser um dia um profissional. Para isto me esforcei para aprender cada vez mais e conseguir os meus objetivos pensando também no futuro dos meus filhos.

Havia sim castigo. Os professores usavam a palmatória e foi por isso que aprendi a matemática. Acho que se não houvesse a palmatória eu era analfabeto. Hoje em dia não existe a palmatória por isso temos muitas dificuldades com os nossos adolescentes.

Os pais esperam que os filhos estudem e tenham uma profissão para se manter. Antigamente, não havia preocupação com o estudo, mas hoje sim, o mundo está diferente, falta caça e pesca. É preciso que os pais incentivem seus filhos ao estudo, ser alguém no futuro pois com estudo a vida pode ser melhor.

No tempo em que era aluno, falava a língua com todo mundo, comia mais comida típica (damurida, tucupi, mungicado, manivara, lagarta, caxiri, etc), além disso, meu pai me curava com puçanga para ter sabedoria, ser um bom atirador, pescador, etc. Hoje em dia tá muito diferente e a escola atual tem o objetivo de revitalizar a cultura porém, os alunos não querem falar em sua língua, usar a sua flecha, sua davoana, talvez por que o estudo está avançado, eles vêem na televisão a cultura, o uso do arco e flecha – no meu tempo todos tinham arco e flecha. Nós usávamos davoana, tarrafa de pau, diferente dos jovens de hoje que se sentem vergonha de não usar as coisas que os antepassados usavam no di-dia. Falar a língua tradicional e a

nacional é de grande importância, sou professor falante e ainda preservo a minha cultura pois através dela tenho a minha identidade de índio makuxi.

Entrevistada: Lindolfo Fidélis da Silva (40 anos)

Profissão: professor

Etnia: Makuxi falante

Data: 22 de novembro de 2009

Local: Raposa I

- Comente como era a educação tradicional quando a escola foi implantada. Quem foram os primeiros professores, como e o que a escola ensinam? E quais foram as repercussões decorrentes do processo da educação escolar?

Não sei bem sobre os primeiros professores. O que analiso é a nossa vida atual. Tenho 40 anos e não vejo as comidas típicas, as crianças não falam a língua makuxi, se comunicam através da língua nacional. Não devemos entender que revitalizando a nossa cultura vamos viver como antigamente ou, isolado do mundo da sociedade envolvente. As duas culturas podem muito bem ser vivida na comunidade sem que haja conflito (auto discriminação, negação da identidade), mas viver em harmonia e diálogo. A educação indígena marca a nossa identidade, a nossa sobrevivência como povo makuxi e nossa história. Por isso, nunca devemos abandoná-la e sim, revitalizá-la. A educação escolar também é de suma importância para vivermos na cultura da sociedade envolvente. Precisamos, ler, escrever e falar a língua nacional para lutarmos pela nossa sobrevivência. Hoje o estudo está sendo muito importante para a sobrevivência, sem ele as dificuldades podem ser maiores. No passado meus pais não precisavam mecanizar uma área para plantar sua roça. Hoje precisamos conhecer o processo de mecanização da agricultura onde possamos produzir e retirar o nosso sustento.

Entrevistada: Gabriel Sarmiento Silveira (41 anos).

Profissão: Professor

Cargo: Tuxaua

Etnia: Makuxi falante

Data: 15 de dezembro de 2009

Local: Raposa

- Comente como era a educação tradicional quando a escola foi implantada. Quem foram os primeiros professores, como e o que a escola ensinam? E quais foram as repercussões decorrentes do processo da educação escolar?

Desde que entrei como tuxaua eu me preocupei com a comunidade de fazer o melhor e no entanto, não tem sido fácil, as pessoas acreditam em você e logo se torna contra. É natural isso. Sou professor, estudo na Universidade Federal de Roraima. Onde, tento adquirir mais conhecimentos que abra o caminho. Embora não temos os como nos tornar brancos mas usamos as coisas deles e desprezamos as nossas. Mas eu entendo que o mundo é desta forma, e não sabemos onde vamos

parar para pensar nisso. Eu sei que não temos como voltar atrás, mas eu acho que não podemos jogar tudo fora, devemos procurar os mais velhos e perguntar tudo o que sabe. Eles estão cheios de experiências, mas são pouco valorizados. A escola tem essa função, mas não procura fazer por que está faltando o impulso ou alguém que tenha uma visão mais ampla a esse respeito.

O índio tem uma cultura diferente a dos brancos. Os Makuxi dividem com seus parentes as coisas que conseguem, é um gesto muito bonito, mas não dá para um comerciante por que o comerciante não divide aquilo que tem com seus vizinhos, pois desta forma o comércio vai à falência (ENTREVISTA, 2009).

Nome: Maçarico

Profissão: Professor

Etnia: Makuxi falante

Entrevista: novembro, 2009.

- Comente como era a educação tradicional quando a escola foi implantada. Quem foram os primeiros professores, como e o que a escola ensinam? E quais foram as repercussões decorrentes do processo da educação escolar?

Eu não vejo aplicação da educação diferenciada na escola José Viriato Raposo. A educação diferenciada devia ser melhor trabalhada para que ela transparecesse diferente. Os programas curriculares são o mesmo que se aplica na cidade. Parece que, ainda a educação diferenciada não foi consolidada pela escola da Raposa I. “Estamos acompanhando a evolução do mundo através da leitura e da escrita”.

A educação hoje é controlada pelo Estado através da Secretaria de Educação, Cultura e Desporto. Portanto, não vejo a diferença. Os professores se empenham mais para repassar os conteúdos do programa da Secretaria de educação. Ler, escrever, estudar a matemática, tudo do conhecimento dos não índios enquanto os conhecimentos tradicionais estão sendo esquecidos a cada dia. Nós não temos autonomia para decidir o que nós queremos que os nossos filhos aprendam. Precisa a conscientização pela parte dos pais no sentido de ensinar a cultura tradicional para as crianças enquanto pequeno e sempre acompanhar o processo do desenvolvimento intelectual das mesmas até a fase de adultas (MAÇARICO, 2009).

Nome: Maria José Januário Raposo

Profissão: Professora

Etnia: Makuxi falante

Entrevista: novembro, 2009.

- Comente como era a educação tradicional quando a escola foi implantada. Quem foram os primeiros professores, como e o que a escola ensinam? E quais foram as repercussões decorrentes do processo da educação escolar?

Estamos seguindo um novo percurso com a nossa educação. Está difícil voltar e seguir o caminho dos antigos, os jovens pensam muito diferente, pelo que vejo, mas só uma suposição. Parece é que falta investir pesado no que diz respeito a cultura, estamos aplicam mais coisas de fora e não coisas dos nossos antepassados.

Aprendi a falar a língua Makuxi com a minha avó e não com a minha mãe. Com a minha mãe falo em português, graças a minha avó, hoje me sinto orgulhosa por saber falar na minha língua enquanto muitos não sabem e fica muito difícil recuperar depois de adulto. Por digo que é:

É preciso que o ensino da língua e da cultura ganhe forças como o ensino da língua brasileira. Além disso, os materiais didáticos em língua Makuxi usados pelos professores podem apresentar problemas no que se refere a inadequação para o ensino. Outro problema se dá por não haver curso específico para professores do ensino de língua tradicional. Enfim, os pais não ensinam os filhos a falarem em Makuxi e assim, acho que os alunos percebem que aprender a língua não tem muita importância na sua formação (ENTREVISTA, 2009).

Entrevistada: Idalece Paulino Fidélis

Etnia: Makuxi falante

Data: 21 de novembro de 2009

Local: Parnásio - Raposa I

- Comente como era a educação tradicional quando a escola foi implantada. Quem foram os primeiros professores, como e o que a escola ensinam? E quais foram as repercussões decorrentes do processo da educação escolar?

Os professores que iniciaram o trabalho escola foram Arlindo Trovão, Joaquim Level. Naquela época os pais conservavam as tradições antigas de incumbir certas responsabilidades para as filhas moças. A escola para os pais no tempo que estudava era um perigo, por isso, só estudei até segunda série do ensino fundamental. Os professores eram muito religiosos, ensinavam até catecismo na sala de aula. Ensinavam os hábitos e comportamentos como por exemplo de usar sempre vestidos com o tamanho abaixo dos joelhos. Para os meninos, andar sempre com a camisa abotoadas, a não se meter na conversa de adultos e velhos, ter muito respeito com tudo. Em casa se aprendia as tarefas de casa, o papel da mulher era fazer comida, cuidar das crianças e educá-las a não brigar, bater na mulher depois de casado, saber construir casas, fazer roça, não roubar, não andar a toa. Nessa época não havia problema com gravidez como vemos hoje, problema de drogas com alunos. Certo que o mundo melhorou, tudo está fácil mas os jovens estão pior que antes, não respeitamos mais velhos e outros problemas que dificilmente se via antigamente.

Os pais ouviam Viriato Raposo, aprendiam as lições do dia-dia e repassavam para as crianças e jovens. Os pais pediam para prestar atenção nas palavras de Viriato na igreja na hora da pregação do evangelho.

Entrevistada: Lourival Fidelis da Silva (60 anos).

Profissão: aposentado

Etnia: Makuxi falante

Data: 22 de novembro de 2009

Local: Raposa

- Comente como era a educação tradicional quando a escola foi implantada. Quem foram os primeiros professores, como e o que a escola ensinam? E quais foram as repercussões decorrentes do processo da educação escolar?

Antes da escola a ocupação da comunidade era apenas na agricultura. Todos trabalhavam para produzir e conseqüentemente todos tinham o que comer. A comunidade produzia feijão, batata, arroz, farinha, beiju, cana, pimenta e mamão. Não se sabia o que era escola nos anos 50, foi nessa época que o Senhor Arlindo Trovão iniciou as aulas. Nos anos 60 alguns alunos da localidade já estavam matriculados na escola da missão católica, em Boa Vista da qual estavam o Abel Raposo, Marcelino Raposo, Aluim Henrique Raposo, Francisco Raposo e outros. Esse mesmo período marca a presença dos brancos na maloca da Raposa I, nos momentos de festas de ano novo, da junina, carnaval, festa do padroeiro, etc. Com a formação dos alunos do internato foi possível a abertura da escola. Este foi indicado como o primeiro professor na Raposa I, em meado dos anos 50. Depois da abertura da escola na comunidade Raposa muitos alunos fizeram matrículas até mesmo alunos das comunidades vizinhas (Guariba, Napoleão, Xumina).

Esse novo sistema escolar mudou os hábitos de tradição makuxi ou seja, os jovens e adolescentes que ajudavam os pais na roça passaram o maior de seu tempo na escola na esperança de ter um salário no futuro ou ser alguém importante. O sistema de produção da comunidade no final dos anos 80 teve uma quebra em consequência da diminuição dos trabalhadores nas atividades de roça.

Não tenho nada contra a escola, mas ela provocou mudanças na nossa cultura eu não sei onde isso vai parar. As coisas estão difíceis e ao mesmo tempo fáceis. Está mais difícil de recuperar as nossas tradições e fácil para continuarmos adquirindo a cultura dos não índios.

Entrevistada: José Soares Fidelis (59 anos).

Profissão: garimpeiro

Etnia: Makuxi falante

Data: 23 de novembro de 2009

Local: Raposa I

- Comente como era a educação tradicional quando a escola foi implantada. Quem foram os primeiros professores, como e o que a escola ensinam? E quais foram as repercussões decorrentes do processo da educação escolar?

Não temos como voltar atrás e viver como os nossos pais viveram, da caça e pesca. No tempo em que havia 11 anos havia caça e pesca e pouca gente, parece que 100 pessoas. Hoje somos mais de 700 pessoas, 150 famílias, temos que procurar uma maneira para sobreviver, daí vem a esperança de que a escola pode contribuir no futuro dos jovens. Hoje tudo é comprado na Raposa I, principalmente a alimentação, parece que todos se tornaram individualistas e não como antigamente que havia partilha de tudo o que se encontrava. Quanto a cultura originária, a língua está se perdendo, embora [...].

Vivi durante muito tempo nos garimpos e aprendi a conviver mesmo com dificuldades, sem emprego as coisas se tornam mais difícil mas sei tudo o que os meus pais me ensinaram, plantar mandioca que é a principal, dela posso fazer a

farinha, o beiju e caxiri. Por outro lado, viver nessas condições é melhor do que viver devendo e dependendo eternamente do patrão mas tem hora que precisamos de emprego para resolver alguns problemas na cidade, como o caso de doenças. No meu dia-dia, em minha casa juntos com os parentes tenho o caxiri, a damurida, o beiju, a farinha e a minha língua para comunicar com os outros.

Não quero culpar a escola, mas ela tem sido um fato principal para que as crianças deixem de falar a língua Makuxi. Embora, a mãe e eu falamos com elas, mas elas respondem em português. Elas entendem a língua, porém, preferem responder em português. Eu fico triste com essa situação. Portanto é um problema sério e finalmente, acaba sendo aceito, parece um problema muito grande que não podemos dar conta (ENTREVISTA, 2009).

Hoje, muitas práticas antigas estão em transformações não sendo necessária a prática das mesmas por que não caçamos, não pescamos e não guerreamos como nos antepassados. A vida atual já não é a mesma como antigamente, usa-se outros instrumentos mais sofisticados para tais atividades como é o caso da arma de fogo em vez de arcos e flechas, panelas de alumínio em de panela de barro, rede de pesca em vez de tarrafa-de-pau, cama para dormir em vez de rede, energia em vez de fogo de lenha, etc. Ninguém gostaria de viver como antigamente, mas estamos acompanhando a modernidade”(ENTREVISTA, 2009).

Nós não temos como voltar atrás, estamos nos acostumando cada dia com o que oferece o mundo moderno. Embora queiramos viver como os antigos viviam, mas não conseguimos viver por que assim negamos as ansiedades geradas pela educação. A educação nos ensinou a matemática, o português, a ciência, a geografia baseada nos conhecimentos do povo branco. A educação foi muito forte nesse sentido, transparece que a nossa cultura é coisa do passado ou atrasado” (ENTREVISTA, 2009).

“Não conseguimos segurar os nossos filhos, eles estão puxando para o lado da escola. Falamos em nossa língua, mas eles (os filhos) respondem em português, mesmo entendendo o que falamos” (SOARES).

Entrevistada: Caetano Raposo (64 anos).

Profissão: aposentado

Cargo: Tuxaua da Raposa I

Etnia: Makuxi falante

Data: 24 de novembro de 2009

Local: Raposa I

- Comente como era a educação tradicional quando a escola foi implantada. Quem foram os primeiros professores, como e o que a escola ensinam? E quais foram as repercussões decorrentes do processo da educação escolar?

Raposa tem sobrevivido desde os tempos antigos, viviam apenas índios, não havia tanta doença, todos viviam em comunidade, com uma única religião. Os trabalhos eram feitos na forma de ajuri (mutirão), todos viviam um ajudando outro, ninguém era superior, todos eram iguais. Nem mesmo o tuxaua não era autoritário, o tuxaua é um líder escolhido pela comunidade por que ele é capaz de liderar ou conduzir a

população conforme a decisão de todos. Por isso o tuxaua tinha que olhar a todos e ficar atento com as mudanças ou com coisas que vão surgindo no dia dia.

“No passado, não havia tantos problemas como vemos hoje. Os problemas culminantes do passado era, a estiagem ou muita chuva. Mas o que vemos hoje são problemas que entram na nossa comunidade via a civilização”.

A chegada dos brancos trouxe coisas que mudaram a história dos makuxi. A escola por exemplo, é coisa do branco e que ela vai contribuir para os mais novos que precisam de leitura e de conhecimentos para conseguir emprego para a sobrevivência. Os antigos não precisaram disso, já sabiam como plantar e colher e prever o tempo. Essa ciência foi se perdendo ao longo dos tempos e agora está tudo diferente (transformado), os velhos, adultos e jovens pensam diferentes do passado. A idéia hoje é estudar, se não for o estudo não vai ter um futuro melhor (CAETANO RAPOSO, 2009 – ENTREVISTA).

Entrevistada: Domingos Batista (60 anos).

Profissão: motorista

Etnia: Makuxi falante

Data: 24 de novembro de 2009

Local: Raposa I

- Comente como era a educação tradicional quando a escola foi implantada. Quem foram os primeiros professores, como e o que a escola ensinam? E quais foram as repercussões decorrentes do processo da educação escolar?

Já tenho 60 anos e vejo que hoje está muito diferente dos tempos em que era jovem. Não somos culpados pelas mudanças por que fazemos parte dela. Não optamos por esta vida, mas ela chegou até nós, a energia, a escola, a tecnologia. Não temos aonde nos esconder para viver como indígena por que onde formos ela vai nos acompanhar. A nossa população está quase chegando mil pessoas, ela precisa encontrar o meio de adaptar-se a nova realidade, procurar emprego, produzir, comercializar, etc. Os adultos, os jovens e as crianças têm visões semelhantes a da cidade, pois aqui tem um pouco de cada o que a cidade tem. Você pode encontrar televisão em todas as casas. A televisão mostra tudo como é o mundo enfraquecendo o ensino da nossa língua e da nossa cultura. Eles querem ter o domínio dos conhecimentos universais. Então a nossa cultura fica em último lugar, embora os makuxi sintam a necessidade da preservação de sua cultura, mas existe uma força da dominação da cultura não indígena. Eu vou dar um dos exemplos: a luz, água gelada, o fogão a gás, etc.

No período das eleições tem parentes que se tornam rivais do outro que segue candidatos diferentes, pois cada candidato acaba incentivando os mesmos (parentes) a apoiá-lo e promete tudo, dar presentes, dinheiro e churrasco só para enganar os eleitores e é por isso que nunca elegemos nenhum vereador ou deputado por que os votos ficam divididos (ENTREVISTA, 2009).

Entrevistada: Armando Fidélis (59 anos).

Profissão: pedreiro e ex-professor do MOBRAL

Etnia: Makuxi falante

Data: 25 de novembro de 2009

Local: Viajando de ônibus de Raposa I a Boa Vista, capital.

- Comente como era a educação tradicional quando a escola foi implantada. Quem foram os primeiros professores, como e o que a escola ensinam? E quais foram as repercussões decorrentes do processo da educação escolar?

E o início no final dos anos 50, mas entrei na escola no início dos anos 60. Naquela época a escola não tinha muita importância para os moradores, por que tínhamos tudo. Tínhamos comida, bebida, havia caça e pesca bastante. Trabalhávamos em mutirão na roça, os trabalhos eram feitos na harmonia sem a individualidade, com isso, todas famílias tinha a sua alimentação. Não recebíamos nenhum benefício, mas vivíamos bem. Os jovens ajudavam os pais na roça e na colheita, havia respeito entre jovens e velhos, todos ajudavam uns aos outros. Hoje, eu vejo que o mundo está errado, embora a facilidade é uma questão bem-vinda, mas as pessoas se tornaram individuais. Os jovens dificilmente querem trabalhar na roça, eles preferem se dedicar às diversões, parece que eles se tornaram malandros. Já existem problemas envolvendo jovens, mas dificilmente vamos resolver de um dia para outro. Nós precisamos discutir seriamente sobre os problemas desta Comunidade pensando no futuro das crianças pois elas poderão sofrer mais que nós no futuro.

A primeira virtude é ser trabalhador o qual o homem ao constituir uma família deverá estar apto para dar a manutenção a sua esposa e filhos. Os demais como ser um bom caçador e pescador também faz parte dessa virtude. Além disso, o respeito seria outro eixo importante, tanto com a natureza quanto com as pessoas e principalmente aos velhos. Hoje em dia, os velhos não são respeitados e nem as pessoas parece que a vida não tem valor (ENTREVISTA, 2009).

a escola trouxe para a comunidade da Raposa coisas boas e ruins. As coisas boas referem-se possibilidade de ampliar a visão indígena através da leitura que antes não precisava. Hoje em dia é preciso que o indígena estude bastante e conheça o seu mundo e o mundo lá fora. A leitura possibilita o acesso aos conhecimentos do mundo civilizado e permite que encontramos um trabalho mais fácil. Quem não sabe ler perde muitas oportunidades. Porém, a escola tem a marca da desigualdade e individualismo entre os parentes. Tem gente que tem mais e outros e a maioria possuem pouco e não como antigamente, todos tinham. [...] naquela época os jovens participavam nos trabalhos comunitários e hoje eles se ocupam as atividades escolar (ENTREVISTA, 2009).

Entrevistada: Melania Henrique Raposo (70 anos).

Profissão: aposentada

Etnia: Makuxi falante

Data: 05 de dezembro de 2009

Local: Em Boa Vista

- Comente como era a educação tradicional quando a escola foi implantada. Quem foram os primeiros professores, como e o que a escola ensinam? E quais foram as repercussões decorrentes do processo da educação escolar?

Meu filho, tudo o que está dito na bíblia está acontecendo. Tio Viriato fala [...] e hoje está acontecendo. O mundo está cada vez mais se perdendo, o mau está crescendo, não há respeito entre as pessoas como era no meu tempo de criança. Os filhos não respeitam os pais, não ajudam em casa, passam o dia por aí e não pensam em trabalhar. Estamos morrendo de doença desconhecida pelos antigos e não sabemos como tratá-las. Eu estou sofrendo com dores na cabeça e nunca fui curada. Não existem pajés, tem o médico, mas não soluciona, depois que fala com paciente, passa uma receita e manda ele embora. São coisas que não entendo, só sei dizer que tio Viriato falava de tudo isso. Vocês vão chorar no futuro, toda nossa cultura vai se acabar, os pajés vão desaparecer, não vai ter um bom curador, vocês vão virar civilizado. Vocês vão ser operados sem necessidade e vão sofrer bastante. Para isso, vocês têm que preservar a nossa cultura, falar a nossa língua mas vejo que meus netos estão falando apenas a língua dos brancos e não vai parar, a tendência é só falar a língua dos brancos no futuro.

Hoje em dia as mulheres não fazem o resguardo como no antepassado. Ao sair da maternidade elas passam a fazer alguns trabalhos, como lavar fraldas, fazer comida, bebem água gelada, comem todo tipo de comida. No passado, após o nascimento do bebê makuxi a mãe banhava com água morna, tomar apenas o mingau de beiju (ikei) pouco quente. O curandeiro sempre acompanha a mulher no pós-nascimento do bebê. Aos pouco a mãe começa a tomar e comer alimentos recomendados com uma observação, “todos benzidos” pelo curandeiro. A criança também é benzida ao longo dos trinta dias. “O cuidado era importante, pois com o resguardo bem feito ajuda a mulher e o bebê serem fortes e sadios” (ENTREVISTA, 2009).

“Se o meu padrinho Viriato tivesse vivo seria capaz de dar muitas broncas com a vida que leva a comunidade da Raposa I. Ele ia falar sobre suas previsões feitas no passado e que se tornou uma realidade com os atuais moradores” (ENTREVISTA, 2009).

Entrevistada: Dalicio Viriato Raposo, ex-tuxaua da Raposa I(67 anos).

Profissão: aposentado

Etnia: Makuxi falante e remanescente dos epukkena’

Data: 08 de dezembro de 2009

Local: Em Boa Vista

- Comente como era a educação tradicional quando a escola foi implantada. Quem foram os primeiros professores, como e o que a escola ensinam? E quais foram as repercussões decorrentes do processo da educação escolar?

O primeiro morador chamado Poman chefiou as demais famílias que consigo andavam pela região da Raposa I, antes da estruturação daquela localidade. O termo tuxaua aparece na época do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), mais precisamente no Pós-Segunda Guerra Mundial. No período da Guerra muito indígenas foram convocados e levados para Belém para treinamentos e instruções do exército, dentre eles o Gabriel Raposo e outros Makuxi local que, após o fim da guerra chegaram famosos. Logo Gabriel foi escolhido por ser o melhor para chefiar a Raposa, por ter adquirido os conhecimentos no quartel do exército, além tudo, era descendente do primeiro ancião fundador da Raposa I (ENTREVISTA, 2009).

No passado, os indígenas Makuxi faziam guerras com as tribos inimigas. Havia regras nas guerras onde somente os guerreiros se confrontavam onde as crianças e mulheres eram poupadas (ENTREVISTA, 2009).

Os Makuxi no passado, antes do contato com branco, viviam em guerra (kuyaape) permanente. Nesse período as crianças aprendiam tudo sobre o combate na guerra. Algumas plantas eram usadas na preparação dos guerreiros. As mulheres também eram preparadas no serviço doméstico o que significa que elas também passavam pelo processo de cura através das plantas. As plantas dão forças e sabedoria e virtudes para as pessoas. Acredita-se que através delas as pessoas transformavam-se semelhantes ao que foram as plantas no passado enquanto ser humano. Nesse sentido o Makuxi não precisa do treinamento como acontece com a preparação física dos atletas no mundo dos brancos por que as plantas educam a pessoa a ser um bom trabalhador, um bom arqueiro, um bom pescador, um bom caçador, um bom pai e uma boa mãe, etc. (ENTREVISTA, 2009).

Os Makuxi no passado, antes do contato com branco, viviam em guerra (kuyaape) permanente. Nesse período as crianças aprendiam tudo sobre o combate na guerra. Algumas plantas⁷⁷ eram usadas na preparação dos guerreiros. As mulheres também eram preparadas no serviço doméstico o que significa que elas também passavam pelo processo de cura através das plantas. As plantas dão forças e sabedoria e virtudes para as pessoas. Acredita-se que através delas as pessoas transformavam-se semelhantes ao que foram as plantas no passado enquanto ser humano. Nesse sentido o Makuxi não precisa do treinamento como acontece com a preparação física dos atletas no mundo dos brancos por que as plantas educam a pessoa a ser um bom trabalhador, um bom arqueiro, um bom pescador, um bom caçador, um bom pai e uma boa mãe, etc. (ENTREVISTA, 2009).

Contam que nos tempos imemoriais, quando os personagens mito da história Makuxi, Insikiran e Ani'ke moravam na região da Raposa. Quando os dois irmãos resolveram ir à pescaria, e, consigo levaram uma pequena raposa (Maikan), animal de estimação (yekîn). Enquanto pescavam no lago, atual lago da Raposa, o animal

⁷⁷Existem plantas específicas para cada tipo de tratamento. As plantas representam a sabedoria, a força, a esperteza e a inteligência. As plantas são, segundo os antigos, pessoas que no passado foram dotados de sabedoria, força física e espiritual, inteligência, esperteza.

entrou na toca de tatu e continuou a escavação no sentido norte. Depois da pesca deram falta de seu animalzinho e descobrindo o local por onde ela havia entrado começaram a cavar em busca, sem sucesso.

Muito cansado com os esforços feitos, e cheio de aborrecimento procuraram vingar-se do animal. Depois de tantas horas, encontraram-na transformando-a em pedra e logo depositada nas encostas das serras da Raposa, local da cabeceira do igarapé. Segundo a história, o local por onde fizeram a escavação tornou-se um igarapé, rico em pesca. A partir daí o igarapé e o lago onde pescavam foi batizado como igarapé e lago da Raposa. Posteriormente, a comunidade também foi chamada de Maikan Pixi⁷⁸ (ENTREVISTA, 2009).

Entrevistada: Vitalina da Silva (65 anos).

Profissão: aposentada

Etnia: Makuxi falante

Data: 10 de dezembro de 2009

Local: Em Boa Vista

- Comente como era a educação tradicional quando a escola foi implantada. Quem foram os primeiros professores, como e o que a escola ensinam? E quais foram as repercussões decorrentes do processo da educação escolar?

As mulheres tinham o papel importante em casa. Cuidar das crianças, preparar a comida (yekkari), tecer redes (atta'), preparar fios para confeccionar as redes, as cordas e tangas, etc. Apanhar lenhas (apo' keme), preparar a comida (yekkari wannî), a farinha (u'wi), o beiju (ikei), o caxiri (wo'), o mingau (kiau'ri), etc. Esses trabalhos não eram feitos de qualquer forma, mas usavam as plantas para terem habilidades em tudo. As plantas agiam nas mulheres após o tratamento rigoroso. O objetivo do uso das plantas é a busca da perfeição através das virtudes⁷⁹. Não é por acaso que os velhos sabiam confeccionar os artesanatos com muito profissionalismo" e sim por causa do tratamento com as plantas (ENTREVISTA, 2009).

José Amadeu

Aluno: 5^a

Etnia: Makuxi não falante

- Comente sobre a sua vida na comunidade e na escola. O que você espera quanto aluno? Você tem segurança no que faz para o seu futuro, seja na escola, na comunidade?

⁷⁸ Perna da Raposa, traduzindo em Língua Nacional. A comunidade está localizada próxima onde termina o igarapé ou também dito, perna do igarapé da Raposa.

⁷⁹ As virtudes dizem respeito a uma boa conduta, o respeito, o zelo pela vida, a partilha, ser trabalhador, ser paciente, entender o outro, etc.

Eu moro aqui desde o nascimento, gosto daqui. Estudo todos os dias, às vezes falto a aula por necessidade, quando vou pescar, trabalhar e ajudar a minha família. A doença também provoca falta. O estudo é importante para todos mais o uso deste estudo na vida profissional só acontece com aqueles que tem sorte na vida. Nem todos vão conseguir emprego, mas eu estou lutando para conseguir emprego no futuro. Se Deus quiser eu vou conseguir. Na comunidade participo poucas vezes na reunião, embora ela é importante na formação dos jovens mais nós não somos ouvidos se darmos palpite sobre alguns trabalhos e administração do tuxaua. Eles acreditam só nos adultos. A escola não consegue ensinar a nossa cultura, é um ensino muito fraco que acaba na mesma situação ou piora cada vez mais.

Paulo Roberto
Aluno: 7ª série

- Comente sobre a sua vida na comunidade e na escola. O que você espera quanto aluno? Você tem segurança no que faz para o seu futuro, seja na escola, na comunidade?

Muitos falam que a escola pode melhorar a vida das pessoas. Os velhos ensinam que a cultura é importante para a vida adulta. Eu fico me perguntando se aprendo as coisas da tradição ou me dedico ao estudo. Eu acho difícil aprender a nossa cultura por que não vivemos como ela era vivida nos tempos atrás. Está difícil mesmo, porém muitos falam que preservar a cultura é importante para mantermos a nossa cara (identidade). Aqui a população é muito grande, as vezes precisa ser criada uma política de ação favorável a cultura. Não podemos mais viver como antes, nós precisamos entender isso.

Às vezes penso em viajar em busca de uma vida melhor mas tenho medo de não encontrar o que espero por isso, é melhor continuar aqui e esperar mais, quem sabe com o estudo vou alcançar o melhor para a minha vida.

Silva Costa
Aluno: 8ª série
Etnia: makuxi não falante

- Comente sobre a sua vida na comunidade e na escola. O que você espera quanto aluno? Você tem segurança no que faz para o seu futuro, seja na escola, na comunidade? Que emprego desejas ter?

Gosto da minha comunidade, não poderia trocar ela por outra. Aqui eu tenho a diversão, tenho estudo, trabalho com meus pais e vivo feliz. Tenho esperança de que um dia, ao terminar os meus estudos, arranjar um emprego qualquer para continuar vivendo aqui na comunidade. As vezes eu penso de sair para arranjar emprego mas sinto que não, quem sabe lá fora é pior. Quanto a preservação da cultura eu me sinto às vezes envergonhado por que não sei falar na língua dos meus avós. Já tentei recomeçar e no entanto, não consigo sucesso e aí acabo me desestimulando.

Paulino**Aluno: 1º ano (Ensino Médio)**

- Comente sobre a sua vida na comunidade e na escola. O que você espera quanto aluno? Você tem segurança no que faz para o seu futuro, seja na escola, na comunidade? Que emprego deseja ter?

Estou pertinho de terminar os meus estudos, quero fazer concurso quando aparecer e conseguir um emprego que garanta a minha vida futura. Casar não penso nesse momento. O casamento pode acabar com a minha felicidade futura. Quero conhecer melhor o mundo e só depois me casar e ensinar os meus filhos. Eu tenho a esperança de que, com o estudo eu vou conseguir algo futuro. Vejo a comunidade cheios de problemas, os jovens e adultos com alguns problemas, meninas grávidas, jovem envolvido com alcoolismo são problemas que devem ser feitos com cuidado a solução para que, o mal não tome conta da nossa comunidade. Temos que resolver o problema da alimentação na nossa comunidade, a população está crescendo, acho que vai ser um problema no futuro. Não tenho escolha, quero ter apenas um emprego e não tal emprego ou qualquer emprego.

Terêncio**Aluno: 2º ano (Ens. Médio)**

- Comente sobre a sua vida na comunidade e na escola. O que você espera quanto aluno? Você tem segurança no que faz para o seu futuro, seja na escola, na comunidade? Que emprego deseja ter?

Aqui eu pesco, trabalho na roça, estudo e vivo feliz na comunidade. Sou preocupado com a perda da cultura, mas não posso fazer nada sozinho. Todos têm que se empenhar para viver a cultura, principalmente os pais que não ensinam a língua. Quem ensina a língua são as velhinhas por que só falam em Makuxi, aí se apreende. Eu gostaria de ser professor de língua. Não estou falando que vou ser, mas gostaria de ser. Falta solucionar muitos problemas nesta comunidade, como a falta de alimentos com qualidade, estudo que garanta o emprego, trabalhar a saúde da nossa comunidade.

Joane**Aluna: Ensino Médio**

- Comente sobre a sua vida na comunidade e na escola. O que você espera quanto aluno? Você tem segurança no que faz para o seu futuro, seja na escola, na comunidade? Que emprego deseja ter?

Já tenho andado por aí, nas cidades e vilas, mas não gostei. Eu prefiro ficar aqui com meus pais, longe daqui só nos traz desgostos. Aqui não vemos mortes, violências, poluição. Aqui vivemos em paz. A comida não é problema, pois estamos acostumados a comer pouco, o importante é que não falte o necessário para a sobrevivência. Aqui vemos um pouco da tradição, fazemos a nossa bebida, comida, usamos os utensílios tradicionais, mas, não falamos em língua makuxi. Já tentei, mas é difícil, parece que ninguém quer falar em makuxi só o português. O povo só

fala que é importante, mas não ponha prática. Meus pais falam que o estudo é importante hoje em dia para conseguir emprego, estou me esforçando e sei que vou conseguir se Deus quiser. Qualquer emprego serve por que não temos escolha, ser professor, por exemplo, só entram aqueles que têm mais sorte ou por que estudaram bastante.

Jane

Aluna: Ensino médio

- Comente sobre a sua vida na comunidade e na escola. O que você espera quanto aluno? Você tem segurança no que faz para o seu futuro, seja na escola, na comunidade? Que emprego deseja ter?

Aqui vivemos na luta, luta pela alimentação, pela terra e pela sobrevivência todos os dias. Não há caça e nem pesca, quando tem, se encontram muito distante da comunidade. O lago da Raposa faz milagres, todos os dias tem gente pescando e não acabam os peixes, sempre conseguem pegar um ou dois quilos de cubiu, um peixe de 10 centímetros. Com estes peixes se faz a damurida bem quente e assim vamos lutando. Somos mais de 600 pessoas, é muita gente, não é? Como vivem todos nós, eu particularmente, acho que vivemos bem. Eu estou confiante no estudo, mas tenho faltado bastante, por necessidades, porém, estou apostando que vou conseguir emprego quando terminar o estudo. Eu acho cansativo estudar e fico pensando que o estudo não para aí mas podemos continuar. Por isso, gostaria de ser alguém com emprego fixo para sobreviver e para permanecer na minha maloca.

Tereza

Aluna: Ensino Fundamental

No passado nossos pais tinham pouca preocupação, por isso os brancos os chamaram de preguiçosos. Foram eles que trouxeram essa vida de aperreou. Ninguém tem paz, tem que fazer isso e aquilo, não paramos, não contamos a história e nem ouvimos. Ficamos cansados com as nossas atividades. Não visitamos os nossos vizinhos, não temos tempo para conhecer a nós mesmos, tudo o que aprendemos são coisas de fora e assim vamos aprendendo coisas para a nossa vida não de acordo com a nossa cultura e sim com a cultura dos brancos. Temos pouca terra, por isso não há mais caça e nem pesca, somos quase mil pessoas, falta alimento para todos. Hoje não se fala a respeito, temos que discutir o futuro de todos. Não há emprego para todos. Para onde irão os estudantes que frequentam as aulas todos os dias? Graças a Deus não posso mentir, que ainda estamos vivendo bem, não vejo reclamações mas acho que é preciso discutir o futuro desta comunidade. Além disso, a nossa cultura está se apagando aos poucos e não vejo o esforço pela parte de todos, nem os pais estão ensinando a língua para os filhos estão aprendendo aquilo que é vivido, como a comida, a bebida ainda são feitos como os antigos faziam, menos o uso da língua. Os pais não estão falando com seus filhos na língua e vamos perder o costume de falar através dela.

Abílio

- Comente sobre a sua vida na comunidade e na escola. O que você espera quanto aluno? Você tem segurança no que faz para o seu futuro, seja na escola, na comunidade? Que emprego deseja ter?

Não sei bem o que dizer sobre a vida na comunidade. Acho que está indo muito bem. Tem comida, bebida, tem escola e não vejo a preocupação pela parte dos pais. Mas eu acho que a nossa cultura está se perdendo e não vai ter volta caso não seja tomada providencia. O tempo vai passando e continuamos dormindo, falta acreditar na possibilidade de utilizarmos a nossa cultura que é a nossa identidade. O mundo muda, mas a nossa pele não de cor, fica velha, mas ela continua sendo a mesma. Seremos então, no futuro, brancos? Não teremos direitos sobre a terra como temos hoje se perdermos a nossa identidade. Pensar desta maneira para mais tarde estar seguro.

Maria

- Comente sobre a sua vida na comunidade e na escola. O que você espera quanto aluno? Você tem segurança no que faz para o seu futuro, seja na escola, na comunidade? Que emprego deseja ter?

Vejo que todos estão enganados com a questão de emprego. Meus avós nunca tiveram emprego, mas sempre viveram bem. Com muita roça, com a criação de animais os meus avós garantiram a sua sobrevivência. Hoje muitos dependem dos benefícios do governo. O benefício é pouco e não dá para uma família grande. Muitos dizem que é falta de chuva e faz muito calor, mas não acredito, falta os conhecimentos dos antigos para colocar em prática os plantios. A escola está ensinando coisas de fora e não ensinam as coisas da nossa cultura e assim sempre vamos depender dos conhecimentos dos não índios. Perdemos os nossos conhecimentos e agora quem vai ensinar são os técnicos brancos, com isso, vamos perdendo a nossa autonomia.

APÊNDICE C - Nome e idade dos informantes

Nome do Informante	Discente de 15 a 18 anos	Docente de 35 a 60 anos	Idoso de 59 a 70 anos
Abilio Silva	x	-	-
Aluim Henrique Raposo	-	-	x
Armando Fidelis	-	-	x
Caetano Raposo	-	-	x
Damiana Raposo	-	x	-
Dalicio Viriato Raposo	-	x	-
Domingo Batista	-	-	x
Gabriel Sarmento Silveira	-	x	-
Idalece Fidélis	-	-	x
Jane Pereira	x	-	-
José Soares Fidelis	-	-	x
José Amadeu	x	-	-
João Maçarico	-	x	-
Joane Silva	x	-	-
Lindolfo Fidelis da Silva	-	x	-
Lourival Fidelis da Silva	-	-	x
Maria José Januário Raposo	-	x	x
Melânia Henrique Raposo	-	-	x
Paulo Roberto	x	-	-
Paulino Fidelis	x	-	-
Silva Costa	x	-	-
Terencio Lima	x	-	-
Tereza Januário	x	-	-
Vitalina da Silva	-	-	x

x – entrevistados (discentes, docentes e idosos)